COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA
HOMERO
POEMETOS
E FRAGMENTOS
TRADUÇÃO DO GREGO,
INTRODUÇÃO E NOTAS DE
Pe. M. ALVES CORREIA
LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA
LISBOA

POEMETOS E FRAGMENTOS
DE HOMERO

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses **Autores estrangeiros**

●

A venda:

SÁ DE MIRANDA — Obras completas, *2 volumes*

FRANCISCO MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*

JOÃO DE BARROS — Panegíricos

TOMÁS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias

DESCARTES — Discurso do método, Tratado das paixões da alma

DIOGO DO COUTO — O soldado prático

FREI LUÍS DE SOUSA — Anais de D. João III, *2 volumes*

HOMERO — Odisseia, *2 volumes*

FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*

M.me DE SÉVIGNÉ — Cartas Escolhidas

ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, *2 volumes*

HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, *4 volumes*

FRANCISCO RODRIGUES LÔBO — Poesias, *selecção*

MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*

MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*

FILINTO ELÍSIO — Poesias, *selecção*

LA BRUYÈRE — Os Caracteres

AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *Selecção*

FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, *selecção*

GIL VICENTE — Obras Completas, *6 volumes*

BOCAGE — Poesias, *selecção*

AMADOR ARRAIS — Diálogos

HOMERO — Ilíada, *3 volumes*

JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*

DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito

FRANCISCO RODRIGUES LÔBO — Côrte na Aldeia

JOÃO DE BARROS — *Décadas, selecção, 4 volumes*

DIOGO BERNARDES — Obras Completas, *3 volumes*

CANCIONEIRO DA AJUDA — *volume I*

CAMÕES — Obras Completas, *5 volumes*

FREI LUÍS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, *volumes I e II*

DIOGO DO COUTO — Décadas, *2 volumes*

A seguir:

FREI LUÍS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, *volume III (último)*

CANCIONEIRO DA AJUDA — *volume II*

Cada volume .... **20$00**

Tiragem especial de 100 ou 200 exemplares, numerados e rubricados .... **90$00**

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA

•

Homero
POEMETOS E FRAGMENTOS

Tradução do grego, introdução e notas de

P.ᵉ M. Alves Correia

•

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA
Rua Garrett, 100-102 LISBOA

Desta obra tiraram-se 100 exemplares em papel Leorne, da Companhia do Papel do Prado, numerados e rubricados.

Todos o exemplares são autenticados com a rubrica dos editores

Propriedade da

LIVRARIA SÁ DA COSTA — Editora

1947

Composto e impresso na
Oficina Gráfica, Limitada
Rua Oliveira do Carmo, 8
LISBOA

INTRODUÇÃO

Juntando à Ilíada *e* Odisseia *as composições do presente volume* — Pequenos Poemas e Fragmentos — *temos as «obras completas de Homero».*

Esta designação é aceite convencionalmente, desde há muito, pelos editores de livros clássicos. Julgo desnecessário prevenir os Leitores de que nenhum dos «pequenos poemas» ou «fragmento» é do autor (ou autores) da Ilíada *e da* Odisseia.

I

A Bàtracomiomaquia *não pode ter sido escrita pelo autor da* Ilíada, *mas por alguém já muito enfastiado estilo grandíloquo.*

Narra o poemeto, em trezentos versos, a furiosa guerra que se levantou entre ratos e batráquios, por se ter afogado no lago um rato.

Atribuíram os ratos aos batráquios a morte de seu príncipe e lhes declararam injusta guerra.

Os deuses, ao princípio neutros, por fim entrevieram, para salvar os batráquios de extermínio completo: mas nem a raio conseguem tirar a vitória aos ratos.

Os ratos foram vencidos, não pelos ratos, mas pelos carangueijos, que entraram na guerra, chamados pelos deuses.

Eis o desfecho da luta e o fecho do poema burlesco.

Sobre o valor literário da Bàtracomiomaquia *pronunciam-se os autores do* Manuel d'Histoire de la Littérature Grecque *(Croiset) nos seguintes termos:*

«L'auteur, pour parodier l'epopée héroïque, en imite le style, les formules, les inventions traditionelles, les récits. Cet auteur, selon Suidas, serait le même Pigrès dont il vient d'être question. Nous n'avons aucune raison d'en douter. Son poème eut du succès dans l'antiquité; il en eut plus encore au moyen âge chez les Byzantins et jusqu'au siècle de la Renaissance. En réalité, c'est une œuvre médiocre. Même en tenant compte des altérations du texte, il est difficile d'en louer le style,

qui est souvent plat. Quelques inventions ingenieuses dans le détail dissimulent mal la sécheresse et la pauvreté de l'imagination. Comme échantillon unique de l'«Épopée animale» dans la littérature grecque, la Batrachomyomachie *a son prix; comme œvre d'art, elle est d'ordre inférieur (Obra citada, p. 85).*

Estas palavras de crítica, demasiado severa, são ilucidativas. Também a impressão dominante que a leitura do texto deixou em meu espírito é que se trata de «Epopeia animal» e não de «episódios nacionais» de qualquer raça ou belicosa gente. Pode dividir-se o poema em três quadros de zoologia pitoresca e picaresca: Ratos, Batráquios, Carangueijos (Batráquios em vez de Rãs, porque a gramática da epopeia não admite aqui o substantivo no género feminino). Não é isto, porém a única «amostra» («l'échantillon unique») da arte animalística na literatura grega. Será preciso lembrar que Esopo escreveu em grego? As Aves *e as* Rãs *de Aristófanes? As magníficas bestas que vivem nos versos de Homero?... Baste recordar a gesticulação festiva, animadíssima, do rabo de Argos, cão de Odisseus.*

O estilo será por vezes «chato» («plat»)

como diz o ilustre crítico francês; mas não «souvent», frequentemente.

Nota-se, de facto, uma certa ênfase, cansada e cansativa, nos arremedos da eloquência de Homero: os heróis só podiam falar a lingua do «Coax» ou da «Chiadeira», sendo--lhes vedado o exprimirem-se ore rotundo *como os príncipes da* Ilíada.

Todos os vocábulos da Bàtracomiomaquia *se encontram registados nos bons dicionários: são considerados pelos senhores helenistas como moeda de bom cunho; «grego» dos bons tempos.*

Se da análise gramatical ou estudo filológico passamos à análise lógica, temos de reconhecer que se trata apenas de uma «brincadeira métrica», sòmente esboçada: pouco mais ficou redigido que o argumento do poema. Daqui provém a «sécheresse» ou seca brevidade, notada por Croiset.

Para se não ficar de todo em branco ou em jejum, tem de subentender-se, por conjectura o que o poeta terá imaginado. ...Tentemos, por exemplo, a decifração deste texto: ...«galéen deirantes» (v. 127): «felem deglubentes» (trad. latina); «una gatta scortican-

do» (trad. italiana); «pusiéronse corazas de pieles con cañas, que ellos mismos habian dispuesto con gran habilidad, después de desollar una comadreja» (trad. espanhola).

Pelo contexto se vê que se trata de arranjar fardamento para o exército dos ratos; ora, evidentemente, a pele unius felis, *de* una gatta, *de* una comadreja *ou de* uma bichana *é pouca fazenda para vestir tão numerosa tropa.*

O Diccionario de la Lengua Española *(Dicionário da Academia) dá esta definição e descrição do gato: «mamífero carnicero, doméstico, de unos cinco decímetros de largo desde la cabeza hasta el arranque de la cola, que por si sola mide dos decímetros próximamente»; no mesmo Dicionário se lêem, tiradas com exactidão, as medidas do rato: «mamífero roedor, de unos dos decímetros de largo desde el hocico hasta la extremidad de la cola que tiene la mitad: portanto, de uma pele de gato, sòmente se poderiam haver cinco fardetas, ficando o soldado, é claro, com o rabo de fora.*

Como nós dizemos — «quem não quer ser lobo não lhe vista a pele» —, em sua lógica natural, os ratos diriam — «quem não quer ser gato não lhe vista a pele»; e, voltando o

prolóquio, para fazer medo ao inimigo, resolveram juntar nos depósitos de fardamento quantos gatos mortos lhes foi possível encontrar.

É, pois, manifesto, pelo contexto, que o termo galée *tem de ser traduzido por «grande montão de gatos mortos» ou por «enorme rima de peles de gato».*

A ampliação que se deu a este «passo» foi generalizada proporcionalmente a toda a Bàtracomiomaquia, *porque assim me pareceu necessário para lhe apreender algum sentido ou, pelo menos, evitar uma interpretação absurda.*

II

HINOS

Sob esta designação coligiram-se poesias de natureza e índole mui diferentes.

Entre todos, o Hino a Hermeias *é «a mais curiosa história» que literatura alguma do mundo «em seus contos meteu». Melhor se lhe chamaria fantástico conto grego. É uma descomunal facécia, troça desaforada, galhofa imensa, riso inextinguível que se espelhou na*

cara dos deuses, inundou a face da terra e ainda hoje se se reflecte na literatura universal.

Mesmo na mitologia e literara gregas, em tudo que haviam cantado as Musas, é uma composição singular, originalíssima. Nada deixava prever semelhante arrojo de fantasia!

Parece-me que trabalharam em vão mitólogos e filólogos, quanto a esclarecer-nos a respeito da natureza e índole deste jovial e maligno deus.

Ermeias (Hermeas *ou* Hermês), *segundo alguns, é o mesmo que o védico* Sarameya, *derivado* Sarama, *que designa, na opinião de Kuhn, «a tempestade violenta» e, segundo o parecer de Max Müller, «a aurora».*

Welcker julga que Hermês *se relaciona com o termo* hormé, *que exprime ideia de movimento, como «noite e dia», «vida e morte».*

Os epítetos do deus também pouco nos dizem; são, geralmente, de significado incerto. Diáctoros: *«núncio» ou «internúncio», traduzem uns; «dádiva», «possessão», interpretam outros.* Ericoúnios: *«benéfico»?; «muito*

inteligente»? Argeifontes: *«matador de Argos»?; «mensageiro veloz»?*

Pela Ilíada, *sabemos destas acções e façanhas: arranjou um cetro para Pélope, cetro que depois andou nas mãos de Agamemnão (II); desencadeou Ares, que fora preso por Oto e Asfialtes (V); enriqueceu Ilioneus (XIV); teve de Polimela um filho, que se chamou Eudoro (XV); socorreu os Gregos (XIV); no* combate dos deuses *defrontou-se com Letó (XX); acompanhou e auxiliou Príamos, quando este foi à tenda de Aquileus resgatar o cadáver de Heitor e a mesma protecção lhe dispensou ao voltar (XXIV).*

Constam da Odisseia estes actos e sucessos em que entreveio: Foi enviado pelos deuses a Egisto, para que este não matasse a Agamemnão, e lhe respeitasse a esposa (I); vai a Ogígia, por mandado dos deuses, e persuade Calipso a deixar partir Odisseus (V); quando Hefaistos chamou os deuses para testemunharem o adultério de Afrodite com Ares, lá se apresentou Hermeias; e, como lhe perguntasse Apolão se não gostaria ele de estar no lugar de Ares, respondeu que sim e que não teria vergonha alguma dos olhos dos deuses (VIII); quando Odisseus se encaminhava para o palácio de Circe, saiu-lhe Hermeias ao

encontro e lhe deu a planta chamada moly, *antídoto de encantos e bruxedos (X); com Atenaia serviu de guia a Heraclés, quando este arrebatou do Haides o cão Cérbero (XI); contou a Calipsò que Zeus prometera ao Sol fazer em pedaços a nau de Odisseus, para castigar os marinheiros (XII); tomou parte na refeição servida por Eumeus a Odisseus disfarçado em mendigo (XIV); concedeu a Autólicos, avô materno de Odisseus, a faculdade de dominar os homens, por grandes roubos e com muitas mentiras (XIX); depois do morticínio dos Pretendentes, Hermeias com sua varinha de oiro, leva para o Haides as almas destes defuntos (XXIV).*

Do Hino a Pã, *consta que este rústico deus, muito venerado pelos pastores, teve por pai a Hermeias; como o novo deus nascesse muito feio, sua mãe, a ninfa Dríope, enjeitou-o; o pai tomou o filho nos braços, e, muito ufano, apresentou-se com ele no Olimpo; os imortais, particularmente as deusas, acharam muita graça àquele «enxovedo», e muito o festejaram.*

No Hino a Afrodite *se diz (é a mesma deusa que o afirma, fazendo o papel da ingénua filha de Otreus) que fora Hermeias que levara a amorosa diva ao monte Ida e com a*

varinha de oiro lhe apontara a cabana de Anquises (1).

No Hino a Demeter *lê-se uma formosa tirada oratória, por meio da qual Hermeias levou o duro e tenebroso Haides a assinar a célebre convenção entre os deuses luminosos e os poderes das trevas: segundo a letra dos tratados, Persefónea, esposa de Haides e filha de Deméter, tem o direito de passar no Olimpo toda a Primavera e todas as Primaveras.*

Parece que Hermeias, na chamada literatura homérica, é um mito «compósito» ou um deus misto, diurno e nocturno, luminoso e tenebroso. Desta qualidade «dúbia» do primitivo deus meteorológico ou sideral o novo mitógrafo criou o mito psicológico ou personifição da astúcia e consubstanciou Hermeias no duplicado carácter de refinada vilhacaria e de fremente hilaridade.

Filho de Zeus e de Maia, apenas nascido, logo declara à mãe, ninfa pobre, que não quer ser deus pobre nem se se resignará a ser filho de pai incógnito.

---

(1) Grande parte desta «erudição homérica» é tirada do *Indice de Nombres Propios* das *Obras Completas de Homero*, por Luís Segalá y Estalella, Barcelona, 1927.

Se Zeus lhe não dá compartição de bens, igual à de Apolão, ameaça que se arvorará em chefe de ladrões.

Ladrão sem malta, ladrão por conta própria, rouba as vacas do irmão e faz chacota do pai e da mãe.

O seu método de roubar vacas, obrigando--as a marcarem às avessas as pegadas, ficou célebre e foi imitado por Caco, ladrão por alcunha o «Mau», Kakós.

«Quator a stabulis præstanti corpore tauros
«Avertit, totidem forma superante juvencas
«Atque hos, ne forent pedibus vestigia rectis,
«Cauda in speluncam tractos, versisque viarum
«Indiciis raptos, saxo occultabat opaco».
(Virgílio, Eneida, *VIII, 207-211).*

Hermeias (o Hermeias da invenção do hinologista) exerceu influência notabilíssima na comédia grega, particularmente na «média» e «nova» comédia.

Nux Makrá *(noite prolongada) era um tema muito versado pelos comediógrafos e assunto de farsa, muitas vezes posto em cena.*

O filho de Maia foi quem tal tramóia in-

ventou; e a favor de Zeus seu pai toda a maquinação ordenou.

Hermeias, numa nuvem, diz à Noite que passa em seu carro, levado pelos ares por dois cavalos:

— Alto aí, Noite bela, pára um momento: trago um recado de Zeus que precisa do teu auxílio.

Noite. — Ah! és tu, Hermeias! Não esperava encontrar-te por aqui... e nessa posição! O farrapo de nuvem em que te assentas não é pròpriamente um trono...

Porque não arranjaste para assento uma almofada de púrpura ao menos?

Hermeias. — Sinto-me cansado de tantos recados a que me envia Zeus... Não é de estranhar que me sente para respirar um pouco.

Noite. — Queres ser engraçado, Hermeias. Aos deuses não fica bem o arquejar de fadiga.

Hermeias. — Então a gente divina tem de ser de ferro?

Noite. — Não digo tanto; mas sempre é bom salvar as aparências. Há palavras que desqualificam, envilecem: são do uso exclusivo da gente humana.

Hermeias. — Falas assim porque tens rodante carro. Os malditos poetas, quando aos

deuses distribuíram os cargos, fizeram de mim mensageiro pedestre como correio de aldeia ou paquete *de lojista: não deveriam eles, quando me destinaram a tal ofício, pôr a meu serviço ao menos um triste jumento ou, quando menos, um mísero cavalo lazarento?*

Noite. — Vamos lá! Entre os poetas, tu não gozas de boa fama; ainda assim te não trataram tão mal como merecias, visto que te dotaram de asas os calcanhares.

Hermeias. — Asas que me dão tanto alor para tirar os pés da lama como orelhas de burro cortadas da cabeça respectiva! Se tu me cedesses, para as substituir, as orelhas dos teus cavalos...

Noite. — Lereis, *te digo eu em excelente grego, amigo Hermeias: «deixa-te de lérias» e dize claramente e a sério o que pretendes de mim.*

Hermeias. — Eu, nada; é Zeus que precisa dos teus serviços, como já te disse. Para certa aventura em que se meteu ou vai meter, deseja hoje uma noite muito grande. muito comprida... comprida... entendes?... não em comprimento, mas em duração; isto é, Zeus manda que pares aqui o teu carro negro, até que eu volte aqui a dizer: podes fazer seguir o teu carocho.

(Cf. Anfitrião, segundo Molière, trad. de Guedes de Oliveira, Prólogo).

O infame estratagema da Nux Macrá *foi combinado com este intento:*

«Hermeias (a Zeus). — Se Alcmena é a causa por que suspiras e só desejas conseguir a delícia de sua formosura, verás como alcanças o que procuras.

«Zeus. — De que sorte?

«Hermeias. — Eu te digo, dá-me atenção: bem sabes que Anfitrião, marido de Alcmena, se acha ocupado na guerra dos Telabanos contra el-rei Terela e parecia-me que, tomando tu a forma de Anfitrião, fingindo teres já chegado da guerra, podias fàcilmente, sem experimentares os rigores e desdéns de Alcmena, conseguir dela o que desejas; porque, vendo ela em ti copiada a imagem e figura de seu esposo Anfitrião, como a tal te facilitaria o mesmo que agora como a Zeus te nega.

«Zeus. — Só tu, Hermeias, com as tuas subtilezas podias dar em tão subtil ideia, pois com ela já posso chamar-me venturoso e, para principiar a sê-lo, já me vou disfarçar na forma de Anfitrião e depor a majestade de meus raios. Oh, quem dissera que eu, para alcan-

çar a formosura de Alcmena, deixaria os resplendores de Olimpo!

«Hermeias. — Para que se logre melhor a empresa, eu também irei contigo, disfarçado na figura do criado de Anfitrião, chamado Sósia (ou Saramago), ajudar-te a lograr o teu intento.

«Zeus. — Não deixo de agradecer-te, Hermeias, que por amor do meu amor tomes a figura de um lacaio esquálido e sórdido».

(António José da Silva, Anfitrião*).*

A identificação do Hermeias do Hino *ou conto grego e do Hermeias da comédia estabelece-se pela acção contínua do mesmo embaidor, revelação de um singularíssimo carácter moral. O que não é possível é refundir numa pessoa Zeus e Anfitrião; Hermeias e Sósia.*

Roubar vacas e mistificar os homens não são obras que exijam grau diferente de esperteza.

Esperteza acima da qual outra se não pode conceber, entre os antigos, passava por divindade. Assim Hermeias foi deus ou a astúcia divinizada, e o será, enquanto não aparecer espertalhão de marca maior.

Ora, felizmente, nosso amigo Sósia — era

espertíssimo. Vigoroso egocentrista, soube jogar o Eu *e o* Não-Eu, *como um Fichte. Se uns momentos pareceu deixar-se iludir, era de velhaco...*

(António José da Silva reproduz a viva altercação do falso e do verdadeiro Sósia).

«Hermeias. — Este é o criado de Anfitrião; quero estorvar-lhe que não entre... Quem vem lá?

«Sósia. — Quem lá vai? Mas que lhe importa a ele que eu entre pela minha porta?

«Hermeias. — Porque esta porta é minha, e por ela não há-de entrar ninguém, se não disser quem é; e assim, ou diga quem é ou vá-se embora; e, quando não, irá aos empurrões.

«Sósia. — Está galante a empurração... perguntar-me o senhor o que eu quero na minha casa!

«Hermeias. — Qual casa?

«Sósia. — Esta de alto abaixo, que é minha, pela mercê que me faz meu amo, o Senhor Anfitrião.

«Hermeias. — Qual Anfitrião? Este que agora veio da guerra?

«Sósia. — Pois eu não sei que haja outro no mundo.

«*Hermeias.* — *Pois ele é teu amo?*

«*Sósia.* — Esse mesmo em carne viva.

«*Hermeias.* — *Homem, entendo que estás sonhando.*

«*Sósia.* — *Não há dúvida que eu sempre sonho em fazer a vontade a meu amo, o Senhor Anfitrião.*

«*Hermeias.* — *Homem insensato, sabes o que dizes? Não vês que esse Anfitrião é meu amo?*

«*Sósia.* — *Ora, sou criado de vossa mercê... Como pode ser teu amo, se ele não tem outro criado senão eu; e, se não, dize-me: como te chamas tu?*

«*Hermeias.* — *Chamo-me Sósia.*

«*Sósia.* — *Sósia? Pior é essa! E eu então que sou, visto isso?*

«*Hermeias.* — *Quem tu quiseres ser.*

«*Sósia.* — *Pois eu quero ser Sósia, ainda que não queira.*

«*Hermeias.* — *Pois magano, levarás dois murros, pelo atrevimento de tomares o meu nome.*

«*Sósia.* — *Tenha mão, senhor...*

«*Hermeias.* — *Pois dize-me na verdade quem és, se não, vou desandando outro murro.*

«*Sósia.* — *Que quer vossa mercê que eu*

diga? Se digo que sou Sósia, diz que minto; se digo que não sou, também minto.

«Hermeias. — Visto isso, ainda tens para ti que és Sósia?

«Sósia. — Eu bem o não quisera ser, só por dar gosto a vossa mercê.

«Hermeias. — Ora dize; não tenhas medo.

«Sósia. — Direi, se fizer tréguas na guerra do murro seco.

«Hermeias.—Eu te prometo, dize, quem és?

«Sósia. — Conhece vossa mercê Anfitrião?

«Hermeias. — Pois não hei-de conhecer a meu amo?

«Sósia. — Conhece vossa mercê em casa de Anfitrião um criado esgalgado, cara de piolho ladro, corpo de parafuso, pernas de disciplina; com um pé de cantiga e outro pé de vento?

«Hermeias. — Não estou lembrado.

«Sósia. — Era um criado, muito malcriado, chamado Sósia (ou Saramago*).*

«Hermeias. — Ó patife, insolente, assim me tratas com tão vis vocábulos?

«Sósia. — Não, senhor, que esse era eu.

«Hermeias. — Aqui não há eu senão eu. Já tenho alcançado quem és: ó lá, prendam este ladrão, que vem disfarçado roubar a casa de Anfitrião.

«Sósia. — Devagar, que cuidarão que é verdade. O ladrão é vossa mercê, que me furtou o meu nome.

«Hermeias. — Ainda replicas? Levarás nos narizes.

«Sósia. — Ora, senhor, tenho entendido que não sou nada nesta vida.

«Hermeias. — E eu que tenho com isso?

«Sósia. — Pois, senhor, já que me não bastou ser um Saramago nascido das ervas, para deixar de ser invejado o meu nome, peço-te que ao menos me deixes ser a tua sombra, que com isso me contento.

«Hermeias. — Não quero, que a mim nada me assombra.

«Sósia. — Pois, senhor, tão mal assombrado sou eu que nem tua sombra mereço ser?

«Hermeias. — Quem é tão ladrão que furta o meu nome também furtará a minha sombra... Não gracejemos; diga, em que ficamos?

«Sósia. — Em que ficamos? Eu fico com os murros e vossa mercê com o meu nome.

«Hermeias. — Pois vá-se embora, antes que faça chover sobre ele um dilúvio de pancadas.

«Sósia. — Pois adeus, senhor Sósia.

«Hermeias. — Adeus, senhor cousa nenhuma».

Pelos processos modernos, resolvia-se ràpidamente a questão, requerendo a análise do sangue. Os deuses não comem pão (artos) ; *do néctar e ambrosia não se forma o sangue* (tó haima), *mas sòmente um humor chilro, chamado o* ikhor *e que nas artérias dos deuses parece água de rosas e ao percorrer as veias toma a coloração de água de azeitonas. Bastaria que Sósia, para salvar a identidade ou* princípio de individuação, *tomasse pela mão o competidor e lhe dissesse: tua mão é delicada, semelhante e igual à minha «nos dedos, nas unhas, nas peles que tem»; mas se lhe fizesse um furo, em vez de sangue, deitaria bolhas de sabão.*

Plauto entendeu perfeitamente que Sósia personifica na comédia o princípio de individuação, *quando lhe atribuíu estas palavras significativas:*

Formido male
Ne ego heic nomen meum commutem et Quintus fiam e Sósia.

(V. 145-6).

«Ainda mal, que tenho medo se me não desminta aqui o nome, e de Sósia me torne Quinto!». É dizer, tenho receio de que de Um *me não façam* Homem das Dúzias.

Para amedrontar Sósia, Hermeias rugira entre dentes: A quatro já eu quebrei os queixos! Ouvindo a ameaça, diz Sósia: Eu não posso ser quinto; *pela significação do meu nome, sou:* solus, totus et unus.

Plauto serve-se do quase-equívoco latino de Solus *e* Sósia *para significar que se trata de um indivíduo, e, como tal, incomunicável.*

Sósias pertence ao onomástico grego, de sentido optativo, de bênção, como Eutiquides (Boaventura), Teofilo (Platão, Crátilo). *Na Comédia Nova é nome de escravo, talvez por eufemismo.*

Sósia fingiu ceder, para melhor revindicar a sua personalidade, como adiante se verá. Na disputa com o deus sofista, viu bem o estado da questão.

Segundo Plauto, enquanto dialogava com o adversário, o ia observando e comentava:

«Certe, edepol, quom illum contemplo et
formam cognosco meam

«*Quemadmodum ego sæpe in speculum inspexi, nimis simili'st mei.*
«*Itidem habet petasum ac vestitum: tam consimili'st atque ego.*
«*Sura, pes, statura, tonsus, oculi, nasum vel labra,*
«*Malæ. mentum, barba, collum: totus! quid verbis opu'st?*
«*Si tergum cicatricosum, nihil hoc simili'st similius.*
«*Sed quom cogito, equidem certo idem sum qui semper fui.*
«*Gnovi herum, gnovi ædeis nostra; sane sapio et sentio.*
«*Non ego illi obtempero quod loquitur; pultabo foreis*».

(Amphitruo, *vv. 283 a 291).*

Se o escravo de Anfitrião fosse um homem triste, ter-se-ia lamentado nestes termos ou equivalentes: com as Nuvens *de Aristófanes, «é o universo uma dúvida»; com as mistificações de Hermeias, «é uma dúvida o nosso espírito». Mas não. Sósia era um espírito firme. Reagiu e proclamou, antes de Santo Agostinho e de Descartes, o grande princípio da epistemologia:* Cogito, ergo sum! *Ou:* Quom

cogito, equidem certo idem sum qui semper fui.

Tornando-se mais consciente, Sósia quis e resolveu ser livre. Hermeias, obrigado a aceitar como bons os próprios argumentos, teve de servir a dois senhores, aos dois Anfitriões.

Vejamos como Sósia se descartou do serviço.

Anfitrião. — Onde estiveste até agora?

Sósia. — Quem? Eu?

Anfitrião. — Pois com quem falo eu senão contigo?

Sósia. — Pois suponha que não fala comigo, porque eu não sou eu.

Anfitrião. — Começa tu agora com disparates, ao mesmo tempo que quero me dês notícias de Alcmena!

Sósia. — Como poderei eu dar notícias da Senhora Alcmena, se eu não sei notícias de mim próprio?

Anfitrião. — Explica-te, Sósia.

Sósia. — Já não sou Sósia; não me quer entender?

Anfitrião. — Pois que és?

Sósia. — Sou cousa nenhuma; vê? Vê-me Vossa Mercê aqui? Pois suponha que me não vê.

Anfitrião. — Explica-te por uma vez, se não te matarei.

Sósia. — Por obedecer, ainda que sou nada, falarei um nonada. Eis que partindo eu para a nossa casa, com o recado de Vossa Mercê para a Senhora Acmena, a primeira coisa que encontrei foi a nossa cadela, que com o rabo começou a explicar a sua alegria...

Anfitrião. — Vamos adiante.

Sósia. — ...Achei a nossa porta aberta e, ao querer entrar por ela, mo empediu um vulto mui avultado.

Anfitrião. — E viste quem era!

Sósia. — Sim, Senhor.

Anfitrião. — Conheceste-o?

Sósia. — Sim, Senhor, conheci muito bem.

Anfitrião. — Pois quem era?

Sósia. — Era eu mesmo.

Anfitrião. — Pois tu estavas fora e dentro ao mesmo tempo?

Sósia. — Aí é que está o enigma.

Anfitrião. — Pois que te aconteceu com esse vulto?

Sósia. — Que me não quis deixar entrar; houve luta de parte a parte.

Anfitrião. — Pois não entraste a falar a Alcmena?

Sósia. — Como havia entrar, se mo impediram?

Anfitrião. — Quem te podia impedir, velhaco, embusteiro?

Sósia. — É necessário que lho diga muitas vezes? Não lhe disse já que fôra eu; aquele eu que já lá estava primeiro do que eu; aquele eu que me disse que eu não era eu; aquele eu, enfim, que deu muito murro neste eu... Heu mihi! *(*Anfitrião, *segundo António José da Silva) (1). E agora e por fim e para sempre eu me desquito do serviço do Senhor Anfitrião, deixando em meu lugar aquele eu que me disse que eu não era eu.*

Sósia serviu-se hàbilmente, contra Hermeias, do argumento chamado ad hominem, *que, neste lance, venceu um deus.*

Hermeias viu-se em grandes trabalhos, para servir e acomodar os dois Anfitriões, que andavam doidos e furiosos por causa de Alcmena.

---

(1) Dos diversos *Anfitriões* que julgo procederem do velho conto grego *(Hino a Hermeias)* como os grãos de mostarda nascem da «maior das hortaliças», não mencionei os *Anfatriões* nem copiei verso da obra de Camões, porque o nosso Poeta magno, não sei por que razão ou capricho, obrigou o *Sósea* a falar espanhol, e um espanhol que nem o diabo entende!

O jogo de aparências que às vezes envolve o espírito humano e o embrulha como em «camisa de onze varas» e o leva, como «gato em saco»... é uma das causas mais gerais do riso.

Bergson, em Le Rire, *relata esta singular entrevista com Mark Twain:*

— Tendes algum irmão?

— Sim; chamava-se Bill. Meu pobre Bill!

— Quê? Morreu?

— Nunca o pudemos saber. Paira um grande mistério sobre o excelente rapaz.

O defunto e eu éramos gémeos. Tínhamos apenas meio mês de idade, cada qual o seu, deram-nos banho na mesma bacia. Um dos pequenos morreu afogado. Nunca pôde saber-se qual dos dois. Uns pensam que foi Bill. outros dizem que fui eu.

— E qual é a vossa opinião sobre o lastimoso sucesso?

— Aqui, que ninguém nos ouve, vou confiar-vos um segredo que nunca revelei a alma vivente. Um de nós dois tinha um grão de beleza muito bem feito nas costas da mão esquerda; e este era eu. Ora, foi precisamente o «menino do grão de beleza» o que se afogou.

A mesma nuvem da confusão pode cair

também sobre... pessoas*?... sobre indivíduos das espécies animais.*

Monselet, célebre escritor francês e mais célebre gastrónomo, tinha um cão chamado Joli. Apertado da fome, durante o cerco de Paris, comeu-o. Depois chamou o cão (a lembrança do Joli) e lhe disse: rói estes ossos, que são teus!

Igualmente acontece chapar-se a mentira *na face da natureza bruta.*

Num monte da Grécia uma rocha arremeda o aspecto de uma velha. É Niobe que se converteu em pedra, em memória de seis filhos mortos por Apolão e de seis filhas mortas por Ártemis.

Na Serra da Estrela há uma rocha chamada Cara da Velha. *Não consta que a nossa* Velha *tivesse filhos nem filhas.*

Valeria a pena estudar com demora e atenção o carácter de Sósia, personagem de ficção, em que a literatura grega parece ter simbolizado o espírito humano, que sentiu a necessidade de se defender de visualidades, miragens, aparências, enganos de todo o género.

Hermeias é o deus da fraude, o embaidor máximo. Não se comprazia no latrocínio. Gostava de roubar, como exercício da astú-

cia; porque a arte de furtar pertence à arte de enganar. O roubo da personalidade humana é o pior dos roubos e o pior dos enganos.

Sósia resistiu ao grande entrujão como pequenino, mas intrépido, herói.

Em vão, diz a Escritura, se arma o laço ante os olhos do passarinho vigilante. Sósia era esperto como o eram em geral, segundo dizem, os escravos gregos.

O passarinho, se vê de improviso um espantalho, foge; mas logo volta, repara e, como Sósia a Hermeias, diz ao homem *de palha e trapos:*

Habes petasum... *tens um lindo chapeu furado... Que figurão!*

Digamos, pois, com Sósia e com os passarinhos:

Parecer e não ser; ser e não parecer... são coisas muito cómicas.

Hino a Apolão. — *É admirado como um dos mais belos trechos da poesia grega. Perpassam nesta composição visualidades astronómicas, mal condensadas em mito. Para nelas fixar a atenção, pareceram-me úteis*

umas palavras de breve prelúdio, que desde já declaro apócrifas, cujo sentido é isto apròximadamente:

Oh, nós todos que na terra estamos a ver navios, etc.

Há no poema um formosíssimo «Reisebilder» ou descrição poética das terras e ilhas da Grécia, tirada ao contar a lenda do nascimento de Apolão e peregrinações de Letó e depois retocada, ao narrar as excursões do deus por seus domínios, fundação e instituição de sacerdócio próprio e exclusivo...

Curioso este sacerdócio, constituído por piratas, conforme se conta no hino!

Hino *(ou cantata)* a Afrodite. *Composição froixa, em verso mole. O assunto* — os *amores de Anquises e de Afrodita — é muito banal, tantas vezes versado, antes e depois, com fastidiosa prolixidade. O poeta, do mal o menos, escreveu em estilo leve e gracioso.*

Hino à Deméter. — *É lindo e muito original. Quero dizer: há coisas muito belas nesta poesia; só aqui as achei. Não consta que o autor imitasse ou tenha sido plagiado. Deméter é uma deusa séria, enérgica em defender*

a filha, um tanto vingativa (os deuses são vingativos e muito!); mas placável, portanto, simpática.

Metanira (ou Metáneira), mãe do serôdio Demofoão, não será muito inteligente; é, porém, excelente «paz d'alma», pessoa muito agradável.

Demofoãozinho tem quatro irmãs: Calídice, Clisídice, Demo e Calítoe: todas quatro brincam com o menino, querem muito bem a Deméter, a quem chamam avó.

Hino a Diónisos. *Simples «borracheira» poética, que se pode deixar passar sòmente por ser um «disparate» do deus do vinho.*

Andando-se o deus passeando entre os rochedos e ondas, foi amarrado e metido à força numa barca de piratas. Já o capitão, tipo de ruim cara, dava ordens para se vender o cativo no mercado mais próximo.

Não concordou o piloto com o capitão, porque, sendo mais bêbedo que o seu chefe, logo reconheceu que o cativo era o deus do vinho.

O deus incógnito partiu as ataduras, plantou vinha no pau da barca, logo as vides formaram ramada, a ramada deu repentinamente cachos maduros.

Diónisos lançou os marujos ao mar, reservando o piloto, a quem, por ser «o bom pirata», *deu as uvas.*

Os marujos transformaram-se em golfinhos, o que quer dizer, de duas uma: ou os marujos sabiam nadar ou foram comidos pelos golfinhos.

Os Hinos *restantes são trechos muito breves, em que ora se lê uma prece, ora uma jaculatória ou uma praga.*

«En général, dans ces petites compositions, l'invention est médiocre, les formules abondent, le métier l'emporte sur le genie. On y sent l'épuisement d'un art qui vivait désormais de tradition et d'imitation. Quelques-unes, d'un caractère très particulier, semblent dénoter l'influence des croyances orphiques, qui s'organisèrent en doctrine au VI[e] *siècle» (Croiset).*

III

EPIGRAMAS

Muitas poesias de Homero se parecem com as nuvens do céu... em não terem dono. Suponho que estão no caso todos os Poemetos e Fragmentos.

Quanto aos Epigramas, *ninguém admite a mínima verosimilhança de autenticidade. Parece terem sido coligidos a primeira vez e atribuídos ao Príncipe dos Poetas por um pseudo-Heródoto, autor de uma* Vida de Homero. *Alguns serão de antiguidade ultra-venerável, e aludem à vida, incidentes e peripécias de aedos errantes.*

Dois destes Epigramas parecem-me curiosíssimos.

O Forno e o Vaso de Barro. — *É um violentò descarregar de raiva, contra uns oleiros, em valentíssimas pragas. Em circunstâncias análogas, um português, de mal com o vizinho louceiro, que dissesse* — Que na loja te entre um burro aos coices! — *não se teria vingado nada!*

Canção do Mendigo. — *No vigor do traço descritivo, pelo tom da súplica, e na simpatia que cerca o pobre de pedir, lembra o* Mendigo *de Herculano. O mendigo grego não faz lamúrias nem estendal de mazelas; diz o seu recado, chama a Boaventura, não para si, mas para o benfeitor real, provável ou hipotético. E vai-se em boa hora. A alma do pobre é leve como a andorinha e voa no azul do céu.*

IV

RELÍQUIAS DE POEMAS

De si afirmava Garrett que, apesar de tudo, cria em Camões. *De modo análogo, o mundo literário julgou salvar-se pela fé em Homero.*

Daí a superstição das relíquias: procuram--se, não lascas de crânio ou ripas do «pau da barca», mas versos de Homero, *o que, para o critério da fé, vale o mesmo que* versos dignos de Homero.

Margites. — *Aristóteles conferiu a Homero as honras de inventor da comédia, na suposição de que fora ele o autor deste poema.* Margites *(de* margos=*insensato, desregrado, furioso, tolo) é uma personagem ridícula, dando-se ares de herói. Tal obra só poderia ser concebida no declínio da epopeia e fora do ciclo dos poetas homéricos. Há quem atribui o* Margites *ao poeta Pigres, de Cária, irmão da rainha Artemísia.*

Cipríada. — *Reduz-se a alguns versos mencionados em* Escólios a Homero *e no* Banquete dos Sábios *de Ateneu.*

O autor seria um tal Estasinos (Stasînos) *de quem tudo se ignora, menos a hipótese de haver escritos versos. Segundo Próclus, que*

nos transmitiu o sumário ou argumento da epopeia, que é o mesmo da Ilíada, *um tanto ampliado, a* Cipríada *tributa honras especiais a Afrodite, deusa de Chipre.*

Ateneu, greco-egípcio (grego que vivia no Egipto? egípcio helenizado?), escritor do século III da nossa era, menciona muitos versos da Cipríada *ou* Cantos Cíprios *que se não lêem no* Sumário *de Próclus.*

Ateneu foi grande erúdito, mas escrevia mal. Banquete dos Sábios *é uma curiosa miscelânea, para onde foram transcritas coisas lindas.*

A heróica resistência de Némesis às torpes solicitações de Zeus é bela, mas vem contada muito fora de propósito. O começo do conto não tem jeito nenhum:

«Leda era filha de Némesis»... Etc.

Némesis foi uma autêntica heroina, honrada, enérgica, feroz, indomável. Comparada a Némesis, a «casta Susana» foi honestíssima, sem dúvida; mas lorpa e molengona.

«Afrodita e suas donzelas *colheram rosas de esquesita fragrância e puseram grinaldas de flores da terra, em vez de luzentes diademas, na cabeça da deusas».*

M. ALVES CORREIA

BATALHA DE RATOS E BATRÁQUIOS

Sendo-me forçoso poetar, antes de tudo às Musas rogo do Helicão venham todas cantar comigo o que escrevi no cartapácio que tenho ainda atravessado nos joelhos.

5 O que em áureos carmes se lê nos autos é a relação verídica da baralha imensa, preparada por Ares carniceiro: e é justo que todo o mundo saiba que os Ratos, igualando as proezas antigas dos homens Gigantes, filhos da Terra, levaram de vencida os 10 Batráquios e encheram de roubos e espólios, trofeus e palha, glória e farelos as próprias tocas e todos os seus buracos.

Sempre as coisas grandes tiveram princípio em 15 quase nada.

Um dia um Rato comeu sapo esturrado. E, como era natural, teve sede. E, como natural era também, quis beber água, que é a bebida natural por excelência, em razão de sua virtude refrigerativa. 20 Ora, como mais perto água não havia, resolveu o Rato ir beber da lagoa que não ficava longe. Mas notou a fina esperteza de rato que lhe estava de atalaia uma gata velha. Por isso dissimulou seus propósitos; e, reparando que a velha gata se en-25 levara a olhar para um netinho que brincava com um bugalho, fez-se rente ao chão, e como sombra

---

3. No cartapácio: por *en déltoisin*. Deltos, Writing-tablet *(A Greek-English Lexicon)*.

se esgueirou; e logo, aos guinchos e aos pinchos, correu para a água.

Bebeu, bebeu...

Depois levantou o focinho, olhou em roda, não 5 viu ninguém... e disse:

— Leve, fresquinha, sabe a camarinhas...

Em seguida lavou a cara e chapuçava deliciado, quando ouviu uma voz rude e rouca:

— Hou-lá! Ó tu, estrangeiro, alienígena, foras-10 teiro ou quem quer que és ou qualquer que sejas! Não tens lá em tua casa água no pote para fazer a barba? Como te atreveste, só e desarmado, a violar a fronteira de uma nação guerreira?

Quem assim falava era um verde «fardana» (sol-15 dado do Regimento Verde), de pique ao ombro, e tão mal-encarado como convém em serviços desta natureza: era ele um oficial de alta patente, em inspecção aos postos militares da Borda d'Água.

— Despacha-te, responde, continuou o Pelo Me-20 nos Capitão. Donde vieste? Bem haja ou mal haja quem te fez? Responde direito: ai de ti se eu desconfio... Se te mostrares digno de ser meu amigo, levo-te a meu palácio, onde hás-de gozar dos obséquios e presentes da boa hospitalidade. Meu nome é 25 Physígnathos, palavra sonora, que em vossa «chiadeira» se pode traduzir por «incha-bochechas». Deram-me este nome em razão de uns reservatórios de ar de que disponho perto dos queixos para tornar mais sonora a fala e melhor abrir esta boca grande 30 e bem rasgada para sempre dizer a verdade.

A isto fez o Rato umas singulares observações:

---

25. *Physígnathos*: «qui enfle les joues» (Bailly).

— Entre nós corre fama que vós arrancais da barriga a bexiga, e também as das mulheres (cada qual da sua consorte, bem entendido); e, quando saís à guerra, cada um de vós leva aos ombros, à maneira de mochilas, duas «roncas» ou dois sacos de traques para fazer medo ao inimigo. Pelo que agora estou vendo, a fama confirma-se. Sendo assim, não compreendo como queiras exclusivamente para ti esse nome ou título de Impa-Bochechas ou Sopra-Foles; é uma denominação que se ajusta e caracteriza bem a qualquer indivíduo da tua raça.

Physígnathos replicou:

— Gostei de te ouvir. Se não és inteligente, esperteza não te falta e não me pareces nada tolo. Entre Batráquios é rei quem mais ronca; ora aqui quem mais ronca sou eu; logo eu sou o rei dos Batráquios. Pela força deste argumento, sou rei, «de direito». E também sou rei «de facto»; porquanto todo o Exército Verde me proclamou e aclama seu Chefe Inamovível. E também me cabe o direito de reinar por nobre geração. Peleus é meu pai. Peleus em vossa língua dá «Enxurdado». Tal nome ou cognome quadra perfeitamente a quem me gerou; pois tive criação e passei a infância nas margens lamacentas do Erídano. Minha mãe chama-se Hydromédousa, palavra composta que junta a significação de duas outras palavras e são *água* e *império*. Este nome vale por um título de realeza, e até deve ser respeitado como verdadeira instituição dinástica. *Hydromédousa* diz o mesmo que, em vossa língua *Rainha das Águas.*

Volta o Rato com suas reflexões de muita esperteza:

— Saberá Vossa Majestade que na língua dos

Musaranhos rainha das águas só tem o significado de *baleia*. E *enxurdado!* Isso é palavra de porcaria: diz-se do bácoro e do porco.

Physígnathos estava admirado daquela viveza de
5 espírito e de ter recebido tanta resposta pronta. E tentou o Rato pelo lado da vaidade:

— Por teus modos, porte airoso, polidez e cortesia no falar, elegância dos gestos, vejo que também tu és pessoa nobre, de mão afeita à luva bran-
10 ca. Se te oferecessem o cetro, de certo não pegarias nele como numa tranca ou cabo de vassoura. Já to perguntei e não respondeste: quem és? quem são teus pais?

— Julgo inúteis inquirições *de genere* a meu res-
15 peito. Sou conhecido de todos os homens e deuses. Até as aves do céu, quando voam por cima da minha cabeça, costumam dizer: «eu conheço este fulano». Chamo-me Apanha-Migalhas. Meu pai é Papa-Pão. Minha mãe tem um nome muito engraça-
20 do: é conhecida por a «Lambe-Mós». Minha avó era novelista e sabia histórias de pasmar: «Era uma vez um *homo-labrostes ;* tinha uma filha espevitada e engraçadinha. Apanha-Migalhas foi-lha pedir. Labrosta não lha quis dar. Apanha-Migalhas quedou-se
25 lá para um canto, seu pêlo a *arrincar*. Mas, *ó dipois* de bem *disisperar,* qui-la roubar; o outro qui-lo matar. Apanha-Migalhas ficou fulo. Mas deu um pulo e se pôs a bailar!».

— Mas tua mãe? Lambe... quê? Que é que lambe
30 tua mãe? Que é que tua mãe lambe?

As quatro interrogações são de Physígnathos, verdadeiramente espantado de haver alguém que tivesse semelhante nome.

— Mós, mós de moinho.

E Apanha-Migalhas explicou assim a razão por
que sua mãe se chamava *assado :*
— Minha mãe foi ao moinho. Mãe a entrar, mo-
leiro a sair. Rodopiava a mó, lançando uma nuvem
5 de farinha ao ar. Minha mãe com só abrir e fechar
a boca, fez no bucho as papas. Quando a farinácea
nuvem rareou, minha mãe lambeu a mó, com pro-
veito de duas ou três colheradas. Nota curiosa: meu
avô materno não gostava de papas; quando a filha
10 lhas dava, zangava-se. Mas era perdido por presun-
to. Raras vezes o vi que não trouxesse algumas fe-
bras nos dentes, cruzadas com os bigodes.
Physígnathos insistiu numa das perguntas:
— A tudo respondeste cabalmente, menos a uma
15 coisa, e é, se queres ou não ter comigo pacto de
amizade.
— Só há um contra: à minha própria natureza
repugna andar de súcia com Vossa Majestade. Nos-
sos gostos são diferentes. Vossa Majestade afeiçoou-
20 -se às águas do charco e a quanto nelas há. Eu habi-
tuei-me ao convívio dos homens e gosto de meter
o dente em tudo que eles apreciam. Eles mantêm
perpétua e imperturbável aliança da Pança e da
Panela. Se não pertenço oficialmente à sociedade,
25 sou um discreto simpatizante e secreto participante.
Tenho grandes interesses em tudo que pode afectar
tal aliança. Fica ao meu alcance o alvo pão, por
mais entoalhado que o encontre nos redondos canis-
tréis. O pão não deve ser muito nem pouco tos-
30 tado; antes de ser gualdido dará seus estalinhos na
boca do manducante... E as delícias de ferrar os
dentes no presunto? E o besuntar do queixo e o
amaciar das barbas no toucinho? E o escuro fígado,
despido da branca túnica, reduzido a iscas de tão

agradável travor? A fome mais raivosa e velha, se dá num queijo mole, num instante se apazigua! E não é preferível meter o focinho num queijo duro a fazer um buraco no muro? Muito admiro e louvo
5 os veneráveis cozinheiros, enchendo as panelas de boas coisas para conforto e alegria dos mortais; sabem a arte dos condimentos e os segredos das especiarias e preparam tais iguarias que bem quereriam lamber-se com elas os deuses imortais. Por tudo isto,
10 quando há guerra e se ouve o estrondo horrendo das batalhas, entendo que é preciso defender a Panela, e apresento-me nas primeiras linhas entre os mais ardorosos combatentes. E, afinal, o homem não é mau homem. Quando está direito e teso e bate o
15 pé... é fugir! Mas quando está a dormir não faz mal a ninguém. Entre o Homem e o Rato há esta convenção tácita: quando o Homem dorme, o que é dele é do Rato. É, pois, quando o homem dorme que eu gosto de conviver e lhe faço as honras de
20 assíduo companheiro.

A noite passada fui ter com ele à cama. Saltei-lhe sobre a anca; dali lhe pinchei à barriga; inspecionei a boca um tanto aberta, a ver se não teriam ficado entre dentes retraços de febra. Depois, já um
25 pouco fatigado, assentei-me no queixo, que era voluntarioso e firme, e espreitei-lhe para dentro do nariz; e o modo como o homem respirava fez-me rir: parecia ter lá dentro duas «roncas» melhores que as tuas. Do queixo saltei aos pés da cama. Um
30 pé (do meu amigo e não da cama) estava descoberto; um dedo tinha a unha muito crescida. Cortei-lha com os dentes: sabia a chispe e a corno. Pedi ao mancebo (de pau) que me emprestasse a candeia mortiça, voltei à cabeceira, subi, entrei por uma

venta, com a luz na mão, como a explorar uma mina. A luz alvorotou um bando de morcegos. O homem espirrou, a luz apagou-se, e eu fugi, largando, não sei onde, a candeia, e arrastando, porta
5 fora, uma bela sandália, trazida pela arreata de uma correia nova. E

Deitei a sola de molho
Para o outro dia jantar.

10

Physígnathos apertava os queixos e inchava as bochechas para conter o riso e respondeu ao Apanha-Migalhas:

15 — Concordo, ó estrangeiro, com o elogio da Panela. Também nós, os Batráquios, possuímos coisas admiráveis à vista e deleitosas ao paladar, tanto na água como em terra. Primeiro, o Cronião dotou-nos de guelra e, depois, de pulmão; em liberdade pin-
20 chamos na água e saltamos em terra, e o que apanhamos é nosso e não temos necessidade de roubar. Segundo, temos palácios magníficos, com recheio excelente. Se queres desenganar-te, vem comigo e verás. Eu levo-te às costas. Abraça-te ao meu pescoço;
25 deves ter cuidado, primeiro, de me não esganar; segundo, de não te meteres a nadar, porque não sabes. Dentro em pouco entrarás alegre em meu palácio, onde serás recebido com música.

Physígnathos assim falou. E, com o movimento
30 de cortesia de quem arrasta a asa, baixou o ombro.

---

24. *Pescoço.* Pròpriamente, Physígnathos não tinha pescoço; mas também há pessoas que o não têm e, para que não *afinem,* ao cachaço chama-se pescoço.

Apanha-Migalhas saltou para as espaldas de Physígnathos.

O arganaz julgou-se novo Argos. Ia contentíssimo. Parecia-lhe que dos portos vizinhos multidões festivas o saudavam e aclamavam, e com acenos de cabeça fazia menção de agradecer às árvores e penedos distantes imaginários cumprimentos. E dizia repetidas vezes, admirado e desvanecido:

— Como nadas bem, ó Physígnathos amigo! Que prazer viajar contigo!

Bem depressa o entusiasmo arrefeceu com o frio da água e o frio do medo... Apanha-Migalhas chorava baixinho. Sentia a humidade trepar de pêlo em pêlo, pelo corpo acima; pareceu-lhe que uns dedos de gelo lhe puxavam as orelhas; sacudiu-as num estremeção... — esparrinharam muitas gotas de água!

O Sol poente avermelhava a lagoa. Apanha-Migalhas imaginou que toda a água era sangue de rato, para ali espremido e escorrido das unhas dos gatos de todo o mundo. O arrepio do medo e o violentíssimo esfôrço da vontade repuxaram-lhe para o traseiro a pele disponível e o rabo cresceu de modo espantoso. O Rato pensou em jugá-lo à praia; se lá acudisse alguém a puxar à corda, estaria salvo. O rabo cresceu muito, mas não quanto era preciso: aumentou alguns palmos; nem légua chegava... Depois o rabo fez-se remo; bateu na água inùtilmente: faltava-lhe a pá.

Outra coisa não podendo fazer, Apanha-Migalhas encomendou-se aos deuses todos, e increpou Physígnathos com as injúrias do desespero:

— Ah, oh! Pérfido! Sumiste o corpanzil na água e nas espumas; mal te enxergo por uma ou outra

mancha amarela, cor de peste. Devíso uma cabecita de lagartixa, com dois olhos estoirados, que parecem muito grandes, por desproporcionados. Estou seguro a ti só por uma perna que te apanhei e esta mesma me está a escorregar da mão, como enguia. Em teu contacto só encontrei gelo e sebo. Foi este o amparo que me prometeste, quando me convidaste a visitar teu palácio encantado? Arrastas-me quase afogado... Oh, não foi assim que aquele santo boi manso conduziu a Creta, sobre o espinhaço, a ninfa Europa! O boi tinha cornos e entre os cornos repas, tinha orelhas para ela se segurar; e, em caso de naufrágio, oferecia-lhe no grande rabo segura salvação: e tu não tens por onde se te pegue... E ele transportava uma deusa pesadona e tu levas um leve rato. Desde já te considero, para todos os efeitos, fraca besta ou besta má, pois me atiras ao charco.

Não se sabe se a oração de Apanha-Migalhas foi ou não grata aos deuses. Zeus costuma declarar-se por meio de uma serpente. E a serpente apareceu. Enrolou a cauda à pressa, fazendo uma bóia na lagoa, encurvou o colo para diante, ergueu a cabeça a enorme altura e cacarejou:

«Como o rato, como a rã, falta-me um sapo para três pratos».

Depois estirou-se na lagoa a todo o comprimento e correu direita como vara para os navegantes: o batráquio mergulhou, o rato baqueou de costas na água. A cobra desandou.

Caíra o Rato na água de costas. Não nadava, não

flutuava, não ia ao fundo: parado estava em seu semicúpio. E, apertando as mãos na cabeça, se lastimava em lúgubre chiadeira, que parecia já a chieira da agonia. O impulso vital, como sempre e mais
5 uma vez, reagiu: Apanha-Migalhas escoicinhou. Queria voltar-se no lençol de água, o rabo apanhar nos dentes e com os dentes o rabo cortar; porque o rabo, juntando-se nele as gotas de água escorridas de pêlo em pêlo em peso junto, se tornara incómodo
10 por teso e rijo e perpendicular ao fundo, para onde fatalmente, mais agora ou mais logo, havia de puxar o Rato todo.

Neste rebate de ânimo heróico, lembrou-se Apanha-Migalhas de uma amizade antiga — e com isto
15 bastante se consolava seu espírito atribulado: — passou-lhe pela fantasia a imagem de uma velha gamela, que vira um dia cheia ou meia de farelos, e depois assìduamente visitou, enquanto viveu em seco. Esta lembrança lhe sugeriu o projecto de se
20 meter numa gamela ou em qualquer vasilha de pau ou seco lenho, fazer-se ao mar até o Nilo e pedir pronto socorro ao Jacaré.

Neste feliz pensamento e doce esperança... morreu.

25 Médicos insignes como Queirão, Asclepiós, Podaleírios e Macaão, contemporâneos de Homero e que ataram as feridas a muitos herois da *Ilíada*, são de opinião que Psicárpax (o nosso Apanha-Migalhas) não morreu afogado, mas ou de reumatismo ou de
30 frio ou de medo ou dos três males juntos. O fundamento do parecer dos abalizados facultativos é que jamais alguém soltou pio no instante de morrer afogado; e Apanha-Migalhas já estava morto e ainda bem não tinha cessado de chiar, chilrar, trinar sua

raiva e frenesim. E foram estas as derradeiras palavras do épico roedor:

— Ó pérfido Physígnathos, serviste-te de teu corpo como de penhasco de traição. Se fôsse em
5 terra, a pé firme, em combate leal no pancrácio, nem em força nem em ligeireza me vencerias tu. Enganaste-me, tomaste-me às costas; nadaste, levando-me para longe; veio a cobra e fugiste, deixando-me de molho, nunca mais apareceste. Olho di-
10 vino já te assinalou; o exército dos ratos te virá procurar e minha morte vingar.

Foi narrada já, e em bem sentidas nénias, a morte lastimosa do rato ilustre, cujo nome soa em
15 todas as línguas da terra: os seus próprios nacionais o honraram com o nome de *Psikhárpax*; no estrangeiro, uns lhe chamaram *Micarum Raptor*, outros *Attrape-miettes*; estes falam do *Hurtomigas*, aqueles dão-lhe a designação de *Apanha-Migalhas*.
20 Em *Micarum Raptor* e *Hurtamigas* há manifesta calúnia. *Apanha-Migalhas* está perfeitamente bem. O rato não foi ladrão. Respeitou sempre a convenção daqueles tempos e de todos os tempos: «Quando o homem dorme, o que é seu do rato é».
25 Além da boa fama, Apanha-Migalhas deixou na pátria um venerável pai (Papapão) para o chorar e um filho para o vingar.

O filho de Apanha-Migalhas era muito parecido com o pai, particularmente na cauda: na índole e
30 em costumes, não tanto. O jovem chamava-se Leikhopínax. (O nome dá a entender que ele teria con-

5. *Pancrácio*. Pagkration, combat gymnique comprenant la lutte et le pugilat (Baylly).

traído, desde pequeno, o mau hábito de mexer no que estava nos armários. O pedagogo, quando o repreendia, o pai, quando lhe puxava as orelhas, pronunciaria o nome por extenso. Mais ninguém.
5 Os sócios da brincadeira diziam: «foi o Licopí»; ou «ó Pínaxe»; ou «anda cá, Pínaco». Na epopeia é obrigatória a pronúncia de todas as letras. Ainda lá não chegamos; mas a catástrofe aproxima-se).

A Musa da epopeia mostra-nos a dedo neste mo-
10 mento Pínaxe com seu bigodinho petulante a flanar na relva e a arrastar, por entre troncos de árvores, a sua preguiça e uma cauda demasiadamente crescida para rato tão juvenil. Chegara à ribeira quando o pai era «batraquiado» para o centro da lagoa; na-
15 da estranhou, por conhecer o génio expansivo de Apanha-Migalhas, sempre disposto a aventuras e amigo de excursões ao largo, e talvez predestinado a desgraças grandes.

Na hora da grande desventura, ainda Pínaxe se
20 encontrava à margem da lagoa e... dos acontecimentos; e, vendo morrer o pai, chorava como uma vaca. Na verdade como de vaca ou vitelo desmamado era o choro de Pínaxe, não pelo volume dos gemidos, mas pela grandeza da dor, e pelo menos
25 tão sincero como o pranto de «Maria Parda».

Era enorme aquela aflição; mas como só tinha para se exprimir a boquinha de rato, saía em agudíssimos gritos.

Pínaxe só retirou da praia para ir espalhar a no-
30 tícia do sucedido por toda a Myogaia. E os gritinhos do triste e afligido filho pungiam o tímpano de quem os ouvia como espinhos finíssimos. E como

---

30. *Myogaia*. País dos Ratos.

o veneno da víbora de qualquer ferida vai logo ao coração, assim os gritos de Leikhopinax incenderam os ânimos dos compatriotas em altas labaredas de fúria.

Já se não ouviam gritinhos, mas gritos vibrantes ou brados de guerra!

Logo foi ordenado que pelas vozes dos arautos se convocassem Cortes no salão nobre do palácio de Papa-Pão, dorido pai de Apanha-Migalhas.

A primeira sessão foi marcada para o romper do dia.

À hora indicada, todos os lugares estavam ocupados. Antes, porém, desde que se franquearam as portas do palácio das Cortes, ao passo que os agoretas iam entrando, o mui digno Presidente da Nacional Assembleia os convidava a que se debruçassem nas janelas do prédio:

— Ilustres Chefes dos livres Ratos (Chefes, digo, daqueles Ratos que se não deixaram caçar), detende-vos um momento e dignai-vos de alongar a vista sobre a extensão melancólica das águas da lagoa infamada que nos afogou o Apanha-Migalhas.

...O cadáver do herói flutuava longe da praia: um sorvente vórtice fizera rodar toda a superfície da água como placa giratória, ficando o corpo do náufrago a igual distância de todos os pontos marginais; e, em relação aos miradouros do palácio da Assembleia, entre o longe da vista e o a perder de vista. Visto a tal distância e na luz indecisa e ao lume d'água, o mísero e mesquinho avultava num traço escuro e uniforme desde a cabeça à ponta da cauda e parecia dar-se a lúgubre importância de um cão morto.

Quando, pois, aos primeiros livores da madru-

gada a sessão abriu, o sentimento de tragédia era mui carregado.
O desolado pai foi o primeiro a falar.
Começou e terminou como ides ouvir:
5 — Amigos meus! Já muitas e graves queixas tinha eu dos Batráquios, e algumas de há muito. Apanhei e calei enquanto pude; mas agora não posso mais. Essas afrontas, antes desta última, tiveram por alvo só a minha pessoa; a presente des-
10 ventura, porém, a todos nos alcançou. Ponderai a enormidade de meu infortúnio: perdi três filhos; o mais velho foi caçado ao sair do buraco pela odientíssima gata; o médio pereceu numa ratoeira de pau, invenção recente dos pérfidos homens; o
15 mais novo, que era para mim o mais querido e que tão amimalhado foi por sua venerável mãe, o maligno Physígnathos o levou cativo para o meio da lagoa e lá mo afogou. Eis porque voto por imediata declaração de guerra e reclamo vingança. Corramos
20 às armas e saiamos a campo!
Convencidos por tão poderosas razões, todos correram a tomar as armas, sob a inspiração de Ares, que é, como todos sabem, o intendente da guerra.
Primeiramente ajustaram às barrigas das pernas
25 vagens de favas verdes: as vagens as tinham eles cortado a dente, invadindo de noite os favais: agora com admirável perícia as abriam e abrochavam nas pernas, ficando grevas perfeitas. Nunca no mundo se viram tão gentis polainas!
30 Para cortar as couraças, havia fornecimento de peles de gatos. Prèviamente haviam juntado em montão quantos gatos mortos puderam encontrar. Não foram, é claro, os ratos que mataram os gatos, mas esfolaram-nos com grande habilidade e muita

presteza, lançando-se à obra com unhas e dentes. Diz a história que as peles eram brancas. Se eram brancas, estavam por tosquiar, talvez porque os dentes de rato são muito ralos e não trabalham como
5 lâminas de tesouras. É, pois, certo que os soldados ficaram vistosos como gatos brancos.

Para escudos, tiraram a todas as candeias a tampa que ordinàriamente se lhes põe, para que as moscas e borboletas não caiam no azeite.

10 As lanças eram compridas como agulhas albardeiras: foi o próprio Ares que lhes deu o modelo.

Finalmente, para proteger a cabeça, deram a cada soldado meia casca de noz; e tão bom era este capacete que abrigava a cabeça toda desde o alto até
15 às orelhas, desde a nuca às maçãs do rosto.

Assim se armavam os Ratos.

Certamente os Batráquios tiveram conhecimento dos sucessos do país vizinho. Particularmente Physígnathos haveria de estar bem informado por inculcas secretas e seguras. Livre do medo da serpente de Zeus que cessara de o perseguir, retomara a direcção dos negócios do Reino. Não era a tão sábio monarca e atilado príncipe que os Ratos haviam de surpreender com seus planos de guerra... Papa-Pão mal se teria sentado depois de proferir o discurso na Assembleia dos Ratos, já o chefe Batráquio conhecia os termos exactos da proclamação de guerra por parte dos Príncipes e Conselheiros dos Ratos. Por isso, quase simultâneamente à mobilização geral dos Ratos, estalou um alvoroto indizível e rumor espantoso por toda a lagoa, como se Zeus, molhando os lábios na superfície da água, aí tivesse arrotado um trovão formidável.

Para obter tão sublime e horrendo efeito, Physígnathos começou por onde devia começar. Foi para cima de uma grande pedra, chamada a Lage Grande, e principiou a experimentar os seus grandes e 5 potentes ressoadores:

— Ba. Batra. Batráquios... tráquios... tráquios. Batatráquios, Batatráquios, Batatráquios.

Ó Batráquios da lagoa, ó Batráquios da margem, ó anfíbios compatriotas! desde hoje pela manhã Ra-10 tos e Batráquios em guerra estão. A guerra é em terra. Não se sabe se ganharão os Ratos ou se os Batráquios vencerão. Se nos fôr favorável o recontro em terra, respiraremos a todo o pulmão; os Ratos, sem refúgio, todos hão-de perecer. Se os Ratos 15 saírem vencedores, nem tudo para nós está perdido: fazemos parar o pulmão, pinchamos à água e pomos a trabalhar a guelra antiga. A lagoa será nossa salvação. De cá escarneceremos os heróis da Ratada com muitas injúrias, como esta ou outras 20 que tais: «vinde cá com botas de cortiça, matai a carriça»...

Quando as roncas de Physígnathos deram rebate, tanto os senhores da lagoa como os habitantes de longínquos charcos responderam à chamada; 25 uns em vozes sonoras, outros em sons mais brandos que pareciam sair de gaitas de abobora.

A princípio o grande alarme soava e ressoava perto e ao longe, em ecos rijos mas discordes; depois, pouco a pouco, todas as bocas que falavam a so-30 nora e formosa linguagem do *Coax* se abriam e fechavam quando abria e fechava a boca larga de Physígnathos. Desta sorte o «uníssono», volumoso e alto, era como perene trovão que nas nuvens atras se esqueceu do que tinha para dizer; era como um

pilão fantástico, subindo e descendo nos ares, na teima sem fim de desfazer em cacos o maior calhau do mundo...

Tão estrondosa manifestação patriótica devia soar longe; de facto o grão rumor foi ouvido no país dos Ratos, porquanto não tardou a aparecer na capital Batráquia um representante diplomático da Miogaia.

Foi incumbido desta honrosa mas delicada missão Embasíkhytros, Comissário da Alimentação em seu país, filho do magnânimo Tyroglyphos, Inspector das Queijarias. Como o gago brado das manifestações insistia sobre Penha Grande (desde a chegada ali de Physiógnathos a antiga denominação de Lage Grande foi substituida por esta), entendeu o hábil diplomata que lá se encontrariam os Chefes Batráquios a deliberar... a berrar, sem dúvida nenhuma!

Aos olhos vivos de Embasíkhytros oferecia-se um espectáculo maravilhoso. De toda a grande confederação batráquia, de todas as nações e tríbus que falam a língua Coax, para ali convergira o poder do mundo, rodeando por completo a Penha Grande. À frente os príncipes e magnates. Seguiam-se os batráquios de meia tigela. Atrás, o vulgo de incontáveis ranídeos. À direita de quem vai, a grande formação do Exército Verde: os soldados firmes no seu posto a distâncias iguais, as cabeças fora da água, sem uma mais alta, sem outra mais baixa, na boa ordem de um talhão de ropolhos. À esquerda nadava imenso mulherio e algum madamismo.

Ao chegar ao último ponto, quer dizer, ao passar por ali em sua «casca de laranja» a remos, o emissário estrangeiro fez uma gentil cortesia a uma rã verde-clara que vira nadar como nereida, acom-

panhada de numerosa filharada: umas *coisitas* pequeníssimas, mas que já se movem por sua conta, chamadas «colheres»; os «cabeçudos» engraçadíssimos, que dizem para arreliar a mãe: «não queremos ser rãs, queremos ser cabozes, queremos ser enxarocos». Uma *pequena* passou repentinamente para *adulta* e, por desprezo ou capricho, cortou a cauda e atirou-a para o lado, dizendo simplesmente: «com rabo tão comprido não se pode nadar bem».

O estrangeiro dizia consigo: «a cauda da princesinha vale um tesouro». Ainda tirou a bolsa do bolso e contou o dinheiro que levava, na intenção de comprar. Desistiu por causa das dificuldades da alfândega e receando complicações internacionais.

Embasíkhytros quis encerrar num parêntese de sua carreira diplomática este devaneio poético ou enlevo de artista; mas não podia. A rica e delicada passamanaria do casaco da Verde-Clara e a graça buliçosa dos girinos continuavam a seduzir-lhe o espírito. Oh! a fascinação daquela maçaroca de fios de oiro e prata e seda, arrastando o comprido bisalho de jóias de todas as cores e feitios! A cauda preciosa que se perdeu na lagoa, quando a pequenina Rã deu o salto de sua metamorfose de princesa para rainha!

Embasíkhytros teve de se impor a si próprio. Enrugando a testa, a si mesmo intimou:

— Eh! à ordem! Eu sou embaixador de guerra. Sou obrigado a anunciar aos Batráquios o extermínio dos Batráquios.

Disse e foi andando com o ultimato bem guardado na pasta e a pasta bem apertada debaixo do braço.

Fôrça de ânimo para uma ameaça quem quer a

tem; uma coisa é *dizer*, outra *acontecer*: o espírito do diplomata desdobrava-se em diálogo de *sim* e *não*:

— Os Batráquios são uma raça de gente feia.

5 — Há rãs formosas, e algumas vestem a primor. Gostam do luxo. Sei de uma rã que por motivos de estética não quis casar com o sapo que a pretendia e casou com um sardão de casaca às pintinhas. O sardão saíu-lhe ao caminho com um bordão... pa-

10 recia um capitão!... e ela disse logo que sim. Nesta raça ou espécie há senhoras mui formosas.

— Haverá, mas os machos são detestáveis.

— Não é tanto assim; tambem há meninos bonitos e rapazes guapos. O cabeçudo, visto de frente

15 é uma roda muito bem desenhada sobre um laço de gravata. Atrás, nem a mãe precisa de saber o que lá está.

— Nas fases de «colher», «cabeçudo», «girino» há traços de elegância, amostras de agilidade de corpo

20 e viveza de espírito; mas quando o rapaz vai para soldado já está estupido como uma porta e feio quanto se pode ser feio; tão mal-feito que parece entaipado entre a barriga larga e chata e as costas quadrangulares, não tão chatas mas chatas também.

25 Quando se torna, porém, mais repugnante este repelente bicho é quando abre a boca desmesurada e dá ao chocalho rachado que tem nas goelas em vez de campainha.

Quando o discurso mental do embaixador tocava

30 este ponto desagradável e desfavorável aos Batráquios, a «casca de laranja» já recolhia os remos junto da Penha Grande.

A grande nação dos Batráquios flutuava toda, pode dizer-se, à tona da água, padejando para trás

das costas: a lagoa ondulava em círculos excêntricos, e as maretas batiam brandamente nas praias longínquas.

Todos os patriotas tinham fora de água as cabeças e respectivos vibradores no máximo de tensão. Sobre o parlamento de Penha Grande continuava a reboar o trovão da proclamação de Physígnathos: — «Desde hoje pela manhã Ratos e Batráquios em guerra estão. A guerra é em terra!».

— «A guerra, a guerra é em terra»... enterrados sereis vós e sobre a terra os Ratos bailarão... — resmungou (quase rugiu como tigre) o embaixador. Depois, sem dirigir-se a ninguém em particular, disse para quem quis ouvir:

— Estes horrendos roncadores não cessarão de perturbar a paz do mundo sem que lhes metamos as pontas das nossas lanças nas goelas.

Em seguida, formalizado, avançou para o chefe dos Batráquios e, sem outras considerações, memorandos ou adoçamentos, leu em voz pausada, áspera e forte, os termos do ultimato:

— Batráquios! Os Ratos ameaçavam-vos com a guerra e enviam-me a dizer-vos que vos armeis para a luta. A batalha é enevitável. Os Ratos encontraram Apanha-Migalhas que foi morto pelo vosso rei Physígnathos. Pelejai todos os que entre os Batráquios sois capazes de pegar em armas. Não há outra solução para o conflito. Minha missão terminou.

Estas palavras duras penetraram nos ouvidos de todos e transtornaram o juízo dos arrogantes Batráquios. E como algumas vozes increpassem a Physígnathos, este levantou-se e disse:

— Não matei o rato; nem como testemunha do crime devo ser inquietado. Conheci-o em vida, é certo: não era mau rapaz; um pouco atoleimado, sim. Ele mesmo me contou que uma vez entrara 5 em casa do bicho-homem e logo vira onde era a cozinha. O bicho-da-cozinha andava por fora, por qualquer necessidade. A Panela ronronava ao lume e cheirava e fervia que era uma sonsolação. Tirou o testo. Um borbotão de água a ferver pelou-lhe uma 10 orelha e da orelha para baixo. Desde então o meu amigo Apanha-Migalhas só do outro lado usava barbas: disto sou eu testemunha. De então em diante o rato de água quente tinha mêdo. E de água fria também.

15 O segundo medo quem lho incutiu foi uma gata velha. A velha tinha apanhado uma indigestão: «omnis ingestio mala», dizia Asclepiós; e numa senhora daquela idade...

Apanha-Migalhas sabia que, estando farta, ela não 20 fazia mal aos ratos, e, um tanto por cumprimento e um quanto por escárnio, perguntou: Então, santinha, ainda não acabou de esmoer? A gata respondeu: Não está mau o «esmoer»... uma fartura de reumatismo. Saí a passear com os netos; uma mu- 25 lherinha lançou sobre nós um balde de água. Se não saio de casa, não é só para comer o pouco ou muito que tenho; já não ando por casas alheias, porque de água fria tenho medo. «E eu também», respondeu Apanha-Migalhas, e era verdade. Um dia disse- 30 me ele: Hei-de saber nadar como qualquer de vós; mas sem aprender a nadar não me meto na água, porque tenho medo. Depois, vendo nadar uma rã, quis saber nadar de repente. Atirou-se à água, escoicinhou por instantes, mas com tamanha tolice na

cabeça, foi ao fundo. Se eu lhe tivesse posto pedra ao pescoço para o mergulhar, ainda a estas horas o cadáver de Apanha-Migalhas havia de jazer no fundo da lagoa, e os pérfidos ratos não poderiam alegar no ultimato que tinham encontrado o cadáver. Os acusadores sabem que mentem, pois muitas vezes escarneceram daquela cisma: «hei-de aprender a nadar sem na água molhar o pêlo». Amigos, vou concluir, mas não sem vos dizer que estranhei que alguns de vós se fizessem eco da calúnia. Os Ratos desde há muito nos queriam fazer guerra. A morte de Apanha-Migalhas serviu-lhes de pretexto. Revistamo-nos de coragem e de armas.

Os Batráquios deixaram-se persuadir; já ninguém em voz alta tornava a seu Rei as culpas da morte do Rato; apenas um ou outro mais desconfiado mermurava interiormente: «capaz disso era êle!».

Findara o discurso de Sua Majestade; mas El-Rei, os olhos fitos no centro da Assembleia, tinha ainda a boca aberta, posto que nada dissesse. Decorridos instantes, disse:

Tenho ainda sobre vós a boca aberta, não para vos comer, é claro, mas para vos dizer mais algumas palavras. Não é obrigatório o tom oratório, pois trata-se de umas singelas instruções ou regimento do soldado que vai à guerra. Vou apresentar-vos — Amigos meus e Compatriotas também, ouvi-me com atenção — vou apresentar-vos o plano, dizia eu, ou se não dizia, agora o digo,... o plano de campanha. Vedes aquele alpeirão iminente à nossa Lagoa? Urge ganhar sem perda de tempo aquela altura. Os Ratos, cegos de furor, atacam-nos imediatamente. Nós damos-lhes de cima para baixo; rachamos alguns do capacete à ponta do rabo. Os restantes, tomados de

pânico, precipitam-se na Lagoa. Como não sabem nadar, morrem afogados. Assim aconteceu ao infeliz Apanha-Migalhas. Desta sorte, com uma só batalha, teremos alcançado vitória completa. Depois haverá duas coisas a fazer, uma que a todos diz respeito, outra que ficará por minha conta. A que a todos diz respeito é levantar no alto do monte um trofeu que diga «Aqui os valentes Batráquios destroçam os Ratos daninhos»; a que fica por minha conta é mandar escrever a Homero: «Os aleivosos Ratos acusaram el-Rei Physígnathos de lhes ter afogado seu Apanha-*Migalhas*; *el*-Rei ao Apanha-Migalhas não no afogou; mas a eles, ratos acusadores, tôdolos afogou».

Cumprindo ordens de seu Rei, todos procuraram armar-se o mais depressa e o melhor possível.

Nadaram prontamente para a borda de água, do lado do país dos Ratos; toda a água de Lagoa marulhava brandamente, movimentada para a banda oposta. Num rompante, quase juntos, os Batráquios saltam à margem. Brada a voz de comando:

— Por toda a extensão da praia, a perder de vista, alongar fileiras!

(Se vós lá estivésseis, vos pareceria que por ordem de Zeus ali nasceu e cresceu repentinamente um chorão gigantesco, alongando a grandes distâncias seus cordões verdes... Não; os cordões verdes não cresciam por ordem de Zeus, mas por mandado de Sua Majestade Physígnathos, para que os Ratos lhe não esburacassem a margem da Lagoa).

A segunda voz de comando foi:

— Cruzar remos, e sobre eles assentar e esperar até que os soldados tenham as costas enxutas e pos-

sam revestir-se das armas defensivas: depois tomarão as ofensivas.

A expressão «assentar sobre remos» não foi logo entendida pelos soldados mais bisonhos. Como ha-
5 via tempo, pois tão grande exército não podia *estar seco* em dois instantes, um velho «cabo de guerra», utilizando os ressoadores, preleccionou:

«Assentar sobre os remos» o mesmo é que, para outros povos, «assentar-se nos calcanhares». Ora,
10 nós calcanhares não temos... E não temos calcanhares, porque nossas pernas, aprendendo a nadar, desaprenderam de andar. Já ficais sabendo o que são *remos*...

Talvez me explique melhor em menos palavras...
15 Diz-se que um soldado está sobre seus *remos*, quando arrasta o traseiro no chão. Ora, evidentemente — todos compreendereis — nós não poderemos, de traseiro no chão, assaltar a montanha como quer e nos manda el-Rei. Para levantar o sobredito, com licen-
20 ça... assim se chama, precisamos de duas alavancas, e nós deixamos atrofiar as pernas por falta do hábito de marchar. O contínuo esforço de remar (a arte de nadar e remar são a mesma coisa) trejeitou--nos as gâmbias em forma da letra ómega. — Os ho-
25 mens de letras poderão explicar aos rapazes que não sabem ler o que é um ómega, por exemplo, com uma roda de arame: com um alicate corta-se a roda embaixo, debrando as pontas. Também se pode fazer a letra com um vime. — Mesmo com essas, e
30 com estas, digo também,—com nossas pernas, pois, embora descambadas para a forma arqueada do ómega, nós podemos, com algum custo é certo, assaltar a montanha que el-Rei nos manda que assaltemos. Para tanto é necessário saber e praticar a

teoria do assalto. Um assalto, militarmente considerado em sua mecânica e fisiologia, é uma série bem ordenada de saltos. Salto é, por assim dizer, o ímpeto debaixo para cima... Tereis visto um bur-
5 ro atirar a albarda ao ar e fugir. Bem comparado mal comparado, o asno é o vosso esforço: mas vós não heis-de fugir; antes, deveis ir aos ares por mais ou menos breve tempo. Se cada um de vós apalpar o seu corpo, reconhecerá que se parece com a al-
10 barda quanto ao recheio e configuração: o nadita de cabeça lá em cima não conta e embaixo as pernas atrofiadas são bambaleantes correias que deixaram perder os estribos... Como o Exército já enxugou... é tempo de passarmos da teoria a prática.
15 Comecemos por dar cumprimento ao artigo primeiro do Regulamento do Assalto à colina, o qual artigo reza assim:

«A tropa preparará o salto para o assalto do seguinte modo: juntará a cada perna um arco de ara-
20 me, atando uma ponta ao tornozelo e fixando a outra em uma nádega de cortiça; ligará depois com trapos e serradura o arame, cartilagem, tendão, veias e artérias, nervos e pele; e tudo cobrirá com folhas de malvas. — Nota subsidiária a este ponto
25 do *Regulamento*: Os oficiais vigiarão por que o inimigo não saiba como são feitos e como funcionam nossos bonecos de molas. —

Artigo segundo. — As couraças serão cortadas de folhas de acelgas, de beterrabas ou de quaisquer ou-
30 tras ervas que não destoem da cor do nosso pano nacional.

---

1. *Um assalto,* etc. Paródia do estilo oratório de Nestor, na *Ilíada*.

Artigo terceiro. — Para a protecção do cérebro de galinha da nossa tropa basta qualquer casca de caracol. São autorizados os soldados a invadir as hortas; siga cada qual por onde vir rasto de lesma, e
5 achará seu capacete. Para os que não tiverem sorte e voltarem em cabelo requesite o Estado Maior, por conta do Estado, dos «concheiros» da Arqueologia Nacional, os capacetes que faltarem. — Advertência: O alto do capacete deve ser em espiral, de ros-
10 cas bem desenhadas, e o remate um tanto inclinado para diante, para que faça sombra das sobrancelhas a meio do nariz, de maneira que pareça que as ventas do herói cheiram e respiram os ares de Ares. —
15 Artigo quarto e último. — As armas ofensivas nasceram por si mesmas (sem que ninguém as semeasse) em diversos juncais: vão os soldados fazer a colheita. Diga-se ao proprietário que será indemnizado; se recalcitrar, prende-se. Cada qual verá
20 a arma que lhe é proporcionada, e nenhum arrancará junco que lhe não caiba na mão: as armas, por ordem crescente, são a hasta, lança, pique; os homens, na craveira a descer, classificam-se de alto, médio e pequeno. Que não haja, pois, nem confu-
25 são de coisas nem intromissão de pessoas! O grande leva a hasta, pega no pique o pequeno, o de estatura regular ficará lanceiro.

No *instante marcado e a um sinal dado*, todo o
30 Exército Verde saltou, por assim dizer, aos arames; e, como «*a pulga na balança*», *dum pincho* ganhou meia encosta; depois, em pulos sucessivos, curtos e rápidos, dominou a cumeada. À *ordem de* descansar, sobre as suas malvas (ou grevas), sentaram-se

em linha os Batráquios todos: cada vulto parecia um verde arbusto com as feições humanas que lhe quis dar um jardineiro artista com a tesoura de podar.

5 Quando, simultâneamente e de repente, se levantou a tropa toda para apresentar armas, todo o alto da serra pareceu invadido por alto pinheiral. Cada guerreiro, empertigado de fúria e brio, tornou-se grande como um pinheiro. Como um pinheiro... que 10 digo eu? Estava grande como um gigante! Tanto que até Zeus teve medo dele... dele e dos outros; de todos!

Zeus teve medo e chamou pela filha:

15 — Atenaia, chega-te aqui; vê... se enxergas bem e podes discernir o que sejam ou possam ser aqueles grandes vultos. Não te parece que estão a mexer?

— Que vultos, meu pai? Ainda há pouco reparei: é a fila de rochedos da Lagarteira. Ainda agora 20 me pareciam jacarés assentados, a abrir e a fechar a boca. Se chove e depois lhes dá o sol, são crocodilos a chorar ou a pingar água. O pai não era assim. Sempre me está a sair um covarde...; desculpe a linguagem baixa ou modo de falar dos lá debaixo.

25 — Não está má a choradeira dos crocodilos! Não vês que estão bem estacados, altos e direitos? As cabeças dos gigantes dão já pela cintura do Olimpo. Não será a horda dos Centauros renascidos, tentando nova investida à morada dos deuses?

30 Atenaia piscava os olhos para examinar o caso. Zeus, de olhos muito arregalados, deixou fugir para o alto da testa as «crespas sobrancelhas». Atenaia, decorridos momentos, olhou de esguelha para o pai e disse:

— Dei no vinte. São os Limnokharees que se preparam para invernar. Sentiram a lagoa já a arrefecer, saltaram à margem, meteram-se pelo mato. Os bichos escolheram ou acostumaram-se ao alto e
5 flanco da serra deste lado, por ser cortada a pique sobre a lagoa. E assim, terminada a sua *nux macrá*, com dois ou três pinchos, voltam para a água. Saíram do charco entoiridos com as reservas alimentícias; precisam de se estirar em fitas para se
10 meter pelos buracos. É evidente que uma vaca, sem metamorfose, se não pode encurralar num canudo de toupeira!

— Hum... és demasiado sábia para atinar com a verdade dos factos... Ai tens o desmentido peremptó-
15 rio à tua imaginosa hipótese: o sol bateu agora de chapa em capacetes de Heitor... capacetes retorcidos em forma de caracol ou grosso corno de ponta inclinada para a frente. Vejamos que «heitor» não estará por baixo do casquete: à raiz do curto e
20 grosso corno afloram dois olhos maus que procuram algures inimigo, invisível para mim, mas de certo bem ao alcance daquele olhar feroz. O soldado está armado dos pés à cabeça. Agita em movimento frenético uma boa lança como a dizer «estou pronto
25 para tudo!». É terrível e muito feio; os outros (e são numerosíssimos) foram produzidos em série por este modelo. E aqui tens, Menina, o que saíu dos pacíficos íncolas do teu «lago azul»!

---

1. Limnokharées· amigos ou habitantes da lagoa; «Lançarotes do Lago»...

6. *Nux macrá :* noite grande; «uma dessas noites vagarosas de inverno»; «noite de Lamego».

— És muito esperto, meu Pai, mas não caças ratos, não digo com a mão, mas nem com os olhos de gato. Vês aquela nuvem pardacenta a correr, de lá para cá, sobre a corda da serra? Pois é o grande
5 exército dos Roedores que vem dar batalha à tropa dos Roncadores!

— E que partido tomas tu? Apostas pelos Ratos, ou juras que os Batráquios hão-de vencer?

— Notei já que os Batráquios, ao menos alguns
10 soldados, trazem molhos de malvas atados às pernas, certamente para colar nas feridas; e vi também que um rato mordeu a um batráquio numa nádega de cortiça...

— Prognóstico de vitória dos Ratos?
15 — Não, porque o batráquio soltou um ronco, voltou-se para trás, e o rato fugiu.

— Não há entre eles muitos «ratos de sacristia» adictos a teu culto? Conhecem os buracos dos templos e santuários, visitam em corrimaças os recan-
20 tos do sacro recinto ao cheiro de carne assada e bailam alegres, se lhes cabe miuçalho de sacrifício. Deves-lhes protecção; são teus devotos.

— Antes me bandearia com os gatos. Invadiram-me o guarda-roupa, estragaram-me os vestidos...
25 os pardos safardanas! um manto me esburacaram; e por desfeita deixaram «feitios» nas dobras dum peplo de trama finíssima e subtis lavores em que fatiguei os dedos nos fastidiosos serões de inverno; destrançaram as rosas de minhas grinaldas; puxa-
30 ram as torcidas das alampadas e por maroteira as foram esconder em seus buracos, sujando o pavimento de rastos e pegadas de azeiteiros. Por causa de meus adereços e enfeites, tenho dívidas em atraso ao retroseiro de a par do templo: ele não é

homem que se contente com juros baixos; quando passo por ele, volto a cara para o lado, a fingir que o não vejo. E tu não abres a bolsa, e eu vejo-me em apuros. Se não hei-de estar furiosa contra bi-
5 chos tão daninhos! De modo nenhum quero ser miliciana na tropa dos Roncões. Ganhei-lhes birra de morte por me terem feito passar uma noite em branco, lívida noite de forçada vigília.

Vinha fatigadíssima de uma guerra em que
10 mui rijo foi o batalhar. Acolhi-me a meus Paços da Margem da Lagoa, para dormir quanto pudesse ser e ainda muito e muito preguiçar. Comecei a desabrochar o vestido ao pé da cama; pesava-me tanto a cabeça que receei não me caísse
15 ela ao chão e ficasse no chão a dormir antes de me eu despir: deitei-me como estava, e fiz menção e formei tenção de logo, logo adormecer. Nisto oiço uma voz de tom alto e rachado, soando das bandas do charco: «Atena está
20 cá; ela que quererá?». Corri à janela e vi um bicharoco verde, de traço e feitio de albarda, sentado no juncal, de largos papos e barbela de boi, a coaxar: «Atena que querará?». Logo, dois; depois, cem; a seguir, mil na cega-rega: «Que quer ela?».
25 «Ela que quer?». «Que quererá?»... Refugiei-me em «vale de lençois», puxei a manta para as orelhas e dei três voltas à cabeça. Nem assim! Por essa noite fora tive de ouvir, através da manta, os chocalhos dum rebanho de cabras, vindo não sei donde

---

5. *Animais daninhos*. Pelo dizer de Atenaia, parece que Zeus e o retrozeiro entram na conta. Ela, que é a deusa da sabedoria, lá terá as suas razões.

e seguindo não importa para onde, mas que me passava sobre a cabeceira em procissão sem fim.

Depois... era um roldão de malhadores na eira, que faziam retumbar o chão; quando os malhado-
5 res se cansaram, uma corja de mariolas veio fazer--me no pátio da casa um batuque de chancas e tamancos. Noite velha (meia-noite seria), a lassidão no corpo, por não ter conseguido dormir; o desespero na alma, por não poder dormir ainda; uma
10 zoeira na cabeça e o juízo em redemoinho, atirei a manta ao Haides e, muito furiosa, sentei-me na cama. Depois de esfregar os olhos, dei com a vista em dois estafermos postados um de cada lado da cabeceira. Logo reconheci que eram Hypnos e Ónei-
15 ros: um, imbecil chapado, o outro é doido rematado. Como estavam muito amáveis, junto de mim, de uma flexão de perna, ambos quiseram ajoelhar; dos braços fizeram cadeirinha e me começaram a embalar. Eu tinha o pescoço murcho, não podia a
20 cabeça segurar. Durou o balanço toda a madrugada, com as três cabeças a turrar; na madrugada, ao cantar do galo, Óneiros e Hypnos sumiram-se para nunca mais voltar... Só então caí na conta, que as pancadas que me azoinavam a cabeça eram ainda
25 os physígnathos a coaxar... E que fazes tu, Pai! Quando se ouve um destes bichos roncar, porque o não empalas com o zigzague dum raio?

Ouvindo a esperteza da filha, o sonso Zeus sorria dum sorrisso que lhe juntava na boca dois risos:
30 a um canto um resto de medo, ao outro um riso de alívio. Como sempre fez e faz quando tem medo,

---

15. *Hypnos* e *Óneiros*: O Sono e o Sonho.

Zeus chamara os deuses a concílio, crendo-se na iminência de sucessos graves. Claro, não ia depois confessar: vi um rato e uma lagartixa, tive medo e chamei-vos a conselho... Procurou disfarçar, dando a entender que os chamara para mais uma vez gozarem, de graça e de palanque, o espectáculo de os mortais pegados em guerra por qualquer «dá cá aquela palha».

Reparando Atenaia em todas as divindades juntas ali ou por aí de nariz no ar, lhes disse:

— Ó deuses, conservemo-nos estranhos à contenda, a não ser que alguém se sinta ferido de penetrante dardo; tanto mais que os adversários já estão pegados e não largariam nem à mão de Zeus-Padre. Cá de cima podemos ver perfeitamente a evolução da batalha.

Assim falou. Todos os deuses acharam bem, e foram caminhando para o sediço «estrado de oiro» da estafadíssima «barra de névoa».

Dois arautos à frente dos exércitos, bochechas a rebentar e os beiços em sangue, sopram por ronfenhas trombetas os prenúncios do estrondo das armas; Zeus solta o protocular «Eh, Valentes!», precedido do consabido trovão, porquanto esta é a forma solene do reconhecimento do «estado de guerra».

De longe vinha a baralhada e já em muitas partes se combatera; se a batalha não foi agora começada, certamente recrudesceu. Quem primeiro obteve as honras de do adversário chegar ao pêlo Ronc'-Alto foi. Com'-Homes se extremara além dos mais avançados camaradas; Ronc'-Alto com seu pique lhe furou a barriga e lhe picou no fígado: Com'-Homes homem nenhum nas tripas não no tinha;

abundante sangue lhe escorria dos pêlos; baqueou de focinhos, não sem antes se retesar nas pernas, para, ao cair de golpe, fazer tinir e retinir sobre o corpo a armadura.

Além, Corre-Canos esperava que Enxurdado lhe passasse ao alcance: dada a ocasião, rasgou-lhe o peito com a rija lança: a garra da negra morte logo apanhou o ferido, ainda ele não estava de todo desalmado.

Ripa-Celgas matou ao Inspecciona-Panelas, metendo-lhe um dardo no coração. No mesmo lance tirou também a vida ao Rói-Queijos.

O morgado do Juncal, avistando o Trinca-Presuntos, encheu-se de medo, arrojou o escudo, deu um pincho e mergulhou na água.

O irrepreensível Dorme-na-Lama deu morte instantânea ao príncipe Que-Bem-que-Cheira chamado.

Carinha-n'-Água saltou sobre el-Rei Trinca-Presuntos e rachou-lhe a cabeça com uma pedra: a cabeça estalou como casca de ovo e os miolos botou fora em moncos pelo nariz. A terra, ali, ficou bem manchada de sangue de rato!

Lambe-Pratos matou ao incorrigível... irrepreensí-

---

3. *Tinir, retinir*: verbos de grande efeito descritivo, necessários para se contar a morte de Ferrabrás, mui frequentes na *Ilíada*; nalguns códices da *Batraquiada* não *se lê neste ponto ou neste* «passo» nem o *tinir* nem o *retinir*.

9. *Desalmado*. Está aqui no sentido próprio, rigorosamente filosófico. Chamar «desalmado» a qualquer «Alma-Negra», será falar português, mas não é falar *científico*.

17. *Quebemquecheira*: no grego, *Kalaminthios*.

vel, quero dizer, Dorme-na-Lama, acometendo-o a lançadas. Quando Dorme-na-Lama viu fulgir diante de si a lança de Lambe-Pratos, logo fechou os olhos... e para sempre os fechou!

5 Rilha-Porros, reconheceu, quando lhe passava rente, o Farejador-de-Iscas; lançou-lhe a mão à perna, torceu-lhe o tendão: atirou à água o rato que logo se afogou.

Apanha-Migalhas quis vingar o defunto amigo e
10 atirou-se a Rilha-Porros, rasgou-lhe o ventre, cortou-lhe o fígado, arrancou-lhe a alma que logo foi bater as portas do Haides.

O Pés-na-Lama mirava de longe o anterior sucesso: cheio de raiva, apanhou terra e a arremeçou
15 à cabeça de Apanha-Migalhas. Se este não anda a tempo cobrindo o rosto com as mãos, ainda a estas horas as *Meninas* de seus lindos olhos estariam sepultadas no entulho. Para não deixar dívidas em atraso, Apanha-Migalhas tomou na robusta mão
20 «esta migalha», é dizer, uma enorme pedra, pedra... dessas que a Terra mal pode aguentar nos ombros, ou nas ilhargas, e atirou-a às canelas do Pés-na-Lama: com a pedrada o osso da perna direita de Enguiça-Repolhos ficou em estilhas, a pele
25 em nada, a carne em fricassé. E o desgraçado, de costas no chão, via estrelas ao meio-dia!

Acudiu por Enguiça-Repolhos Craugásides que ao Apanha-Migalhas se atirou como um pimpão, e lhe meteu pela barriga o agudo junco: a arma entrou
30 como punhal e saíu como saca-tripas, pois trouxe

---

9. Apanha-Migalhas 2.º
27. *Craugásides*: Filho-do-Clamor; o Clamoroso.

para fora a tripalhada toda que se desenroscava pelo chão adiante. Corre-Canos, quando tal viu do alto da ribeira, para onde se tinha retirado a coxear, deita-se a correr cheio de pavor e caíu num fosso.
5 Além, noutro lance e relance de batalha viu-se Papa-Pão ferir na extremidade dum pé a Physígnathos, e Physígnathos fugir e saltar à água.

Mas estava ali Com'-Algas, vendo que Physígnathos se grudava no charco — nem para diante nem
10 para trás, como carrapato na lama —; entendeu que o grão Bátracos se queria afogar. O exemplo do suicida o fez estremecer de dor e pular de desespero: enristou o agudo junco, e lançou-se, danado, sobre Papa-Pão. O pique deixou o bico, sem furar,
15 no escudo: que é como quem diz que Com'-Algas quebrou o nariz. Mas contra Papa-Pão não era um, eram dois: D'Oregões mandou-lhe ao casquete tão rijo bote que os quatro penachos da bisarma estremeceram. Príncipe d'Oregões era o mais ilustre guer-
20 reiro de todo o Exército Verde; por esta façanha ficou a par de Ares, se não alguns furos acima. Vendo, porém, que já lhe faziam frente numerosos inimigos, não quis saber se eram heróis ou poltrões; num abrir e fechar d'olhos se cachundou para onde
25 sabia que era mais fundo o lago.

Pimponeava então entre os Ratos um galhardo mancebo, Rouba-Parte chamado; era filho do Artepíbulos, Príncipe dos Roedores, cognominado «O
30 Perpétua Fome» pela arraia miúda. Rouba-Parte vi-

---

30. *Artepíbulos*: de *Art-epiboulos*, o que anda às côdeas, ou simplesmente «o Côdeas».

via à grande. A si, tratava-se com muito mimo; aos outros, com todo o desdém. Era desconfiado e manhoso. Vivia, dissipando aos acasos da aventura quanto agenciava o pai. Quando os outros saíram para a guerra, disse ele: tenho vergonha de enfileirar na tropa fandanga destes pardos safardanas. — O dichote de «tropa fandanga de pardos safardanas» era já conhecido e citado pelos Batráquios, para descrédito dos concidadãos de Rouba-Parte. — Artepíbulos conhecia muito bem a boa peça que tinha em casa: o rapaz era má rês e fraca bisca, mas destemido e valente. Algumas destas qualidades — má rês, destemido, valente — são úteis na guerra. Por isso o pai foi a casa rogar ao filho que saísse a batalhar, e lhe perguntou, logo de entrada, se não se aborrecia de estar em casa sem fazer nada. A isto respondeu o rapaz que não, a não ser que em casa estivesse também o senhor seu pai. O velho lhe disse: então tens de ir para a guerra, porque quem agora se mete em copas sou eu. E o rapaz foi.

E apresentou-se diante dos Batráquios com enorme desplante e descarado arreganho. Abriu entre os dedos uma noz pelo meio, mascou a parte comestível e das cascas fez duas manoplas, e entretanto ia dizendo: não só hei-de dar cabo destes Batráquios, mas exterminar-lhes a geração; vai tudo a seco murro e a duro cachação.

Algumas costas verdes apanharam seu coque de casca de noz... Foi quanto bastou para a debandada geral! Os Batraquianos, à uma, atiraram aos ares as longas e disformes pernas, e, cabeça baixa, focinho em vértice de âncora, com estrondo mergulharam na lagoa!

Rouba-Parte blasonou com escárnio:
— Era do meu programa grande distribuição de sonoros murros. Afinal dei com os punhos em sacos de trapos, só apalpei guerreiros de palha.
5 Rouba-Parte era mau e muito mau; se algum mal deixou de fazer, foi por se não ter lembrado a tempo; mas agora lembrou-se, e mau foi o lembrar-se: se disse que havia de exterminar os Batráquios, os Batráquios exterminaria. Se não cumpriu o que di-
10 zia, é que uma Voz divina lho proibiu.

O verso formosíssimo proferido na linguagem dos deuses, traduzido na linguagem dos homens, diz assim:

«Defendei as verde-claras Brekekés. São for-
15 mosas e aceadas, e cuidadosas. *Pópoi,* ó Poetas! Admirai a solicitude e ternura da verde Rã na criação de sua prole. Quando lhe aparece a criancinha, é uma coisita parecida com uma colher. Só tem concha e rabo! Para o rabo crescer é
20 preciso que esteja a concha cheia. Para haver concha cheia, anda a mãe a lidar, que para se deixar dormir lá virá tempo de hibernar. E diante dela a pequenada irrequieta tão difícil de governar! — Ó mãe, disseste que nós somos colheres de
25 prata-fosca; nós colheres queremos ser, mas colheres que sabem comer; que não andem por bocas alheias; e venha a paparoca! — E o «cabeçudo» à flor d'agua, suspenso num par d'asas de andorinha, a arreliá-la: — Sei que és minha mãe, só por-
30 que és muito minha amiga; eu não me pareço contigo; já tenho mais cabeça que tu; quero ir para tubarão quando fôr grande. — E eu quero já, já, ser sardinha, para andar na canastrinha. Volta, teimoso, o «cabeçudo»: — E aquele pontinho ali a

mexer também quer ser gente? Que vá para sapo e se contente com a sua ralé. Para nadar não tem jeito nenhum...

«Ralha a Rã, com paciência de santa: Meninos e
5 meninas, juizinho; e ao chegar das metamorfoses, muito cuidadinho: cada qual deve ser quem é. Lembre-vos o exemplo daquele vosso avô que disse um dia àquela vossa avó: Eu quero ser boi. — E eu hei-de ser vaca — respondeu ela. Ele tomou grande
10 vulto e ela inchou outro tanto. Ele, por não caber na pele, rebentou. E ela também. Morreram ambos ao mesmo tempo, e não foram para o Olimpo, mas para o charco».

Conhecia Zeus o empenho heróico destas matriar-
15 cas por se manter e continuar a unidade da espécie e muitas vezes demorara a vista enlevado e complacente em suas maternais solicitudes. Por isso, no cimo dos céus estrelados, disse aos deuses e às deusas:

20 — Estou um tanto apreensivo com os propósitos sinistros daquele facínora... Rouba-Parte jurou o completo extermínio duma importantissima espécie zoológica, cujos anais constituem um dos mais formosos capítulos da história natural. Esta «especie»
25 tem produzido e continua a apresentar exemplares de rara formosura. O casaquinho verde duma joven rã vale mais que o guarda-roupa de Hera, muito digna esposa minha; mais que o peplo de Atenaia, o peplo que para si costurou minha filha com muito
30 engenho e arte; uma simples véstia ou jaqueta de batráquio tem mais arabescos que todas Arábias e jeroglifos delicadíssimos, preciosíssimos sobre quantos gatafunharam sacerdotes e escribas de Egipto.

Se vós, ó deusas... (espero com minha eloquên-

cia comover as divindades femininas; se o não conseguir, desisto do ofício de orador e nunca mais falarei em público)... se vós, ó deusas, não protegeis a formosura, também vós sereis, e não tardará, comidas pelos ratos! O malvado Rouba-Parte obstinou-se no desígnio de exterminar toda uma grande «classe» das Classes em que os Zoólogos houveram por bem dividir os Vertebrados; o maligno rato, se nós lho consentirmos, matará os batráquios todos, desde os girinos inocentes aos soldados roncões de Physígnathos. Porque não cobres, ó Palás, de tua flamante e tonitroante égide a raça infeliz? E que fazes tu, ó Ares, sempre pronto para os combates e te não costumas fazer rogado para a carniçaria e morticínio? O simples aceno de tua mão, com vagas promessas de auxílio, seria talvez o bastante para encorajar os Batráquios e eles próprios obrigariam o rato audaz a retroceder para as linhas e a meter-se na roda dos camaradas.

Assim falou o Cronião, e Ares respondeu:

— Isto já não vai com acenos... Só a raio! Ora quem tem o raio és tu. Logo... Estou a ver que não entendeste... Quero eu dizer na *minha*: quem tem boca não manda assoprar.

Repara tu: a clava de Heraclés não é proporcionada a esmigalhar cabeças de rato... Como queres tu que eu vá de espadagão erguido pelos buracos atrás do rato? O fio de minha espada, por mais aguçada que a tenha, é para os ratos tão fino como uma tranca; subiriam por ele como por uma árvore. Com o raio não é assim. Primeiro, parte calhaus na montanha, ou quebra os dentes na boca dos gigantes. Segundo, porque é ágil e subtil, pode enfiar-se pelos buracos em perseguição dos ratos. Por

força do «considerando», primeiro, tu, outrora, manobrando bem o zigue-zague do raio, arrancaste dum sacão todos os dentes ao valente Capaneus; depois o mesmo fizeste ao grande Encélado; desar-
5 mados estes dois, fàcilmente venceste as fortes raças dos Gigantes. Em virtude do segundo, podes destruir num instante quantos ratos se rebolam nos palheiros de todo o mundo.

Assim disse Ares. E o Cronião começou a contar
10 as suas pedras de raio ou concreções de lume, que guarda numa caixinha, e que são como uma espécie de pílulas; umas serão como ovos de perdiz e as maiores não chegam a ser tanto como ovos de galinha. Zeus ficou com uma na mão, nem das
15 maiores nem das menores. Era a bola que ia deitar aos ratos. Depois soltou um trovão (que fez estremecer o vasto Olimpo), para abrir caminho à pedra de lume. Zeus abriu a mão e o raio correu aos saltos de nuvem em nuvem, largando de si pele imensa
20 de prateada serpente; e de repente bate asas de relâmpagos nas caras lorpas dos dois exércitos, faz arder o enxofre todo que tem o chão, larga as asas e muda-se em escorpião, fura a terra, morde e estala as pedras, vai por uma e vem por outra fileira,
25 a morder os pés dos soldados. De ambas as bandas as tropas estavam lívidas de medo, de olhos pasmados na pele de cobra ainda a cair do céu em linha oblíqua...

«Quem corre como o raio!», filosofava Rouba-
30 -Parte. «O raio ao perpassar do Nume nos alvíssimos dedos apanhou friagem; da friagem se gerou pele de cobra; da pele de cobra se despiu o raio e já furou o mundo para a outra banda, e ainda aquilo não acabou de chegar ao chão... Quem me dera ser

raio a correr atrás dos Batráquios a empurra-los para o charco!».

Zeus então disse, três vezes descontente ou muito arreliado:

— Perdi o raio e o feitio; o meu último recurso não surtiu efeito. Minha *ultima ratio* foi até contraproducente: quis auxiliar os Batráquios, encheram-se de medo; quis afugentar os Ratos, mais e mais me refilam o dente. Os Batráquios deixaram cair as armas das mãos paralíticas; seus «juncos» juncam o chão. Também alguns Ratos para as tocas se esgueiraram e se vêem no chão abandonadas «agulhas de albarda»; mas são poucas, e maior dano lhes faria no acampamento, se ali saltasse, um gato assanhado e de barba tesa do que os ressaltos do meu raio.

Com efeito, os Ratos não se quedaram a tremer de medo como se tremem as maleitas; tiveram só um instante de susto; logo, de ânimo refeito, bateram o pé, protestaram, juraram, tomaram o compromisso de honra: «Daqui não arredamos!». E o insolente Rouba-Parte continuava a chalacear:

— O raio que botou Zeus era raio-fêmea (não sei se se poderá dizer uma «raia»), porque me pariu sobre as patas ninhada de coriscos; e os coriscos deixaram-me as unhas negras e marcadas dos seus dentinhos de brasa... Uma vez sofri com exemplar paciência ferroadas de abelhas no nariz, que é parte muito sensivel, porque era verdade muito verdadeira que eu lhes queria roubar o mel. Ao senhor Zeus, porém, nunca roubei nada. É em boa consciência, portanto, que eu digo a todos os raios que se vão meter e morder no «como há nome» de seu dono.

E Zeus, que tudo ouve por dever de ofício, tinha

de ouvir tais dichotes! Andava vexado. Comer, sempre comia alguma coisa; beber, bebia-lhe bem; mas falar, não falava; e nem à deusa mais gentil dava troco. Ora, se rei ou deus, depois da humi-
5 lhação, chega a levantar a cabeça... é fugir!

Foi o que aconteceu. Logo saíram a campo contra os Ratos, não se sabe donde, mas sem dúvida por ordem de Zeus indignado, terríficos monstros. (Não é certo que Zeus os tenha inventado de pro-
10 pósito para a ocasião; pode ser muito bem que já tivessem comido muita gente). Cada um destes terríveis animais traz rijíssima marreca ou bigorna às costas, e arranha a terra com dois Gadanhos da Morte, um por cada lado, com seus quatro dentes
15 grandes; abre caminho arrojando-se de escantilhão ora sobre uma logo sobre a outra ponta da bigorna; leva erguidas, muito fora dos cascabulhos, duas cabeças; cada cabeça termina em focinho, cada focinho abre e fecha as duas ametades como abrem e
20 fecham os bicos duma tesoura ou como alargam e apertam as pontas dum alicate. Estes animais são de estructura fortíssima e de muito sólida constructura e de feição medonha; os tegumentos cartaliginosos e chitinosos; e arrastam grudadas a si (de um grude
25 como não há outro) capas de cágado, rijas como ferro, e carapaças de tartaruga, grandes como lajedos. São horrendos de corpo e de espírito finíssimo, é dizer, são cruéis e muito astutos. Não andam nunca a direito: fingem que vão para ali, desan-
30 dam para lá ou rodam para acolá. No côncavo do peito trazem luzerna, ou luzernas... não sei; mas sei que aquela luz de furta-cores se espelha numa roda de navalhas, que faz arrepiar.

E, para que tudo duma vez se diga: São caranguejos!

Não se atemorizaram os Ratos à vista de tão novos, estranhos e fantásticos aparatos de guerra.
5 Havia entre eles muitos veteranos de rabo pelado, habituados às surpresas e vicissitudes das batalhas. E estes brandaram alto e claro:

— Sangue frio! não vos assustem aquelas abantesmas! São tramóias de Zeus, já muito sabidas e
10 conhecidas. De ânimo quente, firmes nas fileiras, aguardemos ordens de Rouba-Parte.

Ordens de comando não se fizeram esperar:

— Ratos, piques em riste, assalto geral!

15 Como sabeis, os Ratos, seguindo suas tradições guerreiras, não usam de alabardas, mas de agulhas de albarda, e com elas venceram o grande Exército Verde. Agora o caso era diferente: a picar cranguejos, fizeram-lhes tanta mossa como
20 beijos em bigorna; penetraram tanto como alfinetes em pedernal: e desfizeram-se em estilhas finas como arestas. E o glorioso «Exército Pardo» teve de capitular, mas com honra, porque aos Cranguejos só entregou... «fundos» de agulhas albardeiras. Os
25 vencedores, tão cruéis na vitória como foram sem brio no combate, começaram a trucidar — na paz! — os vencidos: o que não puderam fazer em guerra. A tesouradas, despontavam-lhes as orelhas, mutilavam-nos de pés e mãos e sob ordens severíssi-
30 mas cortaram todas as caudas.

Mas também na última operação tiveram de baixar à ignomínia de colar a boca e meter o dente no ponto preciso onde as costas acabam e o rabo começa!

Só um dia durou a grande batalha: rompera ao romper do dia, terminou ao pôr do sol.

EPÍLOGO DE ESCOLIASTA ANÓNIMO

O grande espólio da batalha consistiu na imensidade de rabos cortados. Os rabos foram envincilhados em molhos e os molhos dispostos em altas rimas. Depois foram pedidos, por alto frete, e che-
5 garam de Egipto cem carroças de Faraó. Muitos feixes de rabos seguiram em grandes carregações para a China, onde foram vendidos aos mandarins para rabichos; os restantes adquiriram-nos a peso de oiro os Tártaros para bigodes. Diz-se que
10 foi Zeus em pessoa quem dirigiu os negócios e dos lucros se aproveitou. Depois, descontadas as despesas, comprou um vestido preciosíssimo para sua filha.

Desta sorte compensou Zeus Atenaia dos sacrilé-
15 gios e estragos que em seu templo e guarda-roupa tinham feito, outrora, os Ratos.

HINO A HERMEIAS

Musa, canta a glória de Hermeias, filho de Zeus e de Maia, senhor de Cilene da Arcádia — monte e planície, abundantes de gado miúdo, mas onde jámais se viu barbela de boi ou de vaca, de bezerro
5 ou de novilha, indício certo de fraca terra...

Não te esqueças, Musa, de dizer que, se a ocasião faz o ladrão, a falta de vaca nos talhos faz os salteadores de currais, sejam homens ou lobos, sejam deuses ou leões. Porque o senhorio de Cilene era
10 fraca terra, o nosso grande deus deu em grande ladrão, como adiante se contará e há-de cantar.

Quem o deus deu ao mundo foi a veneranda Maia, ninfa de graciosas tranças, depois de andar de amores com Zeus.

15 Vivia ela à parte da sociedade olímpica, recatada em seus térreos paços ou rochosa caverna.

Soube-lhe da morada o Zeus Cronião, e apenas do céu apanhava a porta aberta e fechados pelo brando sono os olhos de Hera, sua esposa, descia
20 à caverna da ninfa, na escuridão de noite velha: sempre o astuto Zeus soube esconder as vias furtivas de suas escapatórias, tanto dos olhos dos homens que não querem morrer como das vistas dos deuses que não podem morrer.
25

Feita era a vontade de Zeus, dez meses havia; e então à luz de um dia qualquer desse «décimo mês» pariu Maia um taludo infante, de espírito multiforme; de índole incerta e caprichosa; de engenho ar-
30 diloso; de génio terrível e jucundo; de ânimo feito para tudo — pirata ou quadrilheiro; salteador de

estradas ou pilha-galinhas —; propenso à vaidade e amigo do espalhafato; capaz de gloriosas façanhas, se sabe que o contemplam; tanto vê de dia como de noite; gosta de ser guarda-nocturno e de
5 espreitar a vida alheia; não se dedigna do ofício de porteiro; e sobretudo tem a arte maravilhosa de conduzir para onde quer a caravana dos sonhos vagabundos.

Como o «formoso botão de rosa que nasce ao
10 romper do dia», nasceu Hermeias de manhãzinha, muito cedo; ao meio-dia já tocava cítara e pela tardinha foi roubar as vacas de Apolão, sem medo da seta ligeira que fere o vento e ensanguenta a nuvem. Apenas se viu fora da madre imortal, não
15 se quedou muito tempo de costas, a bracejar no sagrado berço; levantou-se com ligeireza e correu para o monte em procura da caverna que a Serra costuma alugar para estábulo de vacas. Logo deu com a cafurna; era alta a entrada; se não fosse, não era
20 o jovem ladrão tão petiz ou insignificante latrúnculo que ali pudesse entrar de cabeça erguida.

À porta do estábulo movia-se lentamente uma tartaruga, com seu lagedo às costas e apertado na barriga e para a qual barriga apanhava a sobredita tar-
25 taruga de entre as pedras umas ervitas. Ao vê-la Hermeias exultou como quem acha um tesouro, e, sorrindo, pronunciou de improviso um discurso tão exaltado, tão sublime que nem a tartaruga o soube o que ele queria dizer:

30 — Oh, ditoso encontro! Ó belo achado que me vais ser de grande préstimo! Não te desprazarei, não. Alegra-te, amável vivente, que depois de morta serás rainha das festas, regente dos bailaricos, alegria dos banquetes! Donde vieste para aqui, ó mi-

nha bem-aparecida? Quem te deu, ó minha pérola, tão linda concha, brinquinho da montanha? Vou levantar-te os pezinhos do chão, para que nas pedras os não magoes; quero dar-te um abraço e recolher-te em minha casa, onde me hás-de ser de muito préstimo. Aqui não estás bem; tua concha tem buracos e o ar pode fazer-te mal.

Depois desta linda fala, levou para casa a tartaruga e pelo caminho lhe disse palavras de adivinhação, que ela não entendeu nem nós, por agora, podemos entender:

— Enquanto viva fores, serás esconjuro de bruxedos; depois de morta, cantarás; e, morta e bem morta, mais lindamente hás-de cantar.

Assim falava ao bicho do mato, e, como dito é, com ambas as mãos o apanhou, e para casa o levou para seus brinquedos de rapaz. Em casa, pegou num ferrancho agudo e tirou a vida à tartaruga do monte; e, esvaziando a concha, meteu-lhe «dentro pão bolorento» e pôs-lhe «por fora cordas de viola», e quase inventado tinha o instrumento lírico, mais tarde conhecido pelos nomes de cítara, lira, viola, guitarra e também rabeca! E logo voou longe o pensamento do «homem da rabeca» (de Hermeias falo); voou longe o versátil pensamento e o deus se lançou a correr atrás dele. Com efeito: como o pensamento se cruza rápido com a mente do homem agitado de mil cuidados, como o lance de vista, vai dum pestanejo aos confins do horizonte... assim para o glorioso Hermeias «dito» e «feito» são a mesma coisa, quero dizer, muitas vezes seu «dito e feito» é tudo, outras vezes tal «dito e feito» é nada. Mas seja deste ou daquele modo, é certo que neste momento anda muito atarefado o novo deus num ca-

navial, de canivete na mão, a cortar canas; e volta a casa com um feixe às costas; outra vez sai, corre mais além, e torna com um braçado de tripas de ovelha; sai de novo e logo vem com uma pele de 5 boi, não se sabe donde e mais logo saberemos para quê.

Juntos estes materiais, bem depressa vereis o insigne instrumentista sair-se com seu invento, já aperfeiçoado e, pode dizer-se, completo: fixou a tartaru-10 ga na armadura de canas, ligadas por tiras de coiro de boi; sobre o coiro prendeu dois braços unidos por um travessão, e marcou os pontos e distendeu as cordas de tripa de ovelha. Feito o instrumento, levantou-se com ele e experimentou as cordas uma a uma. 15 Ferida a primeira pela mão do artista (mão de mestre) soltou uma nota que lhe encheu de melodia o ouvido e a alma de gáudio: foi uma nota cheia, muito sonora; as outras cordas tiveram de seguir a nota--chefe e de se harmonizar com ela.

20 Incitado pelos sons de seu instrumento, começou o deus a cantar rijamente. Improvisou a letra, à maneira dos mancebos que uns aos outros jogam chufas nos banquetes. E os donaires do cantor eram endereçados ao Zeus Cronião e a Maia, a ninfa de pulcra 25 sandália, à qual sandália fazia o Cronião seu pé-de--alferes; e motejava um pouco e blasonava demasiado daqueles amores clandestinos, a que ele próprio devia o ser, pois deles houvera nascença; e não esquecia, mas elogiava as deligentes moças da casa 30 de sua mãe; e enumerava as trípodes e caldeiros e mais objectos de preço e alfaias de luxo que havia nos térreos paços (simples caverna) da mãe Maia.

Isto cantava e tangia ele subindo os pontos até estremada afinação... mas já pensava em coisas mui

diferentes da *música celestial*. No que ele pensava eram grossas maroteiras e coisas de refinada patifaria. Com ares inocentes de gracioso infante, colocou na caminha, ninho de candura, o cantante caco de cágado, saíu da perfumada câmara e em dois saltos ganhava a serra: ávido de carniçaria, rilhava seus dentes de lobo e se preparava para um golpe de audácia tal como os que premeditam os ladrões em horas aziagas de noite negra.

Arrastavam já os corcéis urânios o carro do dia para o fundo do mar, obrigando o deus-sol a encher de água a barriga e assim aos ladrões que saíam para ganhar a sua vida à custa da vida ou da fazenda alheia, propiciavam com as trevas. Hermeias, terrível salta-montes, dominava as alturas de Piéria, onde as imortais vacas dos bem-aventurados deuses têm seu estábulo e abundantes pastos, em razão de que jamais por estes prados a foice do homem fez concorrência ao dente da besta. Então o filho de Maia tresmalhou cinquenta vacas, tão estupidas de gordura que nem souberam ornejar uma dúvida nem formalizaram um berro de protesto e mugiram

---

5. «Caco de» etc. — A tartaruga não é cágado, o cágado não é tartaruga. A certos finórios ou sujeitos manhosos dá-se o nome de *cágados*. Se dizemos «ronha ou cágado», também podemos dizer «tartaruga ou cágado».

17. «Imortais». Ordinàriamente as vacas não «morrem», porque as «matam». As vacas de que fala o texto, se as não matassem, ainda hoje viviam, a julgar pela excelência das peles que ainda se conservam, segundo afirma o Poeta, como adiante se verá.

brandamente como a dizer «vamos lá»! e se deixaram levar pelo deserto como e para onde ele queria.

E o «como ele queria» foi assim: mandou-as caminhar de traseiros para diante; que agitassem os rabos à maneira de leques e fingissem que enxotavam as moscas dos rostos delicados e mimosos; atrás, as cornaduras altas, em protecção da retaguarda; obrigou-as ainda ao falso testemunho de escreveram com as patas no chão, em vez de «vamos», «vimos». Ele mesmo se revirou: caminhava com as barrigas das pernas para diante e a verdadeira barriga, a grande, a bem autenticada pela presença do umbigo, para trás. E considerando que mais ninguém calçava pela marca do seu pé, arrojou as sandálias para a banda do mar e meteu os pezunhos em molhos de folhagem e ervagem (quaisquer ervas lhe serviriam para as pantufas, menos urtigas). E, coisa admirável! quem reparasse nas vassouradas que deixou no caminho, diria: grande zorro por aqui passou, arrastando grande e mui felpudo rabo».

E o glorioso Hermeias, ao sair de Piéria, fingindo-se caminhante apressado a correr por atalhos, só se desviava da boa estrada para fazer rodeios.

Corriam as vacas pela verde planície de Onquesto, tangidas às avessas e notou Hermeias que a pouca distância um ancião o estava a observar por entre as floridas plantas. E não fosse o velhote badalar sobre o caso, o divino ladrão se lhe aproximou:

— Então, bom homem, com essa bonita idade, ainda a mexer a terra? Assim é que é!

— Quando a não mexer, é que estou morto, com ela sobre os ossos.

— Vejo que cavas rijo e fundo, puxando a terra para as cepas.
Só desejo que no devido tempo as tuas vides se ajoujem de bons cachos. Em paga de meus votos, te requeiro e encomendo muita discreção: vendo não vejas, ouvindo, finge orelhas moucas, e sobretudo ponto na boca!

Dito isto, continuou a animar a marcha das vacas, tocando-as e impelindo-as sempre no mesmo sentido, isto é, da cabeça para o rabo. E correu o glorioso Hermeias com os quadrúpeos por montes e vales, através de brenhas e florestas, ora calcando mato bravo, ora pisando flores do campo.

Ia em muito mais de meio a divina noite negra (divina, porque propícia, negra, porque a ladrões propícia)... ia já menos negra a noite, porquanto nos altos céus a Aurora vestia a saia branca e vermelha, para chamar ao trabalho o povo; estava ainda de atalaia a divina Lua, filha del-rei Palás, neta de Megamedes, quando a forte vergôntea de Zeus chegou ao Alfeu, tangendo as vacas de Foibos Apolão.

E mugiram as vacas e alçaram os rabos, como em saudação ao estábulo, para onde correram e entraram sem baixar rabos ou cornos, por ser alto e largo o portal; mas logo saíram e foram beber aos lagos que perto havia. E o deus as deixou pastar no prado, que era também propriedade do dono das vacas; e quando das vacas já se arredondavam as panças, e as bestas fartas perfumavam as bocas, apanhando com as línguas uma ou outra febra de junça orvalhada ou flores de lotos, o deus as fez entrar para a corte.

Recolhido o gado, tratou Hermeias de acender

fogueira. Escolheu um pau de loureiro, com qualquer ponta de ferro o escorticou e o esfregou com as palmas das mãos: começou o pau a deitar fumo, cada vez mais quente, e, depois, faíscas; o deus recolheu o lume numa mão-cheia de acendalhos, e com o acendalho principiou a fogueira no fundo duma cova; lançou na fogueira lenha e mais lenha, toros e grandes troncos; o lume roncava, as labaredas subiam, muito altas, e a concha do céu parecia um forno muito grande, como na verdade o é, e já muitíssimo quente. E, deixando por momentos a fogueira à conta do glorioso Hefaistos, foi-se ao estábulo e arrastou as vacas até perto do lume — não é este deus dos mais valentes? — E as vacas mugiram e abanaram os cornos, desconfiadas e descontentes. E Hermeias deu com as vacas de espaldas no chão e, inclinado sobre elas, as volvia e tombeava e lhes meteu o estoque até às medulas... e as esfolava. — Amador de ofícios vários, matou, esfolou, esquartejou, por fim fez enorme bodega. — Algumas postas assou em espetos; algumas reses mal-mortas atirou ao lume e o sangue apagou muitas brasas. Em vez do rico assado e bons torresmos, só conseguiu fazer, por assim dizer, carvão de vaca!

Depois, deixou o esturro e foi juntar as peles e as estendeu sobre uma alta rocha. (Os grandes coiros, tantos séculos decorridos, ainda hoje ali estão). E o alambusado deus voltou ao queimadoiro, donde

---

12. «Hefaistos», deus do fogo que se toma pelo mesmo fogo, como Ares pela guerra, Diónisos pelo vinho e bebedeira, Hermeias pela roubalheira, etc. etc.

retirou algumas febras menos torriscadas, as dividiu em doze rações, que, mais tarde, tiradas à sorte, seriam dadas a doze pessoas. E escondeu estas iscas em lugar limpo, mas escuro. As olorosas febras 5 faziam-lhe crescer a água na boca; mas a força de vontade prevaleceu e disse ao apetite: não!

Feitos tantos estragos, cometida tamanha maldade, percorreu, ante-manhã, as cordas dos montes de 10 Cilene, sem que o visse deus algum, o encontrasse pelo caminho qualquer quidam dos racionais mortais, lhe ladrasse um cão; e, em pés de lã, subtil como a aragem e rasteiro como o nevoeiro, meteu-se a casa e no berço se foi deitar; e para enganar a 15 mãe, fingindo que então acordava, encostou-se no travesseiro, aconchegou a roupa aos ombros e se pôs a tocar tartaruga.

Eis que entra a mãe e lhe diz:

— Bem te entendo, menino, a treta e as lérias 20 de tua cítara! Bem sei que saíste de noite e para grande maroteira. Com tão lindo luar, não me pude conter em casa: foi lavar teus paninhos à ribeira do Alfeu. De lá via a madre o seu menino a brincar com um raminho de salgueiro nas mãos; e o rami- 25 nho estava cheio de gatinhos paridos pela Primavera entre as folhinhas; e o menino com os dedos inocentinhos matava os gatinhos... Ah, traste! oh, trastalhão! Contigo é a parábola: fugiste de casa esta noite e foste espatifar as vacas de teu irmão! 30 Ele te dará o pago, rebentando-te numa pedra o crânio ou atirando contigo a um barranco ou atravessando-te com um dardo.

A isto respondeu Hermeias em tom insolente e com ares de farsola:

— Madre minha, porque me dizes palavras de espanto e terror como se eu fora uma criancinha que não está ao par da imensa velhacaria reinante e que desata a chorar com medo de duas palmadas ou
5 quatro tabefes? Sou muito estudioso da melhor das artes, que é tomar as coisas por nossa conta e não as esperar do arbítrio alheio; e tal arte há-de ser muito proveitosa, tanto a ti como a mim: não consentiremos de modo algum em sermos só nós den-
10 tre os imortais a chuchar no dedo, sem oferendas e sem devotos. Teus conselhos de resignada abdicação são maus, não os seguirei nunca. É melhor conversar todos os dias com os imortais, sermos ricos, opulentos, senhores de muitos campos de trigo do
15 que permanecer dia e noite nas sombras desta caverna. Em bom direito reclamo para mim honras divinas iguais às de Apolão. Se meu pai me nega ou cerceia o património, faço-me capitão de ladrões: para isso não me faltam valentia e coragem e ma-
20 nhas tenho de sobra e descaramento. Se o filho da gloriosa Letó vier tomar-se comigo, em vez de topar um salteador de currais, tão vulgar como faminto lobo, terá de haver-se com o mais alentado, refinado e sacrílego fascínora: no santuário de Pitó não
25 ficará uma das formosas trípodes, nenhum dos preciosos caldeiros, nem resquício de oiro, limalha de ferro nem amostras das riquíssimas alfaias: tu mesma, se nisso tiveres gosto, poderás ser testemunha de grandes façanhas.
30 Foi esta a conversa do filho do senhor da égide e da veneranda Maia.

Já a Deusa da Manhã tirara a carinha da água e com seus dedos de rosa mostrava cem caminhos

e mil objectos a quem estava já de olhos abertos. Tem a Aurora mais dedos cor-de-rosa que Briareu unhas negras; mas o que a Aurora nesta ocasião queria mostrar aos leitores deste *Hino Homérico* ou
5 fantástico conto grego, com o indicador luminoso da sua mão direita, era o vulto de Apolão que, a grandes passadas, caminhava para Onquesto.

O deus que vai a caminho de Onquesto vemo-lo agora parado, perto do bosque de Poseidaão, a con-
10 versar com o velho corcovado, já nosso conhecido:

— Ó santinho, viste as minhas vacas? De certo desde há dias que aqui tens andado a cortar silvas para tua sebe. Não me falta uma ou duas; são muitas, grandes, gordas, cornaduras altas e simé-
15 tricas, e não poderão ir muito longe, porque a gordura não as deixa correr; mas desde Piéria até aqui não as encontrei. Pastavam em bom prado, guardadas por quatro mastins que tinham lume nos olhos e por seu zelo e fidelidade valiam por oito homens.
20 Andava também com elas um toiro preto, mas esse ficou, talvez por se ter afastado à procura de erva mais tenra. Os cães, por não deixarem o toiro só, não acompanhariam as vacas, quando fugiram ou foram roubadas. O caso deve-se ter dado ontem,
25 ao pôr-do-sol. Por tua muita idade, sabes discernir os homens e, olhando-lhes para a cara, logo entenderás quem é ladrão ou não. Não verias tu passarem por aqui umas vacas e atrás delas alguém que tivesse cara de ladrão?

30 — Passa por aqui pai de muito filho e filho de quem se não sabe quem é o pai; não costumo meter-me na vida alheia, seja porca ou limpa, e ontem foi dia destinado à cava da minha vinha, e se alguém me perguntou — «cavador, quem passa?» —

não o ouviria nem responderia. Entretanto sempre te direi, amigo e senhor meu, que ontem, aí pelo meio da tarde, ouvi e vi passar por aqui coisa nunca vista: um grande tropel de quadrúpeos, envolto na poeira do caminho; as bestas iam às avessas, isto é, corriam atrás dos rabos alçados e de cornos para trás. Quem desta maneira conduzia e tangia as bestas era um doidivanas, ainda menino e já marmanjo, com uma vergasta na mão.

Assim informou o velhote. E se o deus até chegar à fala com aquele mortal viera como diligente caminhante, dali despediu como gamo ferido. A estatura do deus obliquava-se para a frente, no esforço da marcha a grande passadas; o nariz divino resfolgava ou puxava a si o ar das alturas, crescia e mais e mais se alongava; adiante do nariz bateu rijo as asas largas um *passarão*, que logo deu volta, estendendo as pernas para trás, até as garras apanharem o leque revirado; e a ave crucitou certas palavras à orelha de Apolão; eram palavras de prévia combinação entre o deus e o pássaro e de sentido arcano; por elas soube o dono quem era o ladrão das vacas, e era um menino recém-nado, mas nada menos que um filho de Zeus Cronião.

E o soberano Apolão cobriu os largos ombros com uma nuvem de púrpura e caminhou para a divina Pilos, em demanda de suas vacas de lentas, tornejantes patas... (modo de andar das vacas, não de Apolão).

O deus já sabia quem lhe roubara o gado, e já nós sabemos como ele o soube, mas fingiu que o adivinhava ou lia no que as patas das bestas escreveram no chão:

— Oh, deuses! O que eu estou a ver! Estampa-

das neste caminho as patas das minhas vacas! Até me parece que vejo desenhados nos ares seus cornos formosíssimos, dois a dois, tais quais andavam na cabeça de cada qual! Mas acho estranho — e isto para alguém é indício bastante compremetedor — que, nas pegadas, as pontas das unhas marcam a direcção do campo dos asfódelos; e eu sei, de toda a certeza, que as vacas para lá não foram, mas levadas, direi mesmo, arrastadas, em sentido contrário. Não descubro por aqui vestígio da forma ou marca de pé de gente, nem de homem nem de mulher; nem há indício de que no pó deste caminho peguinhasse alcateia de lobos uivando à Lua; nem em parte alguma se vê o chão batido por pata de urso; nem se encontra lagedo nem seixo riscado ou arranhado de garra de leão. Bestiais patadas ficaram bem assinaladas a um e outro lado do caminho; não foi peludo cetauro que por aqui passou, mas coisa muito pior; se a grande besta torna a passar, a estrada fica intransitável.

Depois de ter dito estas palavras, bem calculadas e medidas e de muita finura, o soberano Apolão correu pelos altos e percorreu os bosques de Cilene e entrou na rochosa caverna, onde a imortal ninfa dera à luz o filho de Zeus Cronião. Eis ali está numa cafurna Aquele cuja seta mata os ventos, ensanguenta as nuvens! A catadura do olímpico Príncipe não era tão desagradável como seria de esperar do motivo da visita: Foibos tinha cheias as ventas dos divinos perfumes da montanha, achou muita graça aos saltos dos cabritos e anhos e, como em terras de Cilene só havia gado miúdo, por ali não viu boi nem vaca, bezerro nem juvenca: se visse, mais se lhe avivaria a lembrança das vacas roubadas.

Quando o filho de Zeus e de Maia viu que tinha em casa o filho de Zeus e Letó e lhe notou o semblante carregado, logo entendeu que lhe era forçoso prevenir-se para tratar da questão das vacas e o primeiro expediente que lhe ocorreu foi esconder-se, ao menos dissimular-se, nas faixas da infância, que a mãe tinha dobrado, depois de bem ensaboadas e lavadas na última barrela: como a cinza esconde a brasa dum cepo queimado, assim os cueiros e leve vestido de menino ocultavam já taludo marmanjo! Tomou, debaixo do braço, a inseparável tartaruga, meteu-se com ela na caminha, encolheu as pernas, recolheu os braços (e a tartaruga, se viva fosse, com a cabecita e patas fora da concha, far-lhe-ia cócegas no sovaco) e, a rir e a morder o lençol, disse: «o menino não está cá; foi fazer a sua soneca, depois de tirar de perfumado banho o cu lavado».

O filho de Zeus e de Letó estava admirado da grande esperteza e muita lábia da criança e demorava a vista com agrado na beleza e encantos da ninfa do monte; e, com o pensamento ora na mãe, ora no filho, parecia considerar ou dizer consigo: como foi possível que do ventre de uma ninfa saísse tamanho saco de mentiras! mais monstruoso ainda, que às mimosas bochechas dum pequerrucho se afivele o maior descaramento do mundo!

Isto dizendo ou pensando, Foibos inspeccionou todo o palácio, isto é, percorreu os térreos e rochosos paços de Maia, sem deixar objecto que não mirasse e remirasse ou trapo que não revolvesse: sem cerimónia e a mínima cortesia, pegou na chave, abriu a despensa, mediu com os olhos os lagares de néctar, meteu o nariz nas talhas e potes de ambrosia; passou pela «casa do oiro», onde viu não só muito oiro

mas também alguma prata; dali passou ao camarim da ninfa, onde se guardavam os vestidos da senhora e os cueiros e faixas do pequeno, sopesou no braço ondeantes púrpuras e peças de linho alvíssi-
5 mas, examinou entre as polpas dos dedos o estofo, ferrando mesmo a unha no fio e disse: «todo do bom e do melhor; as fraldas das nossas deusas não são cortadas de melhor fazenda».

E Apolão voltou ao ponto de partida e à «história
10 das vacas»:

— Vamos, menino dorminhoco, acabemos com isto, e dize-me o que fizeste de minhas vacas! Isto vai acabar mal...

Estás aqui estás no Tártaro negro, de pernas para
15 o ar; e nem por uma perna te guindará cá acima tua mãe, nem pela outra teu pai; e andarás errante no oco mundo subterrâneo, acompanhado talvez de um ou de outro sujeito fraca-figura, gente dedicada sem dúvida, mas ténue e que não pode com uma
20 palha.

O ínclito maiato respondeu ao ilustre letónio:

— Tuas palavras são cruéis. Nem pareces filho de uma santa como é a venerável Letó. Andas por aqui à procura de gado bravo? A casa de minha mãe é
25 curral de vacas, ou campo da feira? Não sabia que eras ganadeiro e sei que não sou eu o teu vaqueiro. Tuas vacas não nas vi nem delas ou nelas ouvi falar, senão o que reza a fama: «morreram as vacas, ficaram os bois». As tuas vacas não morreram; su-

---

21. «Maiato», filho de Maia.
21. «Letónio», filho de Letó.

ponho que as mataram, o que é diferente. Roubaram-te as vacas, mataram-tas, assaram-nas ou cozeram-nas, comeram-nas, mas não fui eu. Eu nasci ontem, ainda mamo, preciso de banhos mornos, de
5 dormir, de crescer, de crescer sobretudo (mesmo enquanto durmo, cresço); não estou ainda em idade de ser ladrão de gado grosso; quando muito apanho com a mão gorducha uma ou outra mosca. Não posso nem quero disputar contigo; só me é dado
10 balbuciar sobre o babeiro uma língua de trapos, que é obrigatória na infância. Tu não me poderás replicar como um certo argumentador: «se não foste tu foi teu pai», porque meu pai é também teu pai. E que nosso pai não saiba as loucuras que tu por
15 aqui fazes e as tolices que andas a dizer! Porquanto não só Zeus mas todos os deuses ficariam de boca aberta, se te ouvissem acusar um recém-nascido de correr sobre montes, de saltar por barrancos, de arrebatar pelos rabos não sei quantas vacas e de as
20 esconder no bojo dum rochedo encantado. Se não acreditas em que «quem muito jura muito mente», farei um grande juramento pela cabeça de meu pai (que vale mais que todas as tuas cabeças de vaca, incluindo a tua como contra-peso): juro que não
25 roubei gado de ninguém, não sei quem te roubou as vacas, não sei que andem ladrões por estes sítios, que estou farto de ouvir tuas lamúrias, queixas e choradeira.

Assim falou o menino Hermeias, já mestre consu-
30 mado na arte de embair; e com os olhos pisqueirinhos reparava com disfarce se o outro não teria ficado com cara de parvo; e, por não ouvir mais réplica, soprou forte na «gaitinha de três assobios», como se quisesse dizer: «quanto às vacas, reza-lhes

por alma; a respeito do ladrão... assobia-lhe às botas»!

Apolão, deus de acção ubíqua, em perpétua azáfama, respondeu, sorridente, com estas falas mei-
5 gas:

— Ó mole mimalhão, tardo mamão, mau como peste, charco de mentiras! Se não prevejo e me prefiguro bem o malandrão que vai sair deste larvado infante! Hás-de ser o surdo fura-paredes das casas
10 ricas, nocturno e sorrateiro ladrão, mais de uma morte de homem te há-de pesar às costas; serás amaldiçoado dos pastores do monte; quando, faminto de carne, rondares um curral, mugirão lùgubremente as vacas e os touros baixarão as cabeças,
15 desejosos de te levantar nos cornos. O gado lanígero esconder-se-á no mato; e tu, não vendo posta onde ferrar o dente, em tojos e silvas terás de assoar as ventas. Mas... as profecias cumprir-se-ão a seu tempo. Por agora e já! é saltar da caminha, se não
20 queres dormir no berço teu sono derradeiro.

Dito isto, Foibos Apolão arrebatou o menino e saíu com ele. Por então o deus pequeno, o futuro Argeifontes, endireitando-se nos braços que o prendiam, recolheu a si o fôlego e todos os seus flatos
25 e gritou como cabrito:

— Ó mãe, apanhou-me o Papão e foge comigo debaixo do braço! Seus braços apertam-me como roscas de serpente!

---

22. «Futuro», se a Argeifontes se dá o significado de «matador de Argos».

E para Apolão, abocanhando-lhe o nariz e puxando-lhe as orelhas:

— Se vocemecê me não larga, eu borro-o todo. Ande, ponha-me já no chão!

5 Isto dizendo o deus pequeno deu um violento espirro na cara do grande; e logo o deus grande baixou os braços e pôs o deus pequeno muito direitinho no chão; e posto que estivesse com pressa, diante dele se assentou e lhe disse por escárnio:

10 — Está quietinho, ó mimosa prole de Zeus e de Maia; não deixes cair o topa-rabos; pelos dois augúrios que soltaste, o *gastròs érithos* e o espirro, vou já saber onde estão as vacas; tu próprio me hás-de ensinar o caminho.

15 Estas palavras fizeram levantar o celénio Hermeias, que deu alguns passos, muito contrariado, e logo parou, puxando com ambas as mãos para as orelhas o campindòzinho que trazia nos ombros, e perguntou:

20 Para onde me levas tu, tu que tão longe levas tuas vinganças, tu que és o mais violento dos deuses, tu que me persegues por questões de vacas!... Oh, se nem corno de vaca houvesse no mundo! Já te disse e redigo: tuas vacas não nas vi; só há ladrões

25 na tua cisma. Ninguém te podia nem pode roubar vacas, porque tu nunca tiveste nem tens vacas. Submeta-se o caso a Zeus Cronião.

«Dize tu direi eu», lá foram os dois deuses an-

30 dando, sempre às testilhas:

— Roubaste-me as vacas!

— Não há tais vacas!

— E tu a dar-lhe!

— E a burra a fugir!

— Não é burra, são vacas que tens de me resti-
tuir.

— Que grande toleirão!

— Que desaforado ladrão!

5 Um era um deus ricaço; o outro muito finório.
Um alegou tantas razões quantas eram as vacas rou-
badas; o outro inventava tantas mentiras que po-
deriam encobrir malta de ladrões. E assim dispu-
tando, chegaram à beira-mar. E então disse o deus
10 pequeno ao deus maior:

— Antes de subirmos direito ao céu, damos uma
carreira na areia; o que ficar atrás é o que é ladrão.

Quem ficou para trás foi Apolão; quando chegou
à porta do céu, já o outro estava debruçado e aca-
15 valado na perna de Zeus-Padre.

O Junta-Nuvens puxara para diante de si, sobre
um traço de névoa, a balança da justiça. E per-
guntou:

— Foibos, meu filho, onde arranjaste, achaste, ou
20 raptaste este lindo pimpolho que parece ter nascido
ontem? O pequeno tem boa pinta, cara apresentá-
vel, imensa treta, fala pelos cotovelos: destino-o a
meu confidente e será o meu enviado nas missões
delicadas.

25 — Pai, o que ele quer ser é capitão de ladrões.
Para isso tem ele muito jeito.

— Seja uma coisa ou outra: chefe de malta ou
arauto dos deuses; qual, a balança decidera.

30 Ora, no céu havia grande espectativa pela solu-
ção deste caso bicudo. No devido tempo a crisótrona
Aurora, ao enrubescer e clarear os ares, anunciara
à assembleia dos deuses que vinham a caminho do
Olimpo, montados em odres de vento, um deus opu-

lento e um deus pelintra; um na plenitude, outro na infância da divindade; um, sábio de marca maior, muito dado às Musas, o outro, de olho muito vivo e de espírito petulante: e sabia-se que os dois,
5 mesmo pelos ares fora, não cessaram de altercar rijo e de se insultar forte e feio.

Em todas as camadas de céu, desde os brancos cimos à doirada planície, reinava grande serenidade; e a balança da justiça, muito sensível e afinada,
10 não oscilava para um lado nem para outro lado. Quem primeiro despejou o saco no prato foi Apolão:

— Pai, ofendeste-me, dizendo ou insinuando que sou eu o único «deus de rapina». Vais ouvir, em
15 contra, um longo relatório, muito bem feito e nada omisso.

Depois de grande caminhadas, encontrei este cachopo, este ladrão público, nos montes de Cilene; tão refinado maroto como ainda outro não vi, nem
20 entre os deuses nem no meio dos homens, e muito há por onde escolher, porque o mundo, tanto em cima como em baixo, está cheio de ladrões. Afastou-me as vacas da erva em que pastavam, convencendo, com hábeis sofismas, os inocentes animais de
25 que o campo era dele; ao entardecer daquele dia

---

1. «Pelintra»... Reminiscência de João Penha:

> «Iam caminho de Sintra,
> «Montados num só jumento,
> «Um vate e um dândi pelintra,
> «Soltando canções ao vento».

(de qualquer dia aziago) as conduziu para o lado do mar, em direitura a Pilos.

As pegadas marcadas no chão diziam que as vacas foram... para onde não foram. Só a astúcia dum deus pode fazer que um quadrúpede vire para trás as unhas das patas dianteiras, caminhando as traseiras conforme o costume e cómodo da besta.

No chão negro, mais firme, apontavam as unhas para o campo de asfódelos, onde se não viu vergôntea nem haste cortada a dente. Os rastos do infatigável ladrão ficaram assinalados um pouco à margem da carreira das bestas; ele seguia de costas para diante e com um ramo de azinho varria as pegadas. Não havia indício de haver trambolhado, porque, se tivesse caído, deixaria as mãos marcadas na areia, do esforço de se levantar, e não deixou. Mais adiante meteu mais para terra as vacas, e há testemunhas auriculares de que elas magiram fortemente, quando se apartaram do mar sussurrante. Enquanto as vacas pisaram areal, as pegadas ficavam bem legíveis. Todos sabem que a vaca a andar dá à tornejante pata de trás um movimento como o que o agricultor imprime à enchada ao cavar e espalhar a terra. Assim cada vaca, na trabalhosa caminhada pelo deserto, tinha de amiudar as mãos, enquanto sob o peso das ancas e madamais apensos, as patas de trás abriam pequenas crateras, com a areia em redemoinho.

Depois, através de fracas terras e entre as pedras dos caminhos, perdi o rasto das alimárias e do ladrão; mas um mortal deu fé que as «perguntadas» vacas de frontes rijas e cornaduras altas e o «procurado» ladrão de pernas grandes haviam corrido «ontem à tarde», de tropel, na direcção de Pilos.

Feitas estas e muitas outras patifarias, aqui e além, pelos caminhos, encerrou as vacas roubadas em oculta caverna, se recolheu e encolheu no berço e enfronhou e refolhou o espírito na Noite Negra,
5 onde nem olho de águia é capaz de ver nada. Apanhou o mau hábito de esfregar os olhos com costas das mãos; e, apertado, só respondia: «não as vi»; «não sei nada disso»; «ninguém me falou em tal»; «não posso acusar ninguém»; «não te mereço o
10 preço da denúncia»; «vai bugiar!». E voltou-se para o outro lado. Tenho dito.

Teve dito e sentou-se. E pronunciou Hermeias o
15 seu discurso de defesa:

— Zeus-Padre! Só direi a verdade. Sou sincero e não sei mentir. Foi este que hoje, ao nascer do sol, se me meteu em casa, à procura de umas vacas de pernas tortas. Não o acompanhavam deuses bem-
20 -aventurados como testemunhas ou inspectores. Com grande violência me intimou a que lhe dissesse onde estavam as vacas. Quis-me fazer medo com dizer que me atirava ao bojo do Tártaro; ele sente-se forte, porque lhe estão a nascer e a crescer muitos
25 pelos no púbis e alguns na cara e eu nasci ontem: bem vê e sabe muito bem que eu em nada me pareço como um homem forte, capaz de suportar um coice ou aguentar uma cornada no roubo dos currais. Deixa-te convencer, já que te glorias de ser
30 meu pai muito amado, de que eu não levei para casa as vacas — que a felicidade fuja de minha casa, se lá estão tais vacas! —; nunca entrei num cortelho, nem aprendi a fazer a cama aos bois. Sabes que sou sincero. Presto reverência ao Sol e aos

outros deuses. A ti, amo-te muitíssimo; deste tenho medo como de um touro bravo!

Sabes que não tenho culpa alguma; farei, todavia, um grande juramento: «Por estes esculpidos umbrais dos paços reais dos deuses imortais, juro que não sou culpado!

Talvez... pode ser que algum dia este tenha de pagar caro a afronta que me faz. Isto algum dia será, um dia há-de ser; mas... por agora, socorre-me, pai. Ao menino e ao borracho tens obrigação de pôr a mão por baixo: eu borracho não sou, mas sou menino.

E também tenho dito.

Concluída a habilíssima arenga, o maiato piscava os olhos e mirava de soslaio e enrolava e desenrolava no bracito, de modo gentil, uma faixa muito garrida. O bom Zeus riu com muito gosto de ver e ouvir aquele argueiro de deus realizar de modo tão perfeito o provérbio que diz: «Quem muito jura muito mente»: e de se ter saído, no negócio das vacas, como o feirante cigano das futuras idades.

E a ambos os pleiteantes ordenou que terminassem a desavença e fossem procurar as vacas; ao embaixador Hermeias recomendou que servisse de guia, sem intenção reservada, e mostrasse ao outro onde tinha escondidas as grandes e rijas cabeças das vacas. Com um aceno de cabeça, os despediu. O ilustre Hermeias conformou-se, porque, enfim, uma decisão do senhor da égide tem força persuasiva.

E os formosíssimos filhos de Zeus logo saíram e se meteram a caminho da areosa Pilos, passaram o vau do Alfeu, atravessaram campos e chegaram ao grande estábulo onde estava guardado o roubo. Her-

meias entrou pelo portal de pedra e tirou para fora as grandes e rijas cabeças das vacas e ao companheiro disse:

— Examina bem à luz do dia, vê lá se estas cabeças de vaca são tuas, porque das vacas já não são.

Levantou o letónio acaso a vista e reparou nas peles que estavam no rochedo a curtir ao sol e ao vento, e exclamou muito admirado:

— Irrório com tal meco! Como pudeste, num instante, descabeçar tantas vacas e juntar tanto coirame? Nem leão e lobo, de parçaria, fariam tamanhos estragos! Se tais são as brincadeiras do menino, quais não serão as pimponices do adulto? Alto lá contigo, ó Cilénio, filho de Maia! Olha bem para mim, que quero dar um passo atrás para te fazer uma grande vénia!

Tais palavras, fosse a sério ou por troça, é certo que Foibos Apolão as disse; e, entretanto, dissimulado, enrolava entre os dedos umas fibras de agnocasto, para ao outro atar os braços ou lhe armar camba-pé. Mas o vincilho caíu-lhe das mãos, e por sortilégios do astuto filho de Maia as fibras enraizaram e formaram em rede, à disposição deste (não do outro), para apanhar mais vacas, se quisesse, e quando e como quisesse.

O filho de Maia quedou-se suspenso, a fingir que tinha medo: correu meias palpebras sobre os olhinhos petulantes, que pareciam beber azeite e mijar vinagre, e disse:

— Quem me dera sumir-me pelo chão abaixo!

Mas o filho da excelsa Letó, posto que mais forte — e nenhuma necessidade tem de medir distâncias — mais uma vez se deixou levar por cantigas.

O filho da ínclita Maia tomou a cítara na esquerda e na direita o plectro, e feriu as cordas, primeiro, debaixo para cima — «tu e eu somos deuses» —; depois, de cima para baixo — «deuses somos eu e tu» —.
5
Foibos Apolão gostou muito das duas toadas e pedia mais, porquanto um inefável prazer lhe penetrava as medulas e enchia os imos seios de alma. Tocando, pois, suavemente a lira, o filho de Maia ganhou confiança, e se colocou direito e teso à esquerda de Apolão Foibos. E agora, além de tocar com mimo e expressão, já preludiava uma canção — um doce cantar saía de sua garganta — e celebrava os imortais deuses e a escura terra, dizia como as primeiras coisas começaram a existir, e explicava como cada ser conseguiu ser aquilo que foi ou é. E na cantiga deu o lugar de honra, antepondo-a às demais divindades, a Mnemósina, das Musas madre (a sorte a incumbiu de ser madrinha do filho de Maia). Depois de tomar o fôlego deste parêntese, o cantador, filho de Zeus e de Maia e, pelo visto, afilhado de Mnemósina, continuou a honrar os imortais deuses, por ordem de antiguidade e razões mais ou menos fortes que houve para cada qual ser chamado à existência.
10
15
20
25

E, se na *letra* havia algo... algo, por assim dizer, mais escabroso, o garganteio abrandava e ressoava mais forte a tartaruga, cítara ou lira, sempre bem firme no braço forte do citaredo. Apolão sentia-se atormentado dum veemente desejo; mas não sabia bem o que queria. E proferiu estas ardentes palavras:
30

— Ó Mata-Vacas! Ó intrujão habilíssimo! Companheiro ciumento do festim! Em curtos momentos

ganhaste a cantar meio cento de vacas. Mas vamos, dize-me agora, ó genial filho de Maia, essas composições são originais tuas ou as tomaste de alguém? És músico de nascença ou recebeste o riquíssimo
5 presente dalgum dos deuses imortais? ou aprendeste a cantar e a tanger com algum homem? Que linda voz tens! Não ouvi nunca nem creio que jamais se ouvisse tão mavioso cantar. Quantos moradores das olímpicas mansões não têm voz rachada?
10 Pura, argêntea, fresca, matinal, de timbre imortal, só a tua! Em tua garganta possuis um tesouro incomparável, ó insigne ladrão, ó filho de Zeus e de Maia! Qual o segredo de tão alto e divinal saber? Quem a Musa dos indomáveis anseios de alma?
15 Quem te ensinou a arte subtil, a um tempo terrível e deliciosa, de harmonizar a nota que ronca e a nota que suspira? Uma, duas, três vezes, viva a música, — a música viva! — por ser deleitosa, amaviosa e suporifera! Sou companheiro das Musas
20 Olímpicas que impõem regras e contra-regras às caprichosas danças, ditam as normas do canto e nas flautas marcam os furos do Tiroliro; o que, porém, mais me dá no goto e arrebata o espírito é a alegria estrepitosa da mocidade em suas pândegas
25 e festins. Admiro e em alto grau aprecio, ó filho de Zeus, a deliciosa arte com que tanges a cítara. E agora, visto que não obstante a tenra idade, já me és igual em sentimentos e pensamentos, senta-te a meu lado, querido amigo, e canta os louvores dos
30 heróis antigos. Se bem cantares, haverá para ti sobeja glória entre os imortais, e aí será tua mãe muito cumprimentada. Vou dizer-te uma coisa e é: juro pelo ferrão do meu dardo, mais rijo que ponta de corno, que hei-de apresentar-te aos imortais na

plenitude de tua glória; cumular-te-ei de bons presentes; não mais usarei contigo de maranhas ou patranhas, nem direi mentira que não possas engolir.
5 Hermeias respondeu com muita finura:
— Com grande habilidade me mexeste e remexeste por fora e por dentro. Ó tu que julgas que todo o mundo é teu e saltas por trancos e barrancos! Tantos cumprimentos, gatimanhos, carícias... para?
10 fazer-me cócegas? Não ponho entraves a que aprendas a minha arte. Hoje mesmo ficarás artista consumado; se tiveres alguma feição de poeta lírico, ao meio-dia serás o *Onos prós lyran* e à tardinha cantarás *Ora viras tu*. Quero ser amável contigo por
15 pensamentos palavras e obras, porque bem sei que estou na presença do senhor Sabe-Tudo. Porque és gordo e de febra rija, nem com deusas velhas usas de cortesia, queres ser o primeiro que se senta entre os imortais; o prudente Zeus tem, e com muita
20 razão, um fraco por ti, enche-te a bazófia de honras e as mãos de dádivas; e dizem, ó tu que o mundo inquietas, *dizem* ou *murmura-se* que o deus que se chama na linguagem dos deuses como na linguagem dos homens se nomeia um dedo da mão, isto
25 é, dizem que o pai-de-todos (deuses e homens), fingindo que te beija a face, te papeja à orelha os segredos dos deuses, e que tu vendes os segredos das coisas divinas na forma de vaticínios e oráculos a quem quer comprar e paga bem, sejam homens,
30 sejam deuses. Sei que és rico, e quem é rico pode ser o que quiser, até músico, pagando ao maestro e, se preciso for, aos ouvintes. Se tua paixão é tocar guitarra, guitarreia ou citariza quanto queiras. Cedo-te a viola, a voz não, porque é intransmissí-

vel. Tens de ensaiar-te, de experimentar os gorgomilos: tosse, escarra, lança fora o farfalho. Agora, enche os pulmões de ar; solta um berro que vá tão longe como a tua seta. Bem: não te saíste de todo mal do primeiro ensaio. Continua e serás mestre. Confio de ti a minha fiel companheira: *tartaruga*, cítara, lira... Dá-lhe o nome que quiseres, mas não lhe chames rabeca, que ela não gosta deste nome: amua e fica muda. Gosta muito dos adjectivos ou epítetos de *sonora, pulcra, arguta, discreta*, etc..

A quem a interrogar com puros intuitos de arte pela arte, ela ensinará toda a sorte de coisas gratas ao espírito e deleitosas aos sentidos. Sê atencioso e delicado com esta suspirosa amiga; presidi aos faustosos banquetes, animai as ligeiras danças, ide à comédia e que noite e dia reine a alegria! Tereis vida regalada, isenta de canseiras e penosos trabalhos. Se porém lhe mostras pouca estima, a feres com mão rude, ela grita, grunhe e ralha, e em vez de harmonia só fareis chinfrim. Como vês, de ti depende o haver boa música ou continuar a desafinação.

E eu cedo-te a minha bela prenda, ó ilustre filho de Zeus, por quê? A troco de pouco: primeiro, porque sou muito teu amigo; segundo, para que me não invejes uns ténues fumos de glória; terceiro, ainda por causa das vacas.

E a propósito de vacas, ó tu que feres de longe... (não estou seguro que de perto me não firas) se te parece bem, vamos levar as vacas a pastar ao monte ou à campina onde se criam muitos cavalos. Porque te apoquentas e amofinas, ó deus de espírito tacanho! Deixemos errar por montes e vales algumas vacas com alguns toiros que sejam da afeição

delas e garantida está a geração do futuro. Produzirão ervas os prados que dêem pela barriga às vacas; nutre a negra terra florestas entre as quais alimárias de grande porte não importam mais que
5 pulgas em pêlo de cão. Fica-te com a lira e eu vou guardar vacas. E cessaram os motivos da eterna zanga, a que te dedicavas com grande veemência e sincero entusiasmo!

Assim falando, entregou a cítara a Apolão; e
10 Apolão passou a Hermeias o cajado de pastor ou aguilhada de vaqueiro. O glorioso filho de Letó, que de longe fere com seu dardo, agora, de perto, com o plectro fere a sonorosa lira: com entusiasmo de noviço e o nervosismo de aprendiz, deu um forte
15 beliscão na corda-bordão; a corda roncou, ronronou, ressoou, rosnou. Depois experimentou uma e outra; todas estavam bem tensas, temperadas, na afinação: uma gritava, outra ralhava, a terceira grazinava, a quarta grunhia, a quinta tinia e as de
20 sobra retiniam. E o novel cantor berrava como um danado para harmonizar aquelas «grulhas».

Por fim cantou lindamente.

E então, pois não? os flamantes filhos de Zeus
25 tocaram para o florido prado as vacas, lá as deixaram e subiram às altas regiões, brancas como meadas a corar ao sol, animando os pés e acertando o passo ao som da lira. E Zeus se alegrou muito vendo agora amigos os antes desavindos e
30 abençoou aquela amizade. E Hermeias, desde a hora em que ao Letónio cedeu a tartaruga e direitos de inventor, o amou de ânimo sincero e ainda hoje o ama. E este, o deus que mesmo onde não está pode fazer mal a quem não quer bem, desde que apren-

deu a tocar, não largava do braço a tartaruga; e quanto mais se lhe afazia a mão a domar a tesão das cordas, tanto mais se lhe abrandava o espírito dominando as paixões bravias. E o invencioneiro Hermeias fez então o pifre, que, bem soprado, se ouviu nos povos dalém da serra. Ouvindo a música de sibilo e reparando na forma do instrumento, julgou Apolão que era cobra a assobiar, teve medo, e mais uma vez desconfiou do camarada:

— Renascem dúvidas a teu respeito; eras sanfonineiro, saíste-me gaiteiro; bem sei, ó filho de Maia, que Zeus te honrou, tomando-te por ou para seu embaixador e para isso te habilitas com imensa treta; fôste incumbido de tornar permutáveis os trabalhos dos homens e os frutos da terra e assim fàcilmente te habituarás a não deixar estar as coisas onde estão, e, só por este capítulo, nem os meus arcos julgo seguros, se te vejo perto deles. Mas, se convéns em prestar-me o grande juramento dos deuses, já confirmando o sim e o não com acenos de cabeça, já invocando a impetuosa água do Estige, farás desvanecer meus receios.

Então o filho de Maia prometeu com acenos de

---

5. «Fez o pifre» ou pífaro. Segundo poéticas tradições, Zeus buzinava e o som de sua buzina estremecia os polos; Pan gaiteava pela gaita de capador, que ele cortara das canas da ninfa Siringa; Hefaistos, pelo corno de Amalteia, que Afrodite sua esposa obtivera da ama de Zeus; Hermeias, pelo pífaro que ele inventara e de que fez presente a Palás; mas esta a rejeitou, porque a desfeava muito, embochechando-lhe as faces além do justo, Eros, por um canudo em esguicho; Ares, pelo clarim belicoso; as deusas todas, por pipias; Poseidaão e Aiolos, por trombões; e os Tritões, por búzios (cf. Filinto).

cabeça nada roubar ao outro nem, de modos suspeitos, rondar-lhe a grande casa.
E Apolão conveio no pacto de amizade, donde explìcitamente consta que ao filho de Letó ninguém
5 seria mais caro, dentre os imortais, seja esse *ninguém* deus filho de Zeus ou homem de Zeus filho... do que o engenhoso e habilíssimo Hermeias. E acrescentou (estas são as palavras próprias):
— Por minha parte te constitui, e pelo que dos
10 outros depende te aceito, ligítimo mensageiro de todos os imortais e dos homens todos; passar-te-ei, sem demora, a formosíssima varinha da felicidade — é de oiro, tem três folhas — a qual te guardará incólume, porque é poderosa perante todos os deuses
15 em virtude das palavras santas e gestos de benção, que declaro ter aprendido da voz de Zeus. Quanto a ciência ou arte de adivinhar, de que me falaste, óptimo aluno de Zeus, não está em meu poder outorgar-ta, por não ter decretado a divindade que tu
20 a aprendes nem outro qualquer dos imortais; assim decidiu a inteligência de Zeus; e eu, ao ser-me confiada a arte reservada, comprometi a cabeça e prometi, com forte juramento, que outro algum dos sempiternos deuses, além de mim, virá a saber nada
25 das prudentes decisões de Zeus. E tu, irmão, contenta-te com a varinha e não queiras saber como o Previdente mexe os pauzinhos. Quanto aos homens, a uns serei propício; outros não hão-de sair da cepa torta no decorrer das gerações. Proveitoso há-de ser

---

22. «Comprometer a cabeça» é, na linguagem dos deuses, significar por acenos da cabeça que se está pelos ajustes.

meu vaticínio ao que vier a mim guiado pela voz e voo de aves agoureiras; não o enganarei. O que, porém, fiando-se de aves que chilream ou grasnam só porque são grulhas, e às tontas voam por onde
5 o vento as leva, esse perde a romaria, embora eu lhe aceite e grame a oferta. Ouve ainda uma coisa que te quero dizer, filho da gloriosa Maia e do Zeus da égide, oh, tu, porventura o mais prestadio nume entre os deuses! Há três venerandas ninfas, irmãs
10 por nascimento, virgens; tem cada qual seu par de asas velocíssimas, de que muito se preza; são três. Enfarinham a cabeça e parecem mais velhas e veneráveis do que são. Moram numa prega do Parnaso, e ensinam às ocultas, desde há muito tempo,
15 a arte divinatória. Foi com elas que eu a aprendi e pratiquei, quando em pequeno por ali andava com os bois (meu pai não o soube ou se sabia, fingia que não sabia). Quando têm fome saem do esconderijo, uma bate as asas, as outras duas fazem
20 o mesmo e vão roubar favos; e pairando nos ares chupam o rescendente mel e às vezes ainda levam algum para casa. Depois de comerem o mel de favos novos, dá-lhes o furor profético e, condescendentes, dizem a verdade a quem as consulta; mas se quem
25 as consulta não lhes adoça a boca, recebe resposta torta, porque elas se escandescem em fúria, sem profecia; cada uma das três mente por conta própria e às outras duas chama mentirosas, e se arranham, porque esta, aquela e a outra quer ser cabeça de
30 motim, e mais de um devoto se tem ido da audiência com a orelha murcha a pingar sangue. Dá-lhes mel pela beiça, e delas terás quanto queiras.

Agora, vai acompanhar as vacas: leva-as a pastar e a beber. Atrás, acautela-te das lentas patas

tornejantes; adiante, tem cuidado com as cabeças altas, cornejantes.
Os cavalos querem-se bem escovados e limpos; deves pentear-lhes todas as manhãs as crinas.
5 Os rijos e pacientes mulos são bestas de carga.
E não só as alimárias que dito tenho, mas ainda os terríveis leões, os javalis e porcos de alva dentuça rija, cães e ovelhas (as ovelhas de modo especial) e quantos animais de certo porte e algum vulto
10 nutre a ampla terra fiquem sujeitos ao império do preclaríssimo Hermeias!
Em casa de Haides quem governa, claro esta, é o mesmo Haides; mas o único mensageiro creditado e lá bem recebido seja o ilustre filho de Maia!
15 Haides não é rico; o Príncipe das trevas, contudo, não permitirá que nosso mensageiro, quando precisa de vir à pátria, venha sempre de mãos vazias.

20 Assim amou o soberano Apolão ao filho de Maia, distinguindo-o com infinitas e omnímodas provas de amizade.
Hermeias, sem que com isto perca o agrado de Zeus, tanto com os deuses como com os homens, é
25 vário e multifário, sendo-lhes por isso de pouco ou nenhum prestímo. Mente muito, particularmente de noite. Deus nocturno, compraz-se muito em embair as gentes simplórias. Dum modo ou doutro, compraze-te de ti mesmo, ó filho de Maia, sejas bom
30 ou sejas mau!
Prometo não me esquecer de ti; e outro dia te cantarei outra loa, bem ou mal.

HINO A APOLÃO

Quando as estrelas saem de seu quebranto e começam mais e mais vivas a brilhar e a cintilar, e parece que todas se voltam para a mesma banda, erguei a fronte, ó vós todos que na terra estais «a
5 ver navios», e deixai com elas vossos olhos pestanejar!

Porque é então que por *aquela banda* ou passou ou passa ou vai passar algum deus dos de mais alto porte...

10

Eis já se abrem os altos Batentes Ouránios, como impelidos de sobrenatural repelão; e entra pelo Olimpo dentro, com ares galhardos e jucundos, o glorioso, o formossíssimo Apolão!

15 Todos os deuses descem de sua poltrona, para lhe fazer cortesia; todos, menos Zeus e Letó. A razão do privilégio de ficarem sentados os dois adiante se dirá. Por agora basta saber que todos os deuses são obrigados a cumprimentá-lo à entrada. E como isto
20 tantas vezes sucede, já na terra se não assustam os homens, ouvindo o grão rumor do arrumar cadeirame. O rude montanhês, ouvindo trovão e não vendo nuvem, comenta simplesmente: «É Zeus a casar mais um filho; como tem mais filhos que pin-
25 tos a galinha choca, haja embora todos os dias um casório, para lá das «calendas gregas», terá ainda rapazes que fazem asneira e raparigas sem ninguém que as queira».

Quanto a se não mover Zeus do sólio de sua
30 majestade, é de saber que ele de todos é pai e rei; entre quem entrar, saia quem quer que seja, a nin-

guém deve vénia. Além disso é obrigado a ter mão
tente no cetro donde puxa e ressalta o irrequieto
raio, sempre invocado, provocado por este ou aquele
arrieiro pinguço e de mau vinho que, daquém ou
5 dalém lá da baixa terra, o requer a que lhe parta
o carro, os machos e mais os passageiros.

Não é pois Zeus que à Apolão deve reverência,
mas antes o filho a deve ao pai. Como, pois, deus
bem criado que foi em moço, usará de termos de
10 boa criação: ao entrar de Zeus no excelso paço, ao
pai fez inclinação e as barbas lhe foi beijar.

Zeus tem sempre a dextra firme no cetro, para
reger os *outros*; mas, para se governar a si mesmo,
não afasta a esquerda da asa ou vizinhanças da re-
15 donda taça de néctar. Quando o filho as barbas lhe
beijou, o grande deus as mesmas barbas babou de
ternura; ia quase entornando a taça sobre a cabeça
de Apolão; a taça não na entornou, aos lábios lha
aproximou, dizendo: — Bebe, rapaz! Hás-de sen-
20 tir-te fatigadíssimo. Vens muito excitado: ao cor-
rer-te a mão no pêlo senti as faíscas entre os dedos
e palpei a grande tensão eléctrica que trazes na
cabeça. Estás em idade de aventuras, mas não cor-
ras demasiado atrás de tua seta de oiro. Com estes
25 bons conselhos, dou por cumpridas para contigo
minhas obrigações de pai; estas nasceram de «um
quase nada»... estás a ouvir?... não contraí matri-
mónio com tua mãe. Ela além te espera em sua

---

22. *Tensão eléctrica*. Não é de estranhar a lingua-
gem de electricista. Zeus conhece o raio, fenómeno
eléctrico.

23. *Corras*, etc.. É uma enfiada de palavras à conta
de um só termo grego: *hécatos*.

poltrona sentada: vai, pois, para a roda de sua saia: agradece à mãe quanto és, quanto pesas e vales.

Zeus assim falou e voltou a entreter-se com o seu escorpião de lume, suspenso, mas não quieto, e atado ao cetro de oiro por uma flâmula azul.

Khaire mákair' ô Letoî... Alegra-te, ó preclara Letoi, ditosa mãe do nosso deus-herói e de Ártemis formossíssima! — um nado que foi na áspera Nesos, a outra na amena Ortígia.

Zeus de Apolão é pai,mas pai sòmente de «filho natural»; pois, como ele mesmo o disse, o gerou, quase sem dar por tal. Letó é mãe na plenitude de lei natural.

Da mesma vez que Zeus a ser pai... começou ela a ser mãe; começou, para nunca mais acabar...

Por isso, logo que o filho se achegou e lhe deu na testa o beijo reverencial, baixou do trono e o foi ajudar a se desarmar. Tirou-lhe do ombro o arco e lhe tirou das costas o carcás. O arco na bola de oiro da cabeça de cabide, onde Zeus guarda seu manto real, ela mesmo o foi pendurar. E o carcás pôs a bom recado, para as setas se não espalharem. Depois, vendo do corpo de oiro do filho querido dum brilho de cansaço dos poros a fumegar, com sendal alvíssimo, lhe foi o suor limpar. Assim amimalhado e *enxuto,* se foi Apolão em seu trono assentar. Dispuseram-se em roda os tronos todos e já os deuses se começavam assentar para lhe fazerem recebimento de corte divinal! De trono para trono os deuses falazavam alto e as deusas... essas a cochichar! Contaram-se histórias sabidas e por saber; casos reais e imaginários; peripécias acontecidas e inventadas; muitas anedotas insípidas como

néctar, já sete vezes aguado; façanhas heróicas e facécias de aventuras pregressas: — Ai, minha vida, dizia o grande Frecheiro, ai minha vida, para aqui trazida, assoalhada, atassalhada, comentada,
5 malsinada, apimentada!

Do que as curiosas divas mais gostaram de ouvir foi a «lenda do nascimento de Apolão».

«A graciosa Letó concebera de Zeus tonante...
10 «Com o filhinho no seio percorria o mundo inteiro conhecido de Grécia antiga e seus arredores...

«Passava de uma terra a outra terra, de cidade a outra cidade, de ilha para outra ilha, perguntando sempre: Quereis ceder-me lugar para meu filho nas-
15 cer?

«Muitas terras e cidades iam respondendo que não; poucas, nem que sim nem que não; quase todas as ilhas deram um redondo «Não»: só a aspérrima Delos cedeu algum terreno junto dum
20 penhasco...».

Eu, poeta de ofício, como cantarei dignamente a corajosa Letó que deu ao mundo Apolão, reclinada no monte Cíntio, perto duma palmeira, junto do
25 riacho Inopós? E quanto me envergonho de meus rudes carmes ao querer entoar meu hino de louvores a ti, glorioso Foibos, que ensinaste as leis de harmonia, tanto aos habitantes de terras fundas, que se regalam de boa vaca, como aos tristes ilheus, que
30 têm de se contentar com peixe e algum raríssimo cabrito! Sei, que te aprazem os cumes das cordilheiras, cortes e recortes de ásperas serras, pautando límpidos horizontes, donde te recreias em miragens sem fim: sobes aos altos miradouros, corres a

cumeada sem fim das montanhas, gostas de alcandorar-te nos mais altos píncaros; observas o borbulhar das nascentes, segues o ribeiro trepidante pela serra abaixo, acompanhas a torrente em direcção ao mar,
5 vais até à ponta do mais alongado promontório e dali ordenas às ondas rumorosas que dêem aos rios as *boas-vindas. A formosura, que só aos teus favo*ritos ditas, é igual aos mares, ilhas, campos, serranias, rios e ribeiros de velha Grécia e tua glória
10 está em conheceres tanto mundo quanto voa a tua seta de oiro. As rijas molas de que dispões nos artelhos, joelhos e virilhas a tua mãe as deves, porquanto todas as terras, que agora percorres e visitas, primeiro ela as andou e desandou à procura
15 de lugar e «espaço vital» onde te parisse. E ela te pariu, como disse e o rememoro, no monte Cíntio, da ilha de Delos. O mar bravo e sombrio batia a riba fragosa; ondas grossas e escuras passavam em arco para além do outro lado da ilha; o vento sibi-
20 lante aspergia de salgadas gotas frígidas o corpo da parturiente. Assim nasceste de têmpera rija, fragueiro e capaz de árduos empreendimentos. E hoje, de corpo vigoroso e ânimo audaz, de Delos, tua ilha natal, estendes teus domínios sobre os habitan-
25 tes de Creta e povo de Atenas; pela ilha Egina e Eubeia, muito importante por sua frota; e por Egas e Irésias e a marítima Pepareto; e ao monte Atos (na Trácia) e aos cimos agudos do Pelião; e até Samos da Trácia; às cordas de sombrias montanhas
30 do Ida, Ciro, Foceia e altíssimo monte de Autócane; e pela bem edificada Imbros; e pela inabordável Lemnos; pela mui divina Lesbos, onde reside Mácar Aiolião; por Quios, a mais fértil de quantas ilhas tem o mar; ao rochoso promontório de Mimas;

aos mais altos cumes do Córico; à luminosa Claros; ao alto monte de Aiságea; pela beatífica Samos, que se adormece ao sussurro cantante de suas abundantes águas; e aos cimos de Mícale e Mileto;
5 e por Cós, cidade dos Merópidas e de mérope gente; e até à alta Cnido, Cárpato ventosa, Naxos e Paros e penhas de Renaia: por todos estes sítios andou Letó errante, em todos estes lugares procurou lugar para seu filho. Mas todas estas gentes se que-
10 davam a tremer, repassadas de medo. E nenhuma terra, por mais rica que fosse, quis dar acolhida ao deus nascituro. Urgindo já as dores de parto, a venerável Letó apromixou-se de Delos e interrogou a Ilha com estas palavras veementes:
15 — Ai, Delos! Não quererás tu ser a morada de meu filho, Foibos Apolão! E lavrar-lhe de tuas pedreiras um templo! Se deixas perder a ocasião, nunca tirarás os pés da lama nem sairás de «cepa torta». Não vejo em teu miserável solo moita de
20 erva de mais monta que as mancheias de pêlos que se criam nos queixos de bode ou cabra. Toda a ramaria de teus pomares não aguentaria o peso de uma só maçã. Todos os teus habitantes trazem caras de fome e de fraqueza tropeçam nas próprias sombras.
25 De momento para momento podes ser invadida: tuas tropas não têm vigor para sustentar as armas. Não criarás jamais bois nem ovelhas, nem de tuas uvas farás vindima; nem mesmo de árvores daninhas teu chão chegará algum dia a cobrir-se. Mas,

---

5. Merópidas, descendentes de Méropes, antigo rei de Cós. Mérops, como nome comum, parece significar «pessoa inteligente», de «olhos penetrantes», da companhia do «olho vivo».

se levantares o templo a Foibos Apolão, cuja seta
há-de sempre voar célere e sempre acertar aonde for
mandada, então tudo há-de mudar para ti. De
todos os povos circunvizinhos virão inúmeras
5 manadas; os mil caminhos ficarão assinalados das
pegadas de bois e vacas, marcando de todas as par-
tes direcção para aqui. As hecatombes continuarão
sem cessar, densa e crassa fumarada de fressuras e
carne assada se levantará nos ares, teus magros
10 íncolas serão fartos e tu hás-de ser rica à custa de
festeiros, peregrinos e devotos.

Um pouco duvidosa, Delos respondeu:

— Hum... arreceio-me de tanta fartura...

Ai, ó Letoi, caríssima filha de grande Koïos, com
15 muito gosto daria acolhida à tua prole, o soberano
que há-de fazer voar a seta até se lhe perder de
vista o rabo! Verdade, verdade, eu não tenho boa
fama entre os homens, e desta sorte ver-me-ia hon-
rada.

20 Assusta-me, porém, uma profecia que te não
desejo ocultar. Reza a dita profecia que Apolão há-
-de ser orgulhoso e muito presunçoso; entre os deu-
ses há-de querer figurar no primeiro lugar e com os
mortais, filhos da escura terra, se mostrará prepo-
25 tente. Por isso acobarda-se-me o ânimo e se me en-
colhe o coração, só de pensar que ele, em abrindo
os olhos à luz do dia, logo se há-de enfurecer com
o aspecto desolador de tão mau terreno; e, escoici-
nhando e batendo o pé, me fará sumir no pélago
30 sem remédio e, rolando me sobre a cabeça uma e
outra vaga, se me prenderá aos cabelos qualquer
polipeiro; e depois não faltará cardume de foscas
e fedorentas focas que, vendo que perdi todos os
meus habitantes, venha em mim fazer seu domicí-

lio. E o deus terá desaparecido para terra mais do seu agrado; e lá terá seu templo rodeado de bosque, com árvores de todos os tamanhos e ervas de todos os cheiros. Mas se tu, ó deusa, ousas assegurar-me com um grande juramento que o formosíssimo templo aqui há-de ser levantado e que o deus sempre aos homens há-de dar resposta certa, seja qual for o nome por que o invoquem...

Assim disse. E Letó prestou o grande juramento dos deuses:

— Saiba-o a Terra, e desde o cimo ao fundo e de meio a meio o amplo Céu e a Água amarga vomitada pela horrenda carranca de Estige (é este o mais solene e terrível juramento para os deuses imortais): em verdade, aqui hão-de permanecer o templo e o bosque de Foibos, e o deus mais do que a ninguém te há-de honrar.

Delos muito se contentou de ouvir tão grande e bem pronunciado juramento e já exultava com a próxima vinda do «Príncipe da seta refulgente».

Letó padeceu por nove dias e nove noites as tormentosas dores de parto. Já então se encontravam na ilha as deusas mais ilustres — Dione, Reia, Témis, a lamentosa Anfitrite e outras imortais. Por motivos fáceis de compreender, não compareceu a deusa dos brancos braços, Hera. Ficou-se no palácio do seu «Junta-Nuvens», Zeus. E, quando bem lhe pareceu, foi-se ao montão de nuvens de seu marido, escolheu duas das mais doiradas, e, passando ao cimo do Olimpo, nelas enrolou Eileithyia, a deusa mais entendida em partos. Era esta precisamente a que em Delos fazia falta; e quem a impediu de acorrer, foi Hera, por inveja e ciúmes. Inveja, por-

que, se Hera excedia a Letó na formosura dos braços brancos — mais brancos que as mangas da sua camisa — a outra a superava na beleza das tranças, em comparação das quais os cabelos da 5 cabeça da esposa de Zeus não passavam de míseras farripas de grenha. Por ciúmes, porque o robusto e perfeito menino que ia nascer era filho de Zeus.

As deusas enviaram do aprezível sítio, escolhido para seu ponto de reunião, a rápida Íris, para que 10 sem demora lhes troxesse Eileithyia, com a promessa de lhe pagarem os serviços de parteira com um formoso colar, preso a um cordão de oiro de nove côvados; e recomendaram lhe falasse em particular, não fosse Hera dissuadi-la de prestar servi- 15 ços. Calçou Íris seus chapins de vento e num instante transpôs o espaço intermediário. Quando chegou à mansão dos deuses no alto Olimpo, tomou por um braço Eileithyia e fora de portas lhe disse ao ouvido todas as palavras que lhe manda- 20 ram dizer as senhoras palacianas do Olimpo, mas não sem lhes juntar todo o calor persuasivo que sentia no peito. E as duas chegaram a Delos com passos ligeiros, certinhos e miudinhos, de duas tímidas pombas.

25 Eileithyia chegara a Delos no momento próprio de prestar seus serviços: já Letó se dispunha a parir; lançou corajosamente os braços ao tronco da palmeira, fincou os joelhos no chão florido; debaixo da parturiente começava a Terra a rir... e nasceu 30 Apolão, cuja entrada no mundo foi festejada e aclamada pelas deusas todas em altos e alegres brados.

Vieste ao mundo, ó glorioso Apolão, para vibrar longe a seta de oiro, a seta que a corda aérea da mais alta montanha quebra, fura a nuvem, penetra

os céus e que até, uma vez ou outra por donaire ou gracinha, se vai espetar no topete olímpico de Zeus! E Eileithyia, para alguma coisa fazer e ganhar o colar, te cortou a umbigueira; e as deusas te lavaram em água pura com muito recato e modestia, isto é, nenhuma disse — «Ui, que menino tão precoce!»... E, como notassem que vieras ao mundo um nadinha barrigudo, te envolveram num alvíssimo e puríssimo sendal, apertado com rijo torçal ou (dizem outros) com teu cordão umbilical.

Não necessitou a mãe de dar ao menino a mama, porque Témis com suas divinas mãos o apaparicou de insípido néctar e deliciosa ambrosía. E Letó se alegrou por haver dado à luz um filho já, por assim dizer, archeiro armado e pronto, isto é, de seta na mão, carcás às costas e arco ao ombro.

E tu, ó Foibos, logo que sorveste o alimento celeste, sentiste que a divindade em ti latente já rompia em flor: o cordão de oiro e retrós (ou umbigal correia), com que te cingiram as deusas, estalou; e o lenço branquíssimo, em que as mesmas te embrulharam, voou longe, como folha de parra ao vento!

E Foibos Apolão proferiu entre as deusas:

— Sejam meus companheiros a cítara da amizade e o arco guerreiro; e em meus oráculos revelarei aos homens os desígnios ocultos do astuto Zeus.

Tendo dito o que aí fica, Foibos Apolão começou a bater com pés firmes a ampla lama dos caminhos da Terra. A intensa cabeleira espalhava-se sobre o

---

31. A ênfase apatetada ou irónica deste periodo está no original.

carcás; o grande arco oscilava-lhe no ombro esquerdo; entre os dedos da mão direita, a azagaia, lépida e trépida, parecia dizer-lhe «Vamos lá!». Todas as imortais eram todas admiração. Delos toda rejubilava porque a prole de Zeus e Letó a havia preferido às demais ilhas e ao próprio continente, e se cria nadar já na abundância, e coberta de oiro como agreste cabeço quando florescem o tojo e a carqueja.

E tu, deus e rei, portador do arco de prata, que sacodes longe o dardo! Ora sobes o íngreme monte Cíntio, logo te dá para, em botas de cortiça, duma a outra ilha divagar! Se homem olha para ti, sempre tens uma palavra para lhe dar; se, no mar do arquipélago, barqueiro te oferece o barco, agradeces, recusas e vais andando... Tens muitos templos; teus são muitos bosques e tapadas, com árvores de todos os portes e tamanhos, grossas e delgadas ramarias e mares de folhagem e, aqui e além, algumas testeiras de mato. Mais que de ver terra com olhos de proprietário, gostas de andar pelos visos dos montes e espinhaços das serras a caçar imagens, a colher miragens. E, se do alto contemplas os rios que vão correndo ao mar, lê-se-te no rosto certo desgosto... Vê-se que estás a invejar Poseidaão. Bem quererias trocar a tua lira pelo seu tridente...

Delos, para te alegrar, ó Foibos, convidou para tuas festas e jogos, pugilatos, cantos e danças em tua honra toda a nobreza e toda a fina flor dos Jónios. Já para aqui se deslocaram famílias inteiras: passam magnates varrendo as calçadas ou limpando as pedras dos caminhos com as fímbrias das opulentas vestes, as venerandas consortes pelo braço, os

filhos e filhas adiante ou atrás, dum e doutro lado. Todos estes Jónios são prazenteiros, de aspecto tão sadio, que parecem imortais; e ou têm mandinga com que desterram a velhice ou sabem a maravi-
5 lhosa arte de a dissimular. Mas os rostos lindos, que sobre todas as caras prevalecem, são os focinhos risonhos e trocistas das raparigas de Delos! Todas as moças da ilha andam doidas de entusiasmo com o seu «deus frecheiro», sabem a canção do
10 «arco e seta» e citam um pouco à margem do canto os nomes de Ártemis, que também sabe lidar em setas, e da venerável Letó (é leve comemoração, mas sempre é uma honra que lhes fazem). E quando as virgens délias entoam o hino antigo, transmi-
15 tido de geração em geração, todas as bocas o repetem, e então se escutam juntos todos os gritos de dor, brados de glória, clamores de esperança e notas de ternura que têm saído do peito humano.

Mas ainda não está dito o melhor. Todas ou quase
20 todas as raparigas desta ilha são engraçadíssimas e dadas a travessuras. Macaqueiam todo o próximo e tudo arremedam. Nas pontas dos dedos fazem todos os beijinhos e acompanham o trinco do «médio» sobre o «polegar» com as palavras obrigadas: «este
25 é para a beijoca!». Estalando com a língua nos dentes, imitam os crótalos dos sacerdotes e das sacerdotisas.

E têm o mau costume de se intrometer nas conversas alheias, abusando da habilidade de fingir de
30 longe vozes de «ao perto».

---

30. *Fingir vozes.* Santo Agostinho conheceu pessoas com estas habilidades. *Quidam voces avium pecorumque et aliorum quorumlibet hominum sic imitantur atque*

Sentam-se num banco de jardim um jónio mais a sua jónia. O jónio, em tom brando, diz à mulher qualquer «isto mais aquilo». (Pausa).
E a deliazinha, escondida no bosque ou detrás
5 dum rochedo: «Isto, mulher, não se faz!» A jónia abespinha-se; o marido, julgando que fora ele que, distraído, continuara a falar, pede desculpa à consorte. Ela não desculpa nada; e toma-se de zanga para todo o dia...
10 Mas continuai vossas travessuras, ó gráceis raparigas! Só vos desejo que em vossas aventuras acheis muito de que rir! E, vos suplico, de mim não vos esqueçais. Imitai-me, se puderdes, em meus versos; de meu *físico* podeis rir quanto vos der na vontade.
15 Se algum dia, cedo ou tarde, acolherdes em vosso lar forasteiro necessitado e ele vos perguntar: «Donzelas, qual é o aedo de que mais gostais e cujos versos preferis aos demais?», respondereis: «Um homem cego, cujos versos não são *cantigas de cego*,
20 mas carmes imortais; habita em Quios, ilha muito pobre». E nós, em nosso giro contínuo de terra em terra, em nosso fadário de cidade em cidade, estenderemos a vossa fama, cantando o sortilégio de vossa formusura, e encanto de vossas graças; e todos nos
25 hão-de acreditar; porque nestes pontos não teremos necessidade de inventar. Mas isto será quando for: quando recomeçar nosso peregrinar. Por agora o assunto é o deus do arco argênteo e seta de oiro, Apolão, nado da formosa deusa que os ares alegra com
30 os fulgentes anéis de seus cabelos.
Alto rei, senhor de Lícia, de Meónia amável, de

---

exprimunt ut, nisi videantur, discerni omnino non possint (De Civilate Dei, Lib. XIV, c. XV).

Mileto, encantadora cidade marítima; príncipe divino, senhor único, aclamado em delírio por Delos inteira, no meio do sussurrante mar!...

E já se encaminha o ilustre filho de Letó para os penhascos de Pitó, tocando sua cítara de cordas cantantes e de boa caixa de ressonância! As vestes sacras ondulam com os passos do caminhante e rescendem a rosas. Chegado às alturas de Pitó, o generoso músico e donoso artista quis dar aos penhascos uma tocata: as cordas, feridas do plectro, gemem, trinam, chilreiam...

Dali, célere como o pensamento, levantou voo, direito ao Olimpo, morada de Zeus. Todos outros deuses estavam em casa. Fizeram-lhe uma recepção, quanto podia ser, cordial, como era de esperar e nem doutra maneira podia ser. Por todo o Olimpo e por algum tempo não houve pensamento nem outros cuidados senão cordas de cítara, e cantigas que leva o vento. As Musas todas, alternando melodiosas vozes com as vibrações das cordas, celebram as dádivas memoráveis dos deuses, e comentam os trabalhos e infortúnios dos homens, que têm umas vezes de se resignar com as talhadas já feitas pelos imortais numes, e que outras vezes se metem em talas, por falta de siso: e, duma ou doutra sorte, ainda não inventaram medicina para atalhar a morte, nem tão pouco para a triste velhice acharam remédio. E as Graças de formosas tranças, e alegres as Horas, mais Hebe, Harmonia e Afrodita, filha de Zeus, bailam de mãos enlaçadas; e entre elas, se bem repararcs, uma hás-de notar que de modo algum te parecerá feia ou rústica; antes de busto flexível e aspecto senhoril, esbelta e ágil e de maravilhoso dançar. Saberás que é Ártemis, irmã

quase gémea de Apolão e, por assim dizer, formada na mesma escola. Esta, quando não dança, caça, brincando com suas frechas de rabos de andorinha. E é engraçado que no roldão aéreo de deusas, Mu-
5 sas e Graças, gira também a pança de bronze de deus da guerra, Ares, emparceirado com Argifontes!
E no turbilhão de deuses e deusas, Musas e Graças, tanto sobressai o esbelto Apolão que a rija cabeça de Ares apenas lhes dará pelas cordas de cí-
10 tara!
E as cordas de cítara, feridas do plectro frenético, gritam em notas tão argutas, rápidas e repenicadas que o passo da dança se torna em redopio!
E os brancos calcanhares de Foibos Apolão saco-
15 dem ligeiros a fímbria fulgurante. E a túnica brilhante deixa a descoberto a perna esgalgada, fugindo para a cintura. E o corpo e as vestes do filho de Letó formam em conjunto um fenómeno maravilhoso, como jamais se viu!
20 E Zeus, revendo-se no filho, sente alargar-se-lhe no peito o coração.
E o rosto da venerável mãe, emoldurado nas tranças de oiro, brilha de alegia.

25 O grande baile, o baile de gala, dos paços de Zeus por força que havia de acabar! Já os divinos pares — eles e elas transpirando divindade cansada — já se começavam a assentar. Tens muito que de ti se diga, ó Foibos Apolão, mas eu não sei como ou por
30 onde continuar... Exaltar-te-ei entre os sócios ou émulos do vulgar, do sediço, do banal, do fútil namoriscar? Quando te deu para desinquietar a donzela Azantis, porque é que fazias caminho em companhia do formoso Isquis (Ischys), de estirpe

de Elatião, jovem opulento, sempre servido por luzidos e fogosos corcéis? Querias deslumbrar a jovem e fazer-lhe andar a cabeça à roda com o aparato de teu séquito? Ou iríeis os dois brigar diante
5 dela e por causa dela? Ou seria o mero acaso de os dois terdes namoro para a mesma banda? E porque andaste de rixa com Forbas, da casa e família de Tríopos? E o mesmo com Ereuteus? E porque te meteste à bulha com Leucipo e com a mulher de
10 Leucipo, ele combatendo do carro e tu a pé? É sabido é que Tríopos presenciou algumas destas aventuras! Mas apresentar-te-ei ocupado de graves pensamentos, ditados pelo vento a sussurrar nas copas altas de teus bosques e que tu és obrigado a redigir
15 em fórmulas ambíguas e no estilo escuro das adivinhas? Deixemos tais preocupações para quando chegares à divindade madura. Por enquanto és jovem e livre. E como na Terra o filho das ervas, sem eira nem beira, lança a palhinha ao ar e corre atrás do
20 vento que a leva, à sorte e à aventura, assim tu lanças a tua seta de oiro, e todo o mundo é teu! Voas de polo a polo, corres sobre os mares, passas e ultrapassas as ilhas todas, campos e florestas do continente, numa ou outra das montanhas mais altas
25 poisas um ou outro pé.

Depois de gozares, te cansares e enfastiares a dançar com as palacianas do Olimpo, baixaste de repente, primeiro, à Piéria, atravessaste o arenoso

---

8. *Triopos e Forbas.* Tríopos ou Tríopas seria algum reizete daqueles sítios. É-lhe atribuida a fundação de Cnido. Forbas era um triópida (descendente de tríopos). Enquanto viveu Tríopos, Forbas era um qualquer principelho.

Lecto, visitaste as terras dos Magnésios e dos Perraibas, em seguida chegaste a Iolcos, de Iolcos foste a Ceneu, gloriosa cidade da Eubeia, muito ufana de suas naus; pouco demoraste na planície de Lelan-
5 to, nem teu coração à terra se afeiçoou, nem a achaste digna de um templo, nem com arvoredo bastante para um sacro bosque teu. Depois atravessaste o Euripo e subiste a um monte que, de longe, parece uma esmeralda. Logo baixaste, dirigindo-te
10 a Micaleso e verdejante Teumessós. A seguir, sacudindo os calcanhares, percorreste o chão de Tebas, então invadido por mata brava e mato de silvas e tojos; caminhos e carreiros não nos havia! mortal algum (de humanal raça) habitara ainda a região,
15 onde depois se fundou a sacra Tebas e se semearam grandes e boas searas. Dali foste mais longe, ó rápido Apolão «para quem longes não há»: chegaste a Onquesto, e desapareceste de vista, metendo-te pelo denso bosque de Poseidaão. — Há neste bos-
20 que certo poder oculto, como de bruxedo: caprichos, talvez, da Lua que se pegaram à ramaria. Carro que lhe passe perto, logo é apanhado do feitiço; potro, mulo ou burro que o tira é acometido de subita folestria; escoicinha, pinoteia ou se empi-
25 na, consoante a sua categoria, e relincha, orneia ou zurra, conforme sua prosa, estilo e música; os veículos ressaltam e trepidam, seja pesada ou leve a carga e levantam dum lado a roda ou rodas; os cocheiros saltam ao chão e têm de andar um pouco
30 a pé. Ali se vê de contínuo longa fila de carros e car-

---

10. Teumessós ou Teumesós (Teumeso): monte e cidade da Beócia. Esta indicação basta para o Leitor saber por onde, de momento, vai passando o deus.

retas, meio-tombadas para a mesma banda, como manda o rito e preceito antigos, já de antigas gerações rigorosamente observados. E não há mais remédio senão esperar que ou o génio do bosque se
5 aplaque ou a hora do fadário expire —.

Dali te foste mais longe, «ó Apolão que os longes alcanças», e alcançaste a formosa corrente do Cefiso que em Lileia tem suas límpidas nascentes. Depois de atravessar o Cefiso e passar por Ocálea, cidade
10 de grandes torres, ó «Tu que andas depressa», chegaste á viridente Haliarto.

Perto de Haliarto há um sítio aprazível, designado pelo nome de Telfusa, ninfa que aí preside a uma fonte. Foste logo a ninfa cumprimentar e lhe per-
15 guntaste:

— Ninfa Telfusa, venho com intenção de aqui escolher lugar para um belo templo e meu bosque demarcar, e estabelecer cá oráculo permanente; o gosto das profecias e a pretensão de adivinhar farão
20 que os homens, tanto os que habitam as terras crassas do Peloponeso como os que estanceiam por toda a Europa e ilhas de todo o mar, começarão logo a tanger para aqui grossas manadas, para abundantes hecatombes; já sei de cor os oráculos que hei-de
25 impingir: não quererás tu nisto me ajudar?

Telfusa deteve o fôlego para suspender a água da bica e puder falar. Depois, aproveitando o gorgolejo, botou fora: «*Templo de Apolão? Não, não!*». A presença do deus impôs-lhe moderação. Moderou
30 as águas da eloquência e disse:

— Ó soberano Foibos que mesmo andando por longe nos podes fazer dano! Farei uma pequena advertência a teu esclarecido espírito, visto que desejas construir templo *formosíssimo* e fazer render

ao máximo teu ofício de profeta. Vou dizer-te uma
coisa a que ligarás a devida atenção. Aqui hás-de
ser molestado contìnuamente pelo trote de éguas e
cavalos e outras alimárias que a todo o instante cor-
5 rem a beber minhas águas santas. Depois o estrépito
das carroças de hortaliça... E o rodar vagaroso dos
sólidos carros de bois... Só em virtude deste último
parágrafo, terias de suspender muitas vezes teus orá-
culos e dizer exasperado: «Falo eu ou chia um car-
10 ro?» A gente do sítio, em que predominam cavala-
riços, carreiros e carroceiros, é pouco dada a devo-
ções: prefere as estampas de más bestas ao fron-
tispício dum templo, e o tropear das patas das mes-
mas bestas às profecias mais credíveis; ao ouvi-las,
15 por casmurrice, abana as orelhas: «E a nós que se
nos dá? Venha o que tem de vir; suceda o que su-
ceder: que lhe hemos de fazer?». A estas acrescen-
tarei razões pessoais minhas, pelas quais só te deixa-
res persuadir, se quiseres, pois rei és e eu não sou
20 tanto, és mais excelente que eu e julgo que tens for-
ça brutal. Minhas razões de índole particular são:
prefiro espelhar em minhas águas cabeça dum boi
com seu par de cornos bem iguais a reflectir no mes-
mo espelho uma bela fachada de templo de Apolão.
25 Encantam-me os reflexos das tetas duma vaca e o
undular das barbelas do bezerro e da bezerrinha. E
enoja-me o açougue das hecatombes e a meu nariz
delicado repugna o odor da carne sangrenta mal
assada. Se quiseres aceitar nossos alvitres (meu e da
30 gente do lugar) noutra parte levantarás templo e
estabelecerás teu «oraculatório», por exemplo em
Crisa; desde já poderias lançar os alicerces na gar-
ganta do Parnaso. Ali ficaria bem assente a tua ara
e não serias perturbado pelo rodar de grandes carros

ou pelo trote de grossas alimárias. Por ali residem muitos varões mui ilustres e famílias distintas; todos te oferecerão de muito que lhes sobra, com os ferventes clamores de *Eia Paiã!* Não deixes arrefe-
5 cer tamanhos fervores, vai quanto antes estabelecer teu culto nos povos limítrofes.

Assim disse a ninfa Telfusa e o que disse muito bem pensado o tinha antes: temia em Apolão um concorrente a seu culto, um usurpador, talvez, de
10 sua glória.

Dali caminhaste mais longe, ó Foibos Apolão «que a seta lanças longe»... mas não tanto o pensamento. Entraste na cidade dos Flégias, homens vio-
15 lentos, que se não importam de Zeus para nada e vivem à lei da natureza, cultivando um formoso vale, perto do lago Cefíside. Ali tomaste impulso e chegaste a Crisa no sopé do nevado Parnaso. O monte inclina um pouco a frente para o zéfiro; a
20 parte superior é viva rocha; a partir da rocha para baixo, cava-se um fundo vale, para onde e por onde rolaram muitos seixos e ficaram descobertos muitos pedragulhos. O soberano Foibos Apolão decidiu construir ali um aprazível templo, e proferiu estas
25 palavras:

— Proponho-me a levantar aqui um templo formosíssimo, que seja para os homens oráculo certo: todos hão-de concorrer com hecatombes perfeitas, porque todos hão-de sentir nas orelhas o prurido das
30 profecias: todos, tanto os que habitam o fértil Peloponeso como os que vivem na Europa e em quantas ilhas há no mar.

Ainda *dizendo*, Foibos Apolão já ia *fazendo*, isto é, começou a realizar o templo que delineara na

mente e lhe não saía da cabeça: encheu o fundo do vale de bons cimentos, largos e compridos e sem solução de continuidade. Logo se apresentaram para trabalhar sobre os alicerces Trofónio e Agamedes, filhos de Ergino, pessoas muito do agrado dos imortais deuses. A eles se deve o esculpido umbral, de boa pedra, prontamente erguido. As numerosas famílias deram os homens, e em pouco tempo ficou construído o majestoso templo, digno de ser cantado pela fama. Perto dali, num lugar onde havia uma fonte de bom manancial, arrastava-se ou rojava-se ou deslizava veloz, como escorregadia serpente, um monstro feio, medonho, ingente.

E dava caça aos homens e às feras. Homem, a fugir diante do gordoroso e escorregadio monstro, com todas as molas que dá o medo, era cágado logo apanhado! Até os quadrúpedes de ancas altas, pernas esbeltas e patas ligeiras, eram caçados num instante, como moscas, e logo engolidos! A gente espavorida daqueles sítios dava à portentosa serpente o epíteto de «calamidade sangrenta», e as pessoas simples, que não sabiam retórica, davam-lhe a designação de «drákaina», palavra que exprime bem o terror que lhes infundia «o olhar serpentino». Apolão, o glorioso príncipe, filho de Zeus, matou o monstro, despedindo-lhe para a pele, de seu arco, com mão omnipotente, um dardo fremente!

... O defunto monstro, em tempos, tivera entendimentos secretos com a deusa Hera. Quando Zeus teve o capricho de gerar sòzinho Atenaia, sua filha; e, depois de a ter concebido e trazido em segredo na cabeça o tempo necessário, a seu modo, a pariu já perfeita e armada, e, por pirraça, à esposa a apresentou, dizendo: tirei uma filha do meu caco com a

facilidade de quem tira uma pita das cascas do ovo; está aqui: eu a gerei, eu a pari, sem ter precisão de ti!

Como é fácil de imaginar, Hera ficou sobre brasas, e dizia por entre dentes: «eu te darei a réplica...».

E ela mesma convocou a assembleia dos deuses para negócio grave e urgente:

— Ficai sabendo da minha parte, ó deuses todos, e, ó deusas todas, que ao Junta-nuvens lhe deu para me tratar com desdém e me desprezar — ao que nenhum outro se atreveria — e engendrou só consigo e meteu na roda dos deuses Atenaia, que para aí está pasmada com aqueles olhos ornitológicos... até me faz mal, quando olha para mim... Ora, não seria eu capaz de parir aquilo, e muito mais? Não sou eu a esposa de Zeus? Não foi ele que me escolheu, por ser mui versada e entendida em coisas honestas, e só nestas? Como teve o desaforo de usurpar minhas funções e atribuições privativas? E por cima do desaforo o desplante de apresentar ao público divino a sua «deúncula» ou aborto de deusa! Não tive eu a coragem de atirar ao mar Hefaistos, filho dele e meu, porque nasceu com pernas disformes e pés desconformes? Não podia ver tal enxovedo a arrastar-se no céu... É verdade que a filha de Nereu, Tétis, por alcunha a «Pés de prata», o recolheu e ela mesma e suas irmãs o acarinharam.

Melhor seria que, se queriam ser agradáveis aos deuses, tivessem pensado em outra coisa.

Mas tu, ó descarado, em que novos despropósitos não estarás pensando! Mal sabes, porém, o que te espera... Demos tempo ao tempo. Tempo não me há-de faltar, porque, mesmo separada de ti para

sempre, não me podes riscar do rol dos deuses eternos. Terei os vagares necessários para também eu engendrar por mim só um famoso crio que seja espelho de tua desvergonha.

5 Assim dizendo se afastou, enojada e muito irada, do convívio dos deuses. Momentos depois, com a mão em garra, arrepanhava terra, proferindo terríveis imprecações:

— Ouve-me, ó Terra, ouve-me, alto Céu, ouvi-
10 me, ó deuses Titãis que habitais debaixo de Terra, junto do Tártaro, e de quem procedem homens e deuses: todos juntos ouvi-me e dai-me um filho, sem intervenção de Zeus, que lhe não seja inferior em força, mas que se lhe avantaje tanto quanto o
15 mesmo prepotente Zeus supera a Cronos.

Proferindo tais palavras, bateu no chão com rijo punho, e o solo estremeu. Sentindo assim remugir a Terra, seu coração grandemente se alegrou, porque isto era sinal de que suas imprecações terríveis
20 estavam a ser ouvidas. Desde então decorreu ano inteiro sem que ela uma só noite dormisse no leito do astuto Zeus, nem mais se sentou um momento em sua rica e exornada poltrona, onde antes meditava e amadurecia seus judiciosos intentos. Demo-
25 rava agora a venerável Hera por seus templos, cheios de suplicantes, e fitava nos devotos seus grandes e enternecidos olhos. Foram-se os dias enrolando em meses e já doze novelos enchiam a roda de ano, quando as estações reentraram na regulari-
30 dade antiga, e Hera deu à luz um filho que, se não era deus, tão pouco era homem, e nascera para ultraje dos deuses e horror da humanidade. Hera o colheu num braçado e lhe deu o nome de Tifaão. Depois confiou o monstrengo à guarda e cuidados

do monstro de Crisa, isto é, à serpente de olhos refulgentes ou «drácaina» de Pitó. O companheiro de «drácaina» por largo tempo não viveu: ou porque nascera mal formado, ou por incidente, em que o mau encontrou o pior ou o péssimo; morreu, não todavia sem causar grandes danos: estirpes inteiras de homens notáveis daqueles sítios tinham desaparecido. O monstro sobrevivente redobrou de fúria e trabalhava pelos dois. Mas estava ali a seta gloriosa de Foibos Apolão, capaz de atravessar em céu negro a própria «Negrusca», a águia favorita de Zeus! E a «drácaina» cortou pelo meio! A serpente enroscava-se e desenroscava-se em duas partes, fugindo uma da outra! E soprava tais sibilos, hórridos assobios, que nem bramidos de ventania! Depois, já não assobiava... A parte do rabo ainda saltava; depois, já não saltava: na parte da cabeça, os olhos já não cintilavam...

— Agora fica-te a apodrecer no solo que alimenta os homens e não mais serás perdição dos vivos que se nutrem dos frutos da Terra fertilíssima: eles para aqui me trarão hecatombes perfeitas; não te livraram da morte nem o odioso Tifaão nem a infamada Quimera; obrigar-te-ão a apodrecer aqui a força da obscura Terra e a virtude do resplendecente Hiperião.

Assim se gloriava Apolão. Morto e bem morto jazia o monstro e já começava a apodrecer. E a sacra força do Sol mais e mais acelerava a putrefacção; e, como o lugar onde morreu a «drácaina» se chamava Pitó, e o soberano do sítio usava o apelido de Pítio, com muita razão e bom direito, tem hoje o Sol o cognome de Pítio.

Tarde e a más horas ou só por estas alturas da narrativa, Apolão caíu na conta de quem se deixara lograr. E, exasperado, foi procurar Telfusa. Logo a encontrou e lhe disse de frente: — Telfusa, depois de tantas mentiras com que me toldaste a mente, já não podes deixar brotar teu límpido manancial. Desejaste a glória toda, vais ficar sem nada.

Assim disse o soberano Apolão; e, usando do enorme poder que tem de actuar a distância, todo o monte abanou: dentro entrechocaram-se as rochas, por fora muitas árvores tombaram; e um grande rochedo tapou a boca da fonte. Telfusa sentiu que tinha a garganta e a boca secas; e não pôde mais nem palavra gorgolejar nem queixa balbuciar. Foibos, por acinte, no próprio lugar donde brotava o rico manancial, erigiu seu altar e o rodeou de bosque de grandes e formosas árvores, criadas sem dúvida à custa das águas santas, de Telfusa; e todos os que ali prestam culto ao grande deus lhe chamam o Telfúsio, em memória do vexame e opróbrio que infligiu à sagrada Ninfa.

Foibos Apolão, com a mão na testa, deteve-se por algum tempo a cogitar: que homens incumbiria de seu culto, e onde os iria buscar? Dos povos circunvizinhos ninguém aceitaria, porque todos se mostravam ressentidos de afronta à Ninfa Telfusa, a preclara e benfazeja deusa da fonte formosa. Ainda com a mão na testa, olhou para o mar, e enxergou uma nau veloz; e fixando a vista, por entre os dedos, reconheceu que era uma nau de Creta em demanda de Pilos, e dos Pílios. (Para traficar, a nau saíra de Cnosso de Minos). E Apolão também reconheceu que os tripulantes eram homem alentados,

destemidos como piratas e maus como sicários. E o deus disse consigo (falando alto, porque sabia que ninguém o escutava): está resolvida a dificuldade e constituída a ordem orgiástica do novo culto. Foram pois, cretaios os primeiros iniciados que na pedrulha de Pitó presidiram ao culto orgiástico de Apolão, a cuja efígie deram o atributo da espada (substituindo a cítara), e cujos oráculos vulgavam pelos vales do Parnaso, fazendo-os ressoar nas folhas e retinir nas bagas dos loureiros.

Isto dizendo (ou, se o não dizia, assim pensava), Apolão Foibos correu ao mar, avolumou-se em monstruoso vulto, saltou ao barco e assaltou o barco, pois as duas coisas fez ao mesmo tempo — salto e assalto —. Quando o monstro se alastrou no seco lenho, o cavername rangeu, as velas estremeceram e os nautas se encheram de pavor; ainda o não diziam, mas pensavam... uns: «É um belo delfim!», outros: «É um pesado atum!».

E os marujos continuavam mudos, sentados em seus bancos, mal-encarados, desconfiados: não mexiam na aparelhagem, não puxavam ponta de corda, não amainaram a vela da azulada proa: deixavam correr. E assim navegavam; e o impetuoso noto soprava à popa da rápida nau. Primeiramente navegaram ao largo de Maleia e costa da Lacónia, passaram Helos, cidade marítima, e chegaram a Ténaro, lugar fértil e aprazível, onde o Sol, deus que alegra Terra, possui grandes manadas e que tanta erva pascem que até lhes verdejam os pêlos. Ali quiseram os matalotes desembarcar o monstro e à sua vontade o examinar. O mar ali era ricamente «piscoso»... Não invejaria o bicho aquela felicidade dos «peixes na água»? Não se desalapar-

daria voluntàriamente da côncava nau para se lançar ao mar? Mas qual! Apolão, por sua prerrogativa especial, «fere onde quer»; agora, por dom excepcional, pesa quanto quer! E, alastrado sobre a
5 coberta, é como chumbo! Tolhe as manobras do leme, e perdidos são remo e vela! O barco só voga à sua divina mercê, isto é. Apolão o fazia correr para onde queria, soprando-lhe no velame: chegaram a Arena; tocaram em Argífea, cidade aprazível;
10 passaram por Trio, vau do Alfeu; visitaram Epi, cidade bem situada e de bons edifícios; aportaram às areias de Pilos, onde conversaram com os naturais do lugar; dali fizeram-se ao largo, sem perder de vista Crunos, Caleis, Dima, Élide (reino dos
15 Epeios). E, não ao bafo e sob a pilotagem de Foibos Apolão, mas entregue ao favónio de Zeus, chegou a barcaça a Feras, donde os olhos dos mareantes devisaram, sob traços de névoas, o píncaro de Ítaca, Dulíquio, Same e a mancha verde de Zacinto. Mas
20 depois de haverem corrido ao longo de todo o Poleponeso e quando já se lhes patenteava o imenso golfo de Crisa, nos limites dessa fértil região, por vontade de Zeus, soprou rijo vento — o bem mandado Zéfiro — que do éter se precipitou, com toda
25 a sua valentia junta, sobre o barco, para que este pusesse termo à tergiversada viagem, que doutra sorte não teria fim. Então os mareantes fizeram rumo atrás, na direcção da Aurora e do Sol, obedecendo ao soberano Apolão, cujos olhos se alonga-
30 vam para os vinhedos de Crisa. E a nau se foi achegando brandamente ao areal. Aqui saltou em terra o soberano Apolão, com grande ímpeto e largo rumor, pois é deus de grandes espalhafatos, afeito a sempre dar sinal de si té muito ao longe.

Pôs Foibos pé em terra... e logo se encaminhou com majestoso passo para seu templo; o divino aspeito fulgurava como o Sol no pino do meio-dia; da pele despedia para os ares vivas tremulinas; da
5 fronte e da áurea cabeleira ascendia um clarão a imensa altura; quando atravessou o ádito do santuário bailaram as sacras trípodes e na panóplia variada e riquíssima refulgiam visos de glória.

Um nimbo cercava e envolvia Crisa inteira; as
10 grossas matronas de toda a cidade bradavam alto e as donzelinhas de finos perfis, cinturas de vespa, gritavam rijo, umas e outras possuídas de divino furor; até os rostos dos varões barbudos enfiaram de terror sagrado... Mas aqui deu mais uma revira-
15 volta o nosso deus: tornou a meter-se de súcia com os barqueiros. Para tal, revestira-se da forma de forte, valente, guapo mancebo, e, sacudindo para os ombros largos as fartas e compridas gadelhas, dirigiu a corja maruja estas palavras aladas:
20 — Quem sois vois, ó estrangeiros? Donde viestes, cortando mar, arrastados no turbilhão das águas? Apanhados no vortilhão? Andais à mercancia? ou a quê? Sois ladrões? Ao que me parece... Andais expostos a mil perigos, pondo a mira, pela certa...,
25 em fazenda alheia... E porque estais vós aí mudos e pasmados, colados ao pau da negregada barca, como se fôreis também vosoutros de pau? Porque não saís a terra, trazendo para o sol vossas armas, se é que as tendes, e não tratais de agenciar pitança?
30 Em terra há muitas e muito boas coisas que não dá o mar; quando o nauta chega a porto de salvamen-

---

15. *Nosso... scilicet*, assunto, não objecto de culto

to, os membros quebrados de fadiga, a só lembrança delas lhe faz crescer a água na boca.

Estas palavras de deus benigno, de tão insinuante familiaridade, incutiram ânimo e confiança aos marujos. Por todos eles falou o chefe, o cretês capitão:

— Ó estrangeiro desconhecido e para mim tão estranho, pois em nada te pareces aos mortais, nem quanto ao corpo nem por teu jeito e feitio: dás-te uns ares e tens uns fumos de petulância, só próprios de divindades e das mais subidas: quer sejas quer não sejas deus, pela força das circunstâncias, eu te saúdo como a meu rei, meu senhor e meu dono; e, prevenindo «caso de emergência», eu te venero e adoro como a meu deus e meu tudo! Mas para tanto, requeiro me digas umas coisas e de maneira que eu as entenda e não fique às aranhas:

— Que terra é esta? Que gente há por estes sítios? As mulheres são feias ou bonitas? Os homens, de boa ou má catadura? Nunca foi nosso intento vir dar aqui. Saímos de Creta, donde nos prezamos de ser naturais, e sobre o abismo do mar íamos em demanda de Pilos; de Pilos voltaríamos para a pátria. Bem contra nossa vontade viemos aqui parar. Em alto mar fomos assaltados por monstro (algum deus traidor que se nos apoderou da negra barca: negro seja ele!) e a fez andar e desandar por onde quis. Não fomos aonde queríamos e estamos onde não queremos.

A isto replicou Apolão:

— Estrangeiros! Bem sei que éreis moradores de Cnosso, terra rica de arvoredos; não mais volvereis a vossas formosas cidades; tirai daí o pensamento. Esquecei vossas esposas muito amadas: tereis de

ficar aqui de guarda a meu rico templo que é visitado por muitos devotos e estareis adstritos e obrigados a meu serviço religioso. Eu sou filho de Zeus; nada menos que o deus Apolão é quem vos fala.
5 Para aqui vos trouxe, sobre grandes balanços de mar, não por vos querer mal ou baldar acinte vossos desígnios, mas para vos tornar homens de mais grosso calibre e vos fazer gente de mais subido porte. Eu vos escolhi para guardas de meu rico templo,
10 venerado por todos os homens e para que sejais sabedores dos segredos dos imortais, por cujo beneplácito sereis vós também aqui honrados sempre, sem cessar, todos os dias. Vamos! Obedecei com diligência e presteza ao que vou dizer:
15 Primeiro amainai as velas, desatai cordas, puxai para terra a vossa barca-bela, guardai a aparelhagem precisa a uma bem-corrigida nau e nada aí vos esqueça da vossa fazenda; depois, levantai uma ara à beira-mar, acendei fogueira, queimai alva fa-
20 rinha; feito isto, disponde-vos em volta do altar e rezai com muita devoção.

E como a primeira vez que nos encontrámos foi no alto-mar, ao lusco-fusco; a vossa negra barca acima e abaixo nas ondas e eu a saltar-lhe ao lado
25 como formoso delfim e logo dum pulo nela me enconchei e vós por sinal me chamastes cabeça de atum, etc., etc. como vós muito bem sabeis: em memória do grande milagre quero que de hoje em diante me chameis Foibos Delfim ou Delfim Apo-
30 lão; e por igual razão será também *delfínio* meu altar ou *delfínia* minha ara.

Agora, antes de tudo, junto de vossa negra barca-bela, tratai de encher a barriga. E quando nas goelas, por virtude do saboroso e sobejo alimento,

vos falecerem as ganas de comer, fazei bem libações aos imortais proprietários do Olimpo. Depois da boa refeição, as rezas da mesa; quero dizer, vinde comigo entoando o «Hie-Paieona» até che-
5 garmos ao templo magnífico, de cuja guarda vos incumbo.

Assim falou o deus e foi escutado e obedecido. Primeiro, colheram as velas, desataram o correame,
10 arrearam por cordas o mastro ao longo da barca, saltaram à praia, fizeram correr o barco sobre pranchas e o puseram em seco. Levantaram o altar na praia, acenderam a fogueira para queimarem alva farinha, rodearam a ara, rezando; depois, toca
15 para a ceia, com as prévias libações consabidas aos bem-aventudos deuses, proprietários do Olimpo! A manducação começou com fome; seguindo-se com apetite; só terminou quando os comensais adoeceram de fastio.
20 Findo o banquete, principiou a festa, e começou por um festivo cortejo ou procissão que havia de recolher em Pitó.

Precedia o soberano Apolão, filho de Zeus, pulsando a maravilhosa cítara, e marchando com gar-
25 bosa majestade; seguiam os creteses, batendo o chão com passo cheio e cantando o «Hie-Paieona» pela toada e estilo dos «paiéones» de Creta, a cujos habitantes ensinou a Musa a arte de bem-cantar.

Sem lhes escorregar, torcer ou cambar pé, foram-
30 -se Parnaso acima e chegaram a um sítio aprazível em que haviam de ficar, honrados por multidões de variadas gentes. E Apolão lhes mostrou a opulência de seu templo.

Os creteses davam mostras de grande comoção,

e em nome de todos falou o chefe, interrogando o deus:

— Rei meu, pois que por tua causa deixamos a doce pátria e o suave convívio de numerosos ami-
5 gos, uma coisa nos resta por saber, e é — de que viveremos nós aqui? É forçoso que pensemos nisto a sério. São bons os ares, mas nada mais vejo: nem vinhedos, nem campos, nem prado capaz de sustentar uma cabra. Teremos de apresentar-nos a teus
10 honrados devotos com caras de fome e sem alento para lhes falar?

Sorriu-se Apolão e respondeu:

— Ó homens néscios, por vossa demasiada esperteza de rato! Estes homens não passam nunca de
15 crianças grandes, sempre em busca de motivos de choradeira, confiados em que — *Quem mais chora, mais mama*... — Apertai na dextra o cutelo, degolai sem cessar as ovelhas que oferecem as devotas famílias... podereis comer como lobos, muito em boa
20 hora. Mas cuidado em bem guardar meu templo e sobretudo em cumprir minha vontade. Sede comedidos e corteses para toda a gente. Se vos habituardes a palavrório e acções de ralé, surgirá logo a onda de dominadores e sereis vós a classe ínfima, reduzi-
25 dos a servidão para todos os dias de vossa vida. Estas advertências e recomendações a cada um de vós as faço; portanto, ó tu! fica-te com elas bem chapadas em teu bestunto!

(Aqui o Poeta deixa o canto e resmunga coisas que mal se entendem... «que noutra festa continuará»... «para o ano lá hei-de ir»)...

Para as calendas gregas será? Últimas palavras inteligíveis:

...Assim e enfim, *khaire*, ó filho de Zeus e de Letó! Prometo lembrar-me de ti em outro, como
5 este, tosco e rudo cantar.

HINO A AFRODITE

Musa, conta-me quanto sabes dos feitos e feitiços
da Afrodite de Chipre, já mil vezes pesada a oiro,
sem que até hoje alguém dissesse: «Irra, que é muito
cara»! A seu funesto ou benigno influxo se rendem
5 os racionais imortais e mortais, as bestas dos conti-
nentes e das ilhas, as aves do ar e a fauna abissal:
tudo se curva e, quando menos, se inclina, vendo
fulgir a coroa daquela cabecinha leve.
E escusas de vir, ó Musa, com o sabido «mas»...
10 «mas». O «mas» é a fingir.

A filha de Zeus da égide olha-a com maus
olhos, mas porquê? Atenaia tem olhos feios,
de mocho; os da outra são lindos, lindos;
15 reprova-lhe os feitos, mas aplaude as façanhas
do detestável Ares; obriga-se a trabalhos duros,
desenha, para as fainas da louvora, modelos de car-
ros e carretas de pesadas chapas de bronze e obriga
pobres rapariguinhas de corpos frágeis a enfadonhos
20 lavores em alfaiatarias sem luz e mal arejadas; e,
afinal, são os amigos da *outra* quem às modistas
compram as bugigangas por dé'reis de mel coado.
Tão pouco conseguiu a risonha Afrodite afeiçoar
a si Ártemis, deusa de índole bravia, que se compraz
25 na agitação e arruído e brinca com os dardos de oiro,
prefere a tudo os seus arcos, caçadas a feras, correr
por montes e vales, sentar-se entre árvores ou sobre
penedos, observar o animado movimento das ruas
numa cidade de boa gente: não lhe desagradam as
30 cítaras, os coros e acha gosto até nas mais desen-
toadas gritarias.

Também não se entendem lá muito bem Afrodite e Hestia. Mas Hestia é uma virgem velha, «velha de nascença».

Esta respeitável donzela foi a primogénita do astuto Cronos; por vontade de Zeus, porém, passa e tem de passar por «sempre-nova». A virgem-velha foi pretendida por Poseidaão e por Apolão; de modo algum os quis, e, pondo a mão na cabeça de Zeus, prestou o grande juramento que sempre manteve firme: ser virgem todos os dias. E Zeus-Padre deu-lhe uma uma recompensa ou bonita compensação: tem o direito de em todas as casas e lares absorver o fumo dos suculentos sacrifícios. Além disto é honrada em todos os templos dos deuses e todos os mortais a veneram como a mais augusta das divindades.

Com estas três nada pode Afrodita, nem com razões nem com enganos; ninguém mais, porém, se vê livre dela, seja bem-aventurado deus, seja mal--aventurado homem. Até o próprio Zeus, com ser o máximo dos deuses, tanto em poderio com em honras, se torna um «mentecapto»; e quem lhe «capta a mente» é ela! Tira-lhe a inteligência, faz que se esqueça do raio, e doideje — por mulheres, e até por fêmeas que não são deusas nem mulheres —. E tudo isto com afronta e desprezo da mais digna, importante, nobre e respeitável das deusas, a qual teve por pai o velho e astuto Cronos e Reia por mãe. E Zeus não tem desculpa; porquanto, conhecedor dos eternos decretos, bem sabia a quanto se obrigava, quando a tomou por esposa e lhe deu a superintendência das coisas honestas.

Crê-se que algum dia Zeus se sentiu vexado de a

tal ponto se ter deixado embruxar; e por vingança
e em castigo de tantos desvarios, resolveu incutir no
peito de Afrodite a «paixão humana», para que
ela se não risse dele, à conta de tantos casamentos
5 mistos que nos últimos tempos aumentaram em
excesso a população do Olimpo.

Avexada, pois, de humano amor, Afrodite viu
Anquises que guardava vacas no monte Ida, onde
10 cresce muita erva e correm águas em abundância.
Aos olhos da deusa o vaqueiro parecia um deus.
Se era deus... ou o quê, ela em breve o saberia.
Antes de tais averiguações, foi a Chipre vestir-se
e enfeitar-se.
15 Chegou a Pafos, onde possui um campo e per-
fumado altar, entrou no templo, fechou-se dentro,
as Graças amaciaram-lhe a pele com azeite finís-
simo e inalterável e que ela usa sempre misturado
com perfumes! (pois não há bela que não seja *em-*
20 *belezável*). E Afrodite, rindo e ensaiando sorrisos
e blandícias, vestiu-se do melhor que tinha, ornou-
-se e exornou de oiro, lançou-se aos ares e cor-
reu sobre uma nuvem de Chipre a Tróia.
Chegada ao monte Ida, donde brotam vivos ma-
25 nanciais e onde se criam muitas feras, caminhou
em direcção ao estábulo: pardacentos lobos dando
aos rabos, terríveis leões de olhos incendiados, pan-
teras de passo lépido e sempre desejosas de ferrar
o dente em tenra carne de veado, como em cortejo,
30 seguiam a deusa; e ela notou com desvanecimento
aquela atenção dos bichos e, como em paga, lhes
acirrou o desejo de acasalamento; e um par de bes-
tas se quedava aqui, outro acolá, outro mais além.
E Afrodite encontrou o herói Anquises, belo como

um deus, que andava e desandava perto da residência dos vaqueiros a tocar viola com mais entusiasmo que perícia: os outros pastores andavam por longe, na rabada das vacas, que seguiam de um prado a outro prado, na lambugem de boa erva para melhor erva.

Escusas de dizer, ó Musa, que o ditoso pastor deixou de tocar viola, cítara (ou lá o que era), quando lhe apareceu a radiante deusa... Radiante ou gáudioso estava ele também.

Afrodite, filha de Zeus, deteve-se a uns passos de distância e evitou uma parada de beleza aos olhos do basbaque, não fosse ele fugir-lhe, receando-se da divindade: apresentou-se na forma de mulher, nem muito alta nem muito baixa, nem muito gorda nem muito magra, nem muito bonita nem muito feia, mas de tudo *quantum satis*. Anquises, refeito da surpresa, enlevado e pensativo, media-a com os olhos dos pés à cabeça: as vestes eram ricas, preciosos os enfeites, mas sem espalhafato nem exageros; envolvia-a um peplo de cor afogueada, nas sépalas dos brincos cinlitavam visos de lume, fios oiro pendentes do colar enlaçavam-lhe os seios, e nas jóias das pulseiras corriam vislumbres de todas as cores; e os olhos do pastor demoravam-se na opala que ela ostentava entre os peitos, semelhante no feitio e brando fulgor a um corninho de Lua-Nova ou de Lua-Velha.

Um tanto desconfiado e muito enamorado, Anquises começou a gaguejar: — Bem-vinda, minha rainha, quem quer que sejas e donde quer que venhas!

Serás tu Ártemis? Letó? A Afrodite de oiro de certo não és: algum oiro trazes, mas não me pareces de oiro maciço, como a outra o é *(Polychrysos Aphrodite)*; se és de oiro ou apenas dourada, só o
5 poderei saber, quando te tomar o peso, abraçando-te.

Serás Témis, a generosa Témis?

Com certeza, não és Palás; os olhos de Atenaia são redondos, parece que dizem Ó Ó; os teus foram
10 abertos a canivete, são olhos de amendoa ou avelã, por feitio e jeito. És, acaso, alguma das Graças? As Graças gostam muito do convívio dos deuses e de ser chamadas imortais.

Visto de longe, talvez eu te parecesse um
15 lindo deus... Foi por isto que vieste ter comigo? Ninfa és tu, das que habitam e se escondem nos bosques? Destas que moram neste famoso monte? Daquelas que bebem nas fontes e se banham nos rios? Das que bailam na relva e se
20 retoiçam nas ervagens dos vales? Dize-me as manhas que tens e dir-te-ei com quem hás-de andar. Se o mereceres, erigir-te-ei altar em ponto elevado e desafrontado, que de todos os lados e de muito longe possa ser visto; e em todas as estações do ano
25 regalar-te-ei com magníficas oferendas; e tu, de ânimo benevolo, ajuda-me a ser ilustre no meio dos Troianos, dá-me filhos que se pareçam com o pai, faze por que eu viva feliz muito tempo, contemple alegre a luz do Sol, chegue ao limiar da velhice com
30 grande carga de bons anos.

Afrodite, filha de Zeus, respondeu:

—Ai, glorioso Anquises, o mais ilustre de quan-

tos homens têm nascido da Terra! não sou deusa, não; nem por sombras... Porque me confundes com as imortais?

Nascida de mulher, não sou filha de pai incognito, mas ínclito, ínclito! e de grande nomeada: hás-de ter ouvido falar de el-rei Otreus, que governa toda a Frígia, país bem defendido por suas muralhas.

Conheço a vossa língua tão bem como a da minha terra. A minha ama era troiana, e minha mãe a ela me confiou desde a minha tenra idade: não admira, pois, que eu esteja aqui a palrar contigo.

Pouco há, o Argeifontes, conheces?... aquele deus que traz na mão a varinha de oiro, foi tirar-me da roda e coro de Ártemis, ruidosa diva, sempre armada de seu arco de oiro. Muitas ninfas andavam na roda e dançavam também moças de truz, ricas herdeiras ainda não herdadas, porque os respectivos velhotes teimavam em viver; a multidão de gente pasmada, em volta, era imensa.

Dali me arrebatou por um braço a terrível Argeifontes, como ia dizendo: andou comigo pelos ares, voámos por cima de terras lavradas e sobre terras incultas em que o mato bravo esconde as veredas de feras carnívoras.

Depois o meu raptor voou rente ao chão e disse-me: «menina, já podes pôr o pé em ramo verde; mandam os deuses que vás para a cama de Anquises, faças o ofício de sua esposa e lhe dês inclita geração».

Assim disse e se foi para casa de sua imortal família; e eu vim a teu encontro, obrigada pelo destino.

Agora uma coisa te peço, por Zeus e invocando teus nobres pais (nobres hão-de ser, porque um rústico e uma labrega não seriam capazes de gerar nem criar um figurão tal como tu): por
5 teus pais e por Zeus, pai de todos, peço que me apresentes a teu pai e a tua mãe (sem dúvida excelente senhora e boa dona de casa) e a teus irmãos e irmãs; e dize e promete em meu nome à «excelente senhora» que eu hei-de ser uma boa nora.
10 Lembra-te de que sou uma ingénua mocinha que ainda não tive nem quis nem aceitei namoro. Manda sem demora aos Frígios um mensageiro que assocegue meu pai e minha mãe, que hão-de estar em grandes cuidados por não saberem de mim.
15 Os Frígios são briosos e ricos, possuem muitos garranos: podem obsequiar-te com ouro e boas peças de pano e muitas outras coisas. É bom que vás recolhendo os presentes, porque as nossas bodas hão-de ser mui dispendiosas, metendo muitos con-
20 vidados, e têm de ser faladas entre os homens e os deuses.

Anquises perdeu a cabeça com tão blandiciosas tretas:
25 — Se és mortal, filha de mulher e do famoso Otreus, como dizes; se vieste aqui por vontade de Hermeias, núncio imortal, de hoje em diante, serás todos os dias e todas as noites chamada minha esposa, e nenhum dos deuses nem dos homens poderá
30 impedir que eu te abrace, beije, te coma... se tanta for minha fome de amor. Que Apolão, depois, se quiser, entese o arco, retese o braço e me atravesse com o dardo! Que me importava, então de ir parar à casa de Haides?

Isto dizendo, tomou Afrotite pela mão. Ela riu-se, e, afastando-se um pouco, fechava os olhos como quem quer dormir. Ao lado havia um leito real que nem de encomenda: sobre as ricas colchas, bem estendidas peles de ursos e de leões rugidores... rugidores, quando eram vivos e estavam por esfolar)! Ursos e leões o herói-pastor os havia matado no tempo da caça ao leão e ao urso.

E Anquises, impaciente e desastrado,picou-se nos alfinetes da «dormente da Grécia», arrumou para cima duma cadeira o braçado das estupendas roupagens da deusa, pôs-lhes em cima os adornos de oiro e enfeites de pérolas, e foi dormir também.

À hora em que os pastores recolhem o gado, Afrodite levantou-se e vestiu-se para sair. Anquises não dormia como um morto, mas ressonava como um bem-aventurado:

— Levanta-te, homem! Não ouves? Estás no fundo do mar? Tens o sono muito pesado. Que tal achas a esposa? Parece-se com a donzelinha que te confiou Hermeias?

A deusa ostentava a grandeza e plenitude de sua formosura. A cabeça chegava ao tecto; se as vestes não crescessem em proporção das formas, todo o peplo lhe ficaria a flutuar sobre os ombros como leve lencinho de pescoço.

Anquises abriu os olhos, contemplou a imortal beleza, teve medo, voltou-se para a parede e cobriu a cabeça com a manta; e, ainda com a cabeça debaixo da manta, balbuciou:

— Quando a primeira vez te contemplei com estes meus olhos mortais, logo me convenci de que eras deusa; mas tu mentiste-me. Agora suplico-te

pelo Zeus da égide, que eu não fique tolhido para
o resto dos meus dias; compadece-te de mim, que
estou com grande medo, pois sempre tenho ouvido
dizer que quem se deita com deusas imortais tem
5 seus dias contados.

Afrodite, filha de Zeus, respondeu:

— Anquises, tu és o mais glorioso dos homens!
Não dês entrada em teu coração a receios sem motivo;
comigo não foste mal sucedido nem o hás-de
10 ser; nem te virá mal de qualquer dos deuses, porque
de todos és querido.

Terás um filho, que reinará sobre os Troianos
e de sua estirpe hão-de nascer em série sem fim filho
depois de filho. O primeiro (teu e meu) será
15 chamado Aineías em lembrança do «terrível pesar»
(ainòn akhos) que se apoderou de mim por
me haver metido na cama dum homem, dum simples
mortal.

Da vossa raça provieram sempre os racionais
20 mortais mais parecidos com os racionais imortais,
tanto na índole como nas feições. De vossa raça
era o ruivo Ganimedes que o astuto Zeus, encantado
de sua beleza, vos roubou, e o obrigou a dar
o néctar aos deuses; e ainda hoje é ele que no-lo
25 tira do «crater» de oiro. Grande dor padeceu Trós,
seu pai, por não saber para onde a divina tempestade
lho arrebatara; Zeus, compadecido, o compensou
da perda do filho com ceder-lhe alguns cavalos
dos que estão a serviço dos deuses; foi o
30 mensageiro Argeifontes que lhe entregou os cavalos,
com a explicações necessárias e devidas; desde en-

---

5. Dizem os naturalistas que isto é verdade, a respeito de abelhas-mestras e zângãos.

tão Trós não chorou mais, antes se alegrou muito por poder ir aonde e por onde queria, levado por seus cavalos de pés de vento.

De modo análogo a Aurora arrebatou a Titono,
5 também da vossa raça e igualmente muito parecido com os imortais. E a raptora logo foi pedir ao Zeus das atras nuvens que concedesse a imortalidade ao seu «homem roubado». Zeus lha concedeu. A tola não soube o que pedia ou não soube pedir! Não lhe
10 passou pela mente que era necessário impetrar juventude perpétua para o seu Titono e acautelá-lo da funesta velhice. E assim, enquanto durou a aprazível mocidade, junto da torrente do Oceano e nos confins da Terra, levava o então ditoso homem vida
15 regalada em companhia da sua diva. Mas eis que na crespa grenha e na barba tesa de Titonos começa a aparecer linhol... e Aurora a clamar que é «crisótrona» e me não consentirá que no mesmo travesseiro se juntem barbas brancas com suas mimosas
20 faces; que tem medo das borbulhas... Contudo, a «filha da aragem matinal» não era má rapariga e nunca tratara mal o seu velho: tinha pena dele, apaparicava-o em seu palácio, dava-lhe ambrosia quanta ele queria e comprou para ele boas roupas
25 de agasalho. Mas quando a odiosa velhice o acabrunhou de todo, lhe emperrou as articulações de maneira que não podia mexer um dedo, então a fresca Aurora fez o que tinha a fazer: arrumou com ele para cima do tálamo, achegou-lhe os cobertores
30 e fechou as grandes janelas da câmara: ainda hoje ali ressoa a cega-rega de uma cigarra: é o velho a taraguelar.

---

18. «Crisótrona», senhora de trono de oiro.

De maneira nenhuma quero que tal me acon-
teça; bem desejaria que fosses imortal entre
os imortais e por meu «quotidiano» te aceitaria.
Se pudesses continuar qual agora és — bom corpo
5 e boa figura—, nenhuma dúvida ou sombra de pesar
haveria em meu atilado espírito: à boca cheia cha-
mar-te-ia meu esposo. Mas bem depressa te alcan-
çará a feia decrepitude, funesta aos homens, cansa-
da, cansativa, fastidiosa, e aborrecida pelos próprios
10 deuses. Desde agora, por tua causa, terei de supor-
tar entre os deuses imortais contínua ignomínia —
todos os dias, durante toda a minha imortalidade!
Quem antes se deixava enreder por meus blandi-
ciosos colóquios e se arreceava de meus ardis, agora
15 despreza-me. Tive artes de baralhar todos os imor-
tais em logros e jogos de amor com mulheres, bone-
cas, cujos embelecos são de pouca dura. Ao fim e
ao cabo ficavam os deuses com «cara de caso» e eu
ria-me. Agora já me não posso rir: são eles que se
20 riem de mim.

Perdi a cabeça, fiz grande patacoada: dormi com
«um tal»: já sinto o crianço a mexer-me debaixo
das fraldas e a alargar-me a cintura. Quando nascer
25 o menino, entrego-o às ninfas do monte.—As ninfas
deste grande monte sacro têm mui côncavo o ester-
no, de modo que aí se alojam bem e palpitam à
larga os túrgidos seios. Ninfas desta raça são muito
boas para amas de meninos. Se as ninfas fossem de
30 bons costumes, não haveria tanto leite para meni-
nos; não obedecem nem a mortais nem a imortais;
andam com quem lhes parece; vivem muito tempo,
alimentam-se com o manjar dos deuses; dançam
em formosos coros na presença dos deuses; deixam-

se abraçar pelo Silenos e o esperto Argeifontes é assíduo freguês de seus antros e cavernas. Quando nascem estas ninfas, a terra faz nascer abetos e azinheiras, formosas árvores que povoam os altos e
5 disfarçam os lugares abruptos; aos sítios onde há destas árvores costuma charmar-se «bosques dos deuses», e não ousam os mortais meter o machado em tronco destas árvores; se morre uma ninfa, morre uma árvore; morrem ninfas, morrem outras
10 tantas árvores; ninfa doente, árvore de casca ou cortiça gretada... e assim por diante —. As ninfas, pois, criarão meu filho e o terão em sua companhia e guarda; e quando o pequeno chegar à desejada puberdade, as ninfas o hão-de trazer aqui para tu
15 o veres. E cinco anos depois — para que meu espírito relembre tudo o que nos aconteceu — virei eu própria trazer o pequeno.

Quando com teus olhos vires o pimpolho, babar-te-ás de gozo, pois será muito parecido com os
20 deuses, e podes-te ir embora com ele, para a ventosa Ílios.

Se algum curioso te perguntar «que mãe trouxe debaixo das fraldas, por tua conta e para ti, este menino», responderás como te mando: «é filho
25 duma ninfa deste monte, chamada Calicópidis; a ninfa é muito linda, mas daqui não ta posso mostrar, porque a serra tem muito mato e arvoredo».

Se, porém, com espírito fátuo, te gabares de ter andado de amores com a bem-coroada Citereia,
30 Zeus lançar-te-á em cima o raio.

Disse tudo que era preciso dizer-te. Tem cuidado, não deixes transparecer o mínimo indício, acautela-te da ira dos deuses.

Depois de ter assim falado, ascendeu à região dos ventos.

Alegra-te, rainha da populosa Chipre! De ti me
5 despeço, para estudar outra loa.

HINO A DEMÉTER

A Deméter eu preludio o cântico e farei memória também da desventurada filha.

Muito venerável é esta grande deusa, já pelos reflexos de oiro e prata de seus bandós, já pela foi-
5 cinha refulgente que ostenta no braço e muito em especial pelos agradáveis frutos que mostra no regaço.

Formosa a mãe, mui linda a filha, cujos tornozelos ágeis entrevistos na carreira foram tentação
10 para o tenebroso Aidoneus: este, a ocultas da mãe, a raptou, de entendimento e conluio com o trovejante e sapiente Zeus!

Brincava a descuidosa jovem com as «batizonas» filhas do Oceano, e em macio prado colhia flores e
15 ervinhas: rosas, açafrão, violetas, junquilhos, jacintos... e já a incauta donzela ia a lançar a mão à «flor da traição», um narciso monstruoso, formosíssimo, que a Terra, por ordem de Zeus, ali improvisara, e era sinal convencionado de que Haides,
20 cujo ofício é encafurnar os mortos, a queria viva no inferno, para lhe babujar a pele finíssima e as faces cor-de-rosa!

Contemplavam a prodigiosa florescência, estupefactos, tanto os imortais, que moram no Olimpo,
25 como os homens que, mais tarde ou mais cedo, hão-de ir parar à casa de Haides: da mesma raiz e do ímpeto da mesma seiva brotaram mil flores para

---

10. Aidoneus, outro nome de Haides, deus infernal.
13. *Batizonas :* mulheres, ninfas ou deusas de saias ou fraldas compridas.

encanto da vista e delícia do olfato; a cúpula do céu tornou-se redoma de perfumes e cheirava bem toda a terra; revolviam-se ao longe os mares e também «narcisavam» as suas ondas. E ela alon-
5 gou os braços para colher a «flor de perdição»!

A Terra que tem muitos respiradouros, abriu brecha pela chã da Nísia; e surdiu cá em cima o famigerado Polidegmão, filho de Cronos, trazido por seus corcéis de fôlego imortal. E, arrebatando a
10 donzela, a meteu à fôrça no carro de ouro.

Ela chorava em altos gritos, chamando pelo pai, o altíssimo e poderosíssimo Cronião.

«Altíssimo» é o Cronião; apenas altos, os gritos da filha; logo... tais ais não foram ouvidos, isto
15 é, Zeus fez ouvidos de mercador; e outros deuses também; as mesmas «batizonas» não quiseram ou não puderam valer à mísera e mesquinha.

20 Ouviram os «altos gritos»: Hécate, filha de Perseu, deusa compassiva, e que não obstante morar numa cova, cinge a fronte de brilhante diadema; El-Rei Sol, filho de Hiperião, também disse que tinha ouvido e explicou que o Cronião os «ais» não
25 quis ouvir, porque ao tempo andava arredado dos deuses, muito interessado a recolher grandes oferendas que em determinado templo lhe oferecia um povo de suplicantes.

Assim não há dúvida: ela foi roubada e levada
30 contra-vontade pelo tio paterno, filho mal-afamado

---

4. «Narcizavam»: deixavam impregnar suas ondas do aroma da flor maravilhosa.

8. Polidegmão: epíteto de Haides. «que pode receber grande multidão»

de Cronos, senhor e morador da Casa Negra, onde hospeda as sombras de muita gente, um nada contrafeitas (e digo um nada contrafeitas, porque são sombras de gente; se fosse gente, daria sinal de si e faria rumor); consta mais que o detestado e detestável Haides possui carro de ouro e cavalos imortais, sempre prontos no pátio escuro da Casa Negra para proezas destas.

Enquanto a jovem deusa não perdeu de vista o estrelado céu e o carro rodou na terra, e se via ao largo a curva do mar animada dos saltos e ressaltos de muitos peixes e os raios do Sol avermelhavam as nuvens e doiravam os horizontes, esperava ela que ainda veria sua muito amada e venerável mãe ou alguém da celeste família.

Ainda esperançada e já muito aflita, gritava com quantas forças tinha e sua voz soava pelo cimo dos montes e retumbava no fundo do mar. A venerável Deméter ouviu e reconheceu a voz da filha. Sentiu o coração trespassado pelos gritos angustiosos da filha, descompôs com as mãos em garras o formosíssimo e famosíssimo toucado, lançou aos ombros seu manto azul e, veloz como a águia sobre o mar a fugir de incêndio, se precipitou por terra e por mar em demanda da filha.

Nenhum deus ou homem sabia ou queria dizer-lhe a verdade; nem aparecia ave de bom ou mau agouro; por nove dias correu de terra em terra, com quatro archotes acesos, dois nos olhos, dois nas mãos, isto é, procurava noite e dia... E a angustiada e santa Deó, nestes dias de aflição, pri-

---

31. Deó. outro nome da deusa Deméter.

vou-se de todo o alimento (nem ambrosia nem néctar), nem o corpo refrigerou no banho. E, quando sobre tão lastimosos sucessos apareceu pela décima vez a fúlgida Aurora, ocorreu-lhe com uma luz
5 na mão a deusa Hécate e lhe disse umas palavras, que mais eram perguntas que respostas:

— Veneranda Deméter que nos trazes os frutos no tempo oportuno e nos fazes muito bem, qual dos celestiais numes te roubou Persefónea? Ouvi-a gri-
10 tar, mas não vi com meus olhos quem era o raptor. Nada mais sei.

Isto disse Hécate. E a filha de Reia, tão celebrada pela formosura de seus cabelos, não respondeu nada, mas a seguiu apressada, com archotes acesos
15 nas mãos; aproximaram-se do Sol, atalaia dos deuses e dos homens, pararam ante os Corcéis do dia, e a divina entre as deusas proferiu estas palavras:

— Sol, acode por minha honra, pois sou deusa e mais de uma vez já minhas palavras e acções te
20 foram gratas e aprazíveis. Roubaram-me a filha, doce vergôntea em que corria meu sangue e vida, jovem formosíssima. Ouvi seus gritos através do éter, com meus olhos não vi quem a levava, mas entendi que era violentada. Tu, porém, com teus
25 raios vês de alto e observas o que se passa na terra e no fundo do mar. Dize-me se na verdade viste ou vês em qualquer parte minha filha muito querida, qual dos deuses ou quem dos homens ma arrebatou contra a vontade dela e na minha ausência.
30 O filho de Hiperião respondeu:

— Filha de Reia, rainha Deméter, a formosura de teus cabelos é indício certo e seguro testemunho de que pertences ao grupo dos deuses luminosos; muito estimo e venero tua pessoa, e te quero hon-

rar em ti e por ti; mas o espírito de partido ou sentimento de grupo obriga-me a sentir como próprias as tuas dores e angústias. Vou dizer-te o que tanto desejas saber.

5 Nenhum dos imortais é culpado, a não ser o Zeus das atras nuvens. As atras nuvens por vezes entenebrecem-lhe o espírito... Foi ele que deu a tua filha ao Haides, que a pretendeu para sua esposa ou roseira florida, transplantada para a terra tene-
10 brosa. Tua filha corria sobre a relva com as «batizonas» Oceânidas; Haides, lá do fundo do mundo tenebroso, espreitava por uma fenda da terra; os alvos tornozelos de Persifónea seduziram-no, porque este deus padece, como é compreensível, da
15 nostalgia da luz. Como sabes, quando se dividiu o império do mundo, coube a Haides a parte tenebrosa. Haides é irmão de Zeus e também da tua linhagem. Põe termo ao pranto, deixa a cólera sem motivo, mas nociva a ti e aos outros. Aidoneus
20 não é de maneira alguma indigno de ser teu genro. Tua filha, se chorava, já não chora.

Depois de assim falar, deu um rijo berro aos cavalos; e estes, a semelhante increpação, estenderam as asas como fazem os pássaros, e o carro do
25 dia rodou com grande velocidade.

E a venerável Deméter transformou e refinou a sua dor em fúria contra o Cronião das atras nuvens, abandonou a assembleia dos deuses, baixou às cidades de boa gente e às terras férteis e
30 fecundadas pelo trabalho dos homens, despiu por muito tempo as galas do Olimpo, dobrou a estatura e afeou o semblante, de maneira que nenhum

dos homens que traziam ceifões nem mulher algu-
ma das que usavam de fraldas compridas, mesmo
que lhe reparasse muito para a cara, podia saber
quem ela era; e assim andou por uma e outra
5 parte, até que foi recebida em casa do guerreiro
Celeós, que ao tempo era rei de Elêusis, região
povoada de muitas plantas resinosas e onde cres-
ciam muitas ervas de cheiro.

Muito ralada e magoada em seu coração, senta-
10 ra-se à beira do caminho, perto do poço Par-
ténio, que abastecia de água a povoação; so-
bre o poço crescera uma frondosa oliveira, a
cuja sombra, quem ia buscar água gostava de
se demorar a desenferrujar a língua. A deusa
15 parecia uma velha muito velha, dessas que não
sendo já aptas para dar ao mundo mais meni-
nos e olham com desdem os dons de Afrodite e não
querem das rosas desta deusa coroar-se, são toda-
via muito prestáveis no governo dos palácios, dedi-
20 cando-se à criação de filhos de reis, zelando a des-
pensa, vigiando a casa de lavores, etc... Ora entre
mulheres de cântaro e raparigas de cantarinha cos-
tumavam também ir por água ao Parténio, com cal-
deiros de bronze, as quatro filhas de Celeós Elêusi-
25 da: todas na flor divina da juventude, e eram Ca-
lídice, Clisídice; Demó, a mais afável e amável
das quatro; e Calítoe, a mais alta, e que parecia a
mais sisudinha de todas. Aproximaram-se da «ve-
lha» e lhe disseram amáveis palavras:

30 — Donde és, veneranda avó ou querida bisavo-
zinha? De certo conheceste nossos longínquos ante-
passados... Porque te ficas no arrabalde e não vens
para a cidade? A sombra de seus palácios é acolhe-
dora; ainda aí há-de viver alguma dama tua coetâ-

nea; sem dúvida a grande maioria do nosso mulherio é de data mais recente; mas nada obsta a que sejas recebida com agrado e carinho.

A veneranda deusa respondeu:

— Queridas filhas, quem quer que sejais na grácil e frágil variedade do mundo mulheril, eu vos desejo todas as felicidades. Tenho muito gosto em conversar convosco e não vejo inconveniente algum em dizer a verdade toda a quem com tanta bondade e em termos de tamanha cortesia veio falar à triste e feia velha. Chamo-me Dosó; foi minha veneranda mãe que me pôs o nome. Cheguei agora de Creta, trazida por alto mar bem contra minha vontade, por piratas.

O barco aportou a Tórico, os piratas saltaram a terra juntamente com as mulheres que traziam. Enquanto preparavam a ceia junto das amarras do barco, fugi por terras desconhecidas: não me apetecia a ceia e receava que me vendessem; o pouco ou muito que por mim lhes desse o comprador era ganho, porque eu nada lhes tinha custado. Desta sorte aqui cheguei.

Não sei onde estou, nem conheço pessoa alguma destes sítios. Que os habitantes das mansões olímpicas vos concedam maridos jovens e que tenhais filhos em tudo conformes aos desejos dos pais! Em paga do bem que vos desejo, compadecei-vos de mim e auxiliai-me até que ache trabalho em casa de alguns esposos, a quem servirei com muito gosto e deligência; eu me incumbirei de todas as tarefas que são próprias de uma mulher de idade: trazer meninos ao colo, lavar recém-nados, guardar a casa, fazer as camas, ralhar com as moças na sala de lavores ..

A deidade assim falou. Logo lhe respondeu Calídice e mais esperta e linda das quatro irmãs:
— Boa ama, ao que nos determinem os deuses temos nós, os humanos, de fazer cara alegre, ainda
5 que nos custe, pois averiguado está que eles são muito mais fortes. A respeito das coisas que desejas e te convém saber, basta que me prestes atenção: os barões assinalados da terra, em quem reside o alto comando e supremo mando, governam o povo, de-
10 fendem as ameias da cidade com seus conselhos e boas ordenanças, são o prudente Triptólemo, Díoclo, Políxeno, o irrepreensível Eumolpo e Dólico. Quem manda em casa ou palácio destes magnates não são eles, mas as respectivas «mui dignas espo-
15 sas», e nenhuma destas te afastará de casa, por lhe pareceres caduca e feia; porquanto todas elas hão-de ver, como nós estamos a ver, que tua velhice é postiça, finges-te caduca, mas teu corpo é semelhante ao duma deusa. Se queres, espera aqui e nós va-
20 mos a casa contar a nossa mãe Metanira o que aqui estivemos a falar contigo. Pode ser que ela te queira para ama do nosso menino. Nossa mãe já não é nova, mas teve há pouco um filho, de certo o últi-
25 mo, e gosta muito dele. Se tomares conta da criança, não perderás o tempo nem o trabalho. Nossa mãe paga muito bem, e quando o menino fôr crescidinho, ela encher-te-á as mãos com um grande presente.
30 Assim falou, e Deméter acenou com a cabeça que sim. As donzelas encheram de água os seus caldeiros... ou panelas (?) de bronze e, muito ufanas e mui galhardas, foram para casa e logo contaram à mãe a conversa que tiveram com a desconhecida.

Metanira lhes disse que voltassem ao Parténio e contratassem a velha, oferecendo bom ordenado.

Como na Primavera cervas ou bezerras, fartas de erva, correm no prado, assim as quatro donzelas, voltaram aos saltos para junto da «velha»: era mau o caminho, por muito cavado pelas rodas dos carros; as jovens, colhendo nas mãos as pregas dos lindos veus, corriam com tal entusiasmo que também as tranças lhes saltavam nos ombros e pareciam flores de açafrão; e milagre foi de Deméter que nenhum dos oito pezinhos ficasse torcido das regueiras do caminho!

E acharam a gloriosa deidade no mesmo lugar à beira do caminho e a convidaram e guiaram para o conforto da casa paterna: ela seguia atrás, sempre angustiada do coração, a tristeza no rosto, a cabeça velada; mas o peplo azul ondulava, os pés ágeis da deusa sacudiam-lhe a fimbria.

Num instante chegaram à morada de Celeós, aluno de Zeus; passado o pórtico, viram a mui digna madre, sentado junto da grande coluna que sustentava o pesado tecto, com o menino, seu último pimpolho, no regaço. As donzelas aproximaram-se da mãe, a deusa transpôs o limiar, roçou com a cabeça a viga do tecto e um resplendor divino iluminou os umbrais.

Tolhida pelo respeito, tomada de admiração e pálida de medo, Metanira levantou-se e ofereceu à deusa a sua cadeira.

Deméter não aceitou, e permaneceu de pé, calada, os belos olhos fixos no chão, até que a casta Jambe trouxe outra cadeira e a cobriu com uma pele felpuda, muito branca.

Sentou-se a deusa, tirou o véu, mas ficou largo tempo, sem gesto nem voz, absorta na sua grande dor, pensando na filha, a graciosa e casta «batizona» que lhe roubaram; não comia, não bebia, 5 não correspondia a uma saudação, não sorria a uma graça amável...

Só, muito mais tarde, a espirituosa Jambe conseguiu, com seus chistes, tirá-la daquela tristeza taciturna em que se fechara.

10 Deméter já sorria, mostrara-se de semblante alegre e de espírito desanuviado: tanto que Metanira ousou oferecer-lhe vinho.

Mas ela o doce vinho não no aceitou e pediu que lhe arranjassem um caldo de farinha, com seu ra-15 minho de salsa ou duas folhas de hortelã.

Metanira fez muito bem feitas as papinhas, Deméter comeu e Jambe disse: também me estava a apetecer meter o focinho na perfumada lavadura...

Desde então Deméter e Jambe ficaram muito ami-20 gas e sempre se entenderam muito bem. E a «batizona» matrona, Metanira, digo, disse:

— Como a ilustre dama eu te saúdo e convido para minha casa; não creio que teus pais sejam de condição humilde, mas da melhor nobreza hão-de 25 ser. A modestia e a graça brilham em teus olhos, e são indício certo de descendência de reis, de espírito culto e apurado na administração da justiça. Quanto aos deuses, temos de nos conformar e resignar com seus arbítrios, pois são eles que nos 30 põem o jugo na cerviz. Os grandes da terra devem entender-se entre si; e, já que estás em minha casa, o que é meu é teu. Cria-me este menino, que os imortais me deram, fruto do tarde, depois de muitas súplicas. Se mo criares, quando ele chegar à pu-

berdade, as mesquinhas mulheres da cidade e arredores hão-de encher-se de inveja ao ver-te: tão grande é a recompensa que tenho para te dar!

Por sua vez, aquela, em cuja testa tão bem assenta a coroa, respondeu:

— Exulta também tu e rejubila, ó mulher, e que os deuses te cumulem de bens! Recebo teu filho com muito gosto, e o criarei, como mandas. Espero que, por descuido da ama, nunca lhe há-de empecer sortilégio: ainda que lhe dessem a beberagem de hipotamno, não lhe havia de fazer mal, porque eu conheço um antídoto de mais virtude que o hilótomo e sei um remédio muito bom contra aquele terrível bruxedo.

Ditas estas palavras, tomou o menino nos braços divinos e o estreitou ao perfumado seio. A mãe estava radiante de júbilo. Assim criava a deusa em palácio o filho do prudente Celeós, Demofoão chamado, ao qual dera à luz a rainha Metanira; e a rainha Metanira o concebera com tanta alegria que já o festejava antes de nascer, enfeitando-se a si mesma com as mais largas, garridas e estravagantes cinturas que tinha!

E o menino medrava e crescia, mais parecido com os deuses do que com a mãe ou com o pai, sem

---

11. *Hypotamnón*, herbe que l'on coupe pour la préparation des breuvages magiques (Baylly).

12. *Hylótomon* : «cortado no bosque»: remède composé de simples coupés dans le bois (Baylly).

Nos dois casos, não é o dicionário que explica Homero, mas Homero o dicionário.

comer pão nem mamar o leite de sua mãe. Deméter
o trazia ao colo, esfregava-o de quando em quando
com ambrosia, como se faz aos filhos dos deuses,
bafejava-o nos olhos e soprava-lhe brandamente na
5 testa. De noite, passavo-o pela fogueira, como se
estivesse a brincar com um tição, a ocultas dos pais,
que andavam maravilhados por verem que Demo-
foão era já um grande Demofoão e que pelas fei-
ções mais tirava aos deuses que aos traços do pai
10 e da mãe.

E, se não fora a simpleza do pai e da mãe (da
mãe particularmente), a deusa, com seus passes e
manobras, teria feito o seu educando isento da ve-
lhice e da morte. Uma noite a empertigada Meta-
15 nira espreitou pelo postigo da câmara nupcial, se
feriu em dois músculos e, receando por seu filho,
cometeu grande pecado de coração, porque entre
soluços proferiu estas palavras loucas:

— Aí, meu Demofoão, que a velha forasteira te
20 está a passar pela fogueira... para te comer assado,
e me fazer chorar e encher de pesares!

Assim disse entre gemidos, e a mais divina das
deusas em extremo se irritou, tirou do fogo a ami-
malhada criança que Metanira em seu palácio fora
25 de tempo parira, com as mãos imortais a afastou
de si, pondo-a no chão; e de ânimo irritadíssimo
disse a Metanira, mui presumida «calizona»:

— Homens ignorantes e sem juízo para prever
o bem e o mal que nos há-de trazer o fado! Tam-
30 bém tu, com tuas desconfianças insensatas, fizeste
uma grande tolice. Saiba-o a terrível água Estígia

---

27. Calizona: «que veste linda saia.

(juramento dos deuses): eu teria livrado da velhice e morte a teu querido filho, obtendo para ele honras imortais; o mal que fizeste é irreparável; agora já não é possível evitar a morte e as Moiras. Ficar-
5 -lhe-á o privilégio de se ter sentado em meus joelhos e dormido em meus braços. Passados anos, quando chegar à idade viril, os filhos dos Eleusínios hão-de envolver-se em lutas civis, todos os dias em combates terríveis.

10 Eu sou a venerada Deméter. Em mim está muito da alegria e do proveito de que podem gozar os imortais e os mortais. A todos convém ter-me propícia. Que todo o povo me levante um grande templo perto da cidade, não longe do
15 alto muro, na iminente colina, sobre o Calícoro. E eu em pessoa vos hei-de ensinar os mistérios, para que sem demora aplaqueis meu espírito com santos sacrifícios.

Depois de assim falar, a deusa alteou a estatura,
20 corrigiu a forma, tirou-se do bioco da velhice e radiou beleza por todos os poros; os peplos rescendiam, brilhou até muito longe o clarão do corpo imortal; flutuava-lhe nos ombros o oiro das madeixas, todas as salas do palácio se iluminaram de su-
25 cessivos relâmpagos.

E Deméter deixou o palácio de Celeós. Metanira não se aguentou de pé; faltavam-lhe os joelhos, a voz faleceu-lhe na garganta, paralisaram-se-lhe os gestos e nem sequer reparou que o menino que pa-
30 rido havia fora de tempo ainda estava abandonado no chão!

Felizmente os vagidos e voz chorosa do menino foram ouvidos pelas irmãs, que, atirando para o

lado as formosas colchas de seus leitos, acorreram logo: uma o levantou entre as mãos e o pôs ao colo; outra foi acender o lume; outra mexou os formosos pés para o Tálamo materno, foi dizer à mãe que o menino estava a chorar. Reunidas em volta do Demofoãozinho, que tremia de frio, o lavaram e acariciaram; mas a criança não sossegava; fazendo beicinho, parecia dizer que aquelas «amas secas» não prestavam.

As mulheres do palácio, cheias de medo, passam a noite a apasiguar o excelsa deidade; e ao romper do dia referiram ao glorioso Celeós, com toda a verdade, o que se havia passado e o que a soberana Deméter tinha ordenado.

Celeós, tendo convocado seu numeroso povo para a ágora, ordenou que se levantasse um templo e erigisse altar à soberana Deméter na alta colina. Compareceu grande multidão, estiveram mui atentos ao que dizia e começaram a lavrar templo e altar e a fábrica crescia a olhos vistos, por vontade da deusa.

Acabado e perfeito o sagrado habitáculo, a ele se acolheu a loura Deméter, sem fazer caso dos habitantes do oloroso Olimpo: toda se queimava em sua cólera e se consumia na saudosa lembrança de sua filha, a modesta e amável «batizona», e decretou que a antes fértil terra fôsse aquele ano cruel e terrível para os homens — a terra não produzia grão, porque a soberana deusa ou escondeu ou estragou as sementes. Em vão se encurvavam os bois puxando os recurvos arados; em pura perda se espalhou sobre a leiva a branquiça cevada... E teria perecido inteira a raça dos animais faladores, por causa da crua fomɐ — e privados fi-

cariam por esse facto os possuidores de olímpicas moradas de orações, ofertas, sacrifícios — se Zeus não tivesse ponderado as consequências de tamanha calamidade.

5 Ponderou, e disse:

— Iris, acerta o teu par de asas e voa célere e dize a Deméter que venha a palácio. Parecer-te-á um tanto impertinente e orgulhosa de seu alto penteado; fora isso, não é má pessoa.

10 Iris obedeceu. Chegou a Elêusis, logo soube onde era o novo templo e lá encontrou Deméter envolta no peplo azul, e lhe dise as palavras que trazia na ponta da língua:

— Zeus chama-te a palácio. Por lá repara-se no 15 teu isolamento: andas irradia, como se não pertencesses à família dos sempiternos deuses. Vai, pois; e não fique sem efeito o meu convite. É Zeus que te chama.

Assim disse, assim rogou; mas a deusa nem foi 20 nem se deixou levar. Depois Zeus lhe enviou mais este, mais aquele; um a um lá foram todos os sempiternos deuses; convidavam, rogavam, ofereciam muitas prendas, prometiam honrarias, mas nada: ela tinha um espinho no coração, refutava todas as 25 razões, teimava em não subir ao Olimpo e persistia em não deixar a terra produzir frutos, enquanto com seus olhos não visse os olhos lindos de sua filha.

Quando soube de tão forte teima, o trovejante e 30 astuto Zeus mandou ao Érebo Argeifontes com sua varinha de oiro, para exortar com palavras corteses o Haides a que deixasse a esposa visitar a mãe dela e sogra dele... E mais a seu mensageiro recomendou Zeus que empregasse todos os esforços

para tirar do mundo tenebroso a casta Persefónea; depois conduzila-ia aos cimos luminosos, à presença dos olímpicos, a fim de que a mãe com seus olhos a visse e se remitisse da cólera selvagem.

5 Hermeias não desobedeceu. Deixou a sua casa do Olimpo e se precipitou nas profundidades da terra. El-rei do inferno estava em casa, sentado na cama com sua respeitável consorte; e o corajoso Hermeias lhe disse:

10 — Haides, amigo Barba-Azul, rei dos mortos, Padre-Zeus me incumbiu de uma missão um tanto ingrata. Tenho de te roubar a mulher, mas por pouco tempo... um pequeno emprestimo, por assim dizer. Manda-me Zeus tirar do Érebo a gloriosa Persefó-
15 nea, apresentá-la aos deuses lá de cima, para que sua mãe com seus olhos a veja, a ver se a velha termina a zanga e fúria em que está contra os imortais; os imortais têm-lhe medo, porque se obstinou no propósito de destruir os débeis racionais terríge-
20 nas, e rouba ou faz apodrecer as sementes. Tu compreendes: sem sementes não há frutos; sem frutos da terra não há homens; extinta a raça humana, foram-se as honras e louvores divinos!

Assim disse. Sorria-se el-rei dos infernos; alteou
25 e derribou as sobrancelhas, pestanejou e disse:

— Vai, Persefónea, de ânimo e coração sossegados, ver tua mãe e seu peplo azul. Não te aflijas em demasia; não te aflijas mais do que em iguais circunstâncias se afligiria uma pessoa pacata. Ir-
30 mão como sou de teu pai Zeus, não me julgo esposo indigno de ti, mesmo que tivesses de o escolher dentre os imortais; e tu, permanecendo aqui, serás dona de tudo quanto vive e se mexe e disfrutarás as maiores honras que se podem prestar aos deuses.

E já está e para sempre fixada a pena para os delinquentes que não aplacarem teu ânimo com sacrifícios de devotas ofertas e presentes que te são devidos.

Isto disse. Alegrou-se a prudente Persefónea; mas teve a imprudência de rejubilar demasiado, a pontos de dar saltos de contente. Estranhou tanta alegria Haides e desconfiou. Atraíu-a a si, e, com intuitos secretos, meteu-lhe na boca sumarento bago de romã e lho fez engolir. O bago vermelho tinha «virtude»: Persefónea, com ele no bucho não poderia suportar muito tempo a presença de sua mãe, por causa do peplo azul. Aidoneus, imperador das defuntas gentes, acto contínuo, atrelou os imortais cavalos à parte dianteira e baixa do carro de oiro; subiu Persefónea; Hermeias tomou as rédeas e pegou no chicote, o carro rodou, os cavalos distenderam os músculos.

Grande velocidade faz curtos longos caminhos: nem o peso das águas do mar e ímpeto de suas torrentes, nem os cursos dos rios, nem montes, nem vales, nem bosques, nem ervaçais detiveram um instante os fogosos animais.

Hermeias parou o carro à porta do oloroso templo da soberana Deméter, e esta, vendo chegar o carro, correu, como ménade no bosque, a saber ao que vinha.

Persefónea, logo que viu os belos olhos de sua mãe, deixou carro, cavalos e cavalariço. Abraçaram-se mãe e filha. Mas, ainda abraçada à filha, Deméter foi acometida de horríveis tremuras: o coração pressago parecia querer avisar de enganos terríveis, ludíbrios indignos. Cessou de acarinhar a filha e lhe perguntou em voz seca e áspera:

— Oh, filha! É verdade o que tenho ouvido, que lá em baixo passas fome? Fala; não me ocultes o que pensas, para que ambas o saibamos; se é verdade, como agora estás livre do detestável Haides, ficas comigo e com teu pai Cronião, e todos os imortais te hão-de estimar e honrar. Se, porém, o que se diz não é verdade, podes voltar para a companhia da tenebrosa potestade, e lá permanecerás só um terço das estações do ano; nas outras duas partes, hás-de estar comigo e com os outros imortais luminosos. Quando a terra se enfeitar e perfumar com as flores da Primavera, subirás de novo das regiões tenebrosas; e tanto os deuses imortais como os mortais racionais considerar-te-ão como um prodígio, porque o mundo tenebroso dá prestígio a quem... de lá vem.

Mas, com que más artes te pôde arrebatar o poderoso Polídegmão?

A formosíssima Persefónea respondeu:

— Mãe, vou dizer-te toda a verdade. Quando se me apresentou o bom Hermeias, hábil mensageiro, da parte do pai Cronião e das outras celestiais potestades, para me trazer do Érebo, a fim de que, vendo-me tu com teus olhos, pusesses termo à tua cólera, eu saltei de contente.

Haides, com intuitos refalsados, meteu-me na boca um bago de romã; porque o achei sumarento e docinho, sem querer, o engoli. Contarei agora como ele me raptou por oculto desígnio do Cronião, meu pai, e me encerrou nas profundidades da terra; e tudo referirei como desejas.

Todas nós... e éramos Leucipe, Fainó, Electra, Jante, Melipa, Jaque, Rodia, Calirroe, Melóbosis,

Tique, Ocírroe (rosa melada), Criseida, Janira, Aeaste, Admeta, Rôdope, Ploutó, a desejada Calipso, Éstix, Ourania, a amável Galaxaura, Palás (que acirra o combate), Ártemis (que compraz nas setas): brincávamos em macio prado, colhíamos à mão ervinhas e flores, enramalhetávamos o suave açafrão, junquilhos, jacintos, botões de rosa, e belos lírios, delírios dos olhos! e aquele monstro de formosura, o maravilhoso narciso, que brotou inesperado dos quadris da terra com suas flores próprias e as do açafrão! Então se abriu a terra e apareceu em seu carro de oiro el-rei Polidegmão, meteu-me dentro muito contra minha vontade — eu gritava quanto podia — e sumiu-se comigo pela terra abaixo. Todas estas coisas (o pensar nelas ainda me aflige) são verdadeiras. Assim confidenciavam as duas, derretendo-se de igual ternura, e uma e muitas vezes se abraçavam e desoprimiam o coração. F. delas se aproximou Hécate, senhora que traz diadema — ou dele se lhe vê na testa a prega — muito amável e dengosa as abraçou — muitas vezes a filha, poucas, a velha — e a Persefónea prometia eterna amizade e lhe dava o tratamento de «minha rainha».

Achou também o previdente Zeus que era chegado o momento de fazer suas propostas, e escolheu por intermediária Reia, outra testa coroada, para que em seu nome rogasse a Deméter que voltasse para a família das divindades e a assegurasse de que ele, Zeus, lhe concedia as honras que ela quisesse entre os deuses imortais e de que tinha dado assentimento, por acenos de cabeça, a que sua filha passasse apenas um terço do ano no mundo tenebroso

e as duas partes na companhia da mãe e dos outros imortais.

Assim disse e a deusa não desobedeceu ao mandato de Zeus. Lançou-se veloz dos cimos do Olimpo e chegou a Rario, que anteriormente por sua fecundidade era chamado o úbere da terra, mas onde se não via então folha de árvore nem febra de erva, e o chão seco sumia e matava as sementes por ordem de Deméter, que outrora se comprazia em mostrar e refrescar os alvos tornozelos nas ervagens orvalhadas: já na Primavera próxima estas terras recomeçariam a produzir, as boas leivas cobrir-se--iam de messes, as messes dariam muitos molhos, os molhos vergariam com o peso dos grãos.

Baixando, pois, do estéril éter, Reia em Rario se encontrou com Deméter e lhe disse:

— Vem cá, filha minha. O trovejante e previdente Zeus chama-te; diz que cada divindade deve viver com sua família; prometeu dar-te as honras que queiras entre os imortais; assentiu com a cabeça em que tua filha, no decurso do ano, passe um terço com o Haides, os outros dois terços, contigo ou com alguma outra das divindades luminosas. Assim disse que há-de ser e o confirmou com um aceno de cabeça. Anda, filha. Obedece e não leves longe demais teu ressentimento. Não queiras irritar o Cronião das negras nuvens. Tira o interdito às terras e deixa que produza os frutos de que necessitam os homens.

Assim disse e tudo ficou em bem. Deméter retomou a bela coroa de rainha das searas e fez que os campos produzissem muitos e bons frutos. Imensa extensão se cobriu de verdura e, passeando entre árvores floridas, a deusa foi ensinar aos reis

que administravam a justiça, e eram Triptólemo, Díocles, amansador de cavalos, o forte Eumolpo e Celeós, o ministério do seu culto, e lhes explicou o *venerandos mistérios que nem é lícito ignorar nem* 5 esquadrinhar e em que se não deve falar muito, porque o temor dos deuses deve pôr cobro na língua. Ditoso o homem que neles medita! Quem neles não for iniciado, nem deles participar não terá na terra boa sorte nem depois da morte.

10 Depois que a divina entre as deusas ensinou todas estas coisas, ambas (mãe e filha) partiram para o Olimpo e se reuniram aos outros deuses. Lá estão, majestosas e respeitadas, junto de Zeus. Feliz o homem que elas protegem! Terá casa farta e fre-15 quentes visitas do Ploutos, o deus que sabe juntar riquezas para os pobres mortais!

Eia, eia, oh, deusa! Tu que possuis o povo da olorosa Elêusis, a ilha de Paros, as rochas de Antrão; oh, venerável, que tens boas coisas para nos 20 dar; nos trazes os frutos em tempo oportuno; tu e tua filha, a formosa Persefónea; permite que eu continue a viver alegre, como recompensa deste canto. E eu me recordarei de ti em novo cantar.

A DIÓNISOS OU HINO DOS LADRÕES

Contar-vos-ei agora a curiosa história de uns ladrões tirrenos que deram sobre a praia do mar e como Diónisos foi com eles entreplicar.

Pela orla do mar maninho, como qualquer mor-
5 tal mancebo, fora Diónisos passear; trepara a uns grandes penedos, os cabelos pretos a ondear, aos ombros capa vermelha, como para longe a acenar.

Via-se ao longe uma barca negra no mar vinhoso que se ia a avinagrar...

10 Os piratas enxergaram o deus que se andava a recrear. Num instante a barca negra veio na areia afocinhar; os ladrões saltaram em terra, querem o deus cativar! para isso traziam cordas, vimes, vincilhos, e já na barca o começavam a atar; e o ca-
15 pitão a rejubilar dizia à corja:

— Este é pelo menos filho de rei, nado e criado à mão direita de Zeus-Padre.

Fingia-se Diónisos morto, ou como se estivera tal; bem vivo estava ele, com os olhos a pestanejar.
20 Com seus olhos negros, negros, por entre as pestanas, os estava ele a mirar e a remirar.

E com um leve gesto às ondas atirou as ataduras. E, rindo e de boa catadura, se foi sentar no banco dos remos.
25 Por piloto trazia a corja um gageiro esperto e muito fino; o capitão era um gajo muito mau. Disse o gageiro:

— Desgraçados e tolos, com quem vos fostes meter! A barca não aguenta a carga: «ele» ou é Zeus,
30 ou Apolão (que terá deixado na casa do Olimpo seu

arco de prata) ou Poseidaão. Deixemo-lo em terra, não vá ele fazer soprar maus ventos e que o temporal nos coma.

Assim falou. O capitão lançou-lhe um olhar torvo e replicou:

— A ti pertence, mísero poltrão, vigiar os ventos e dar-lhes a vela, sempre prevenido e armado, como é do regimento. De certo hás-de aparecer pelo teu quinhão, quando o vendermos no Egipto, em Chipre, nos Hiperbóreos ou no cabo do mundo. A presa nem um deus no-la tira. Entretanto ir-se-á ela explicando sobre quem são seus pais, se tem irmãos, quais os seus haveres, enfim, sobre tudo o que nos convém saber para lhe marcarmos o justo preço.

Dito isto, alçou o mastro, distendeu a vela, e os matalotes arrumaram para os lados o apetrechame. Um bochecho de vento inchou o pano. O barco vogava,... mas de repente se tresmudou em caixinha de surpresas mágicas! Primeiro, sentiu-se fortíssimo cheiro a vinho, como se a barca fosse de aduelas e tampos de pipa; segundo, uma onda de vinho alagou o lastro; terceiro, os nautas teriam morrido de medo, se não fôsse o forte cheiro a vinhaça, que lhes confortava os corações e regalava as ventas. Uma cepa velha e tenaz enraizou-se nas frinchas da barca, altearam-se dois ramos de vide, envolveram a vela e a esconderam entre as parras, e já pendiam formosos e maduros cachos; enredou-se uma hera verde-negra pelo mastro acima, com muitos festões e bagas pretas.

Mas, para o melhor da festa... estava reservado o pior: na proa, rugia um terrível leão; no meio, medonha ursa erriçava o pêlo; os marujos fugiram para a popa e se atiraram ao mar e se transforma-

ram em golfinhos (isto é, os machacazes sabiam nadar muito bem).

O leão lançou as garras ao capitão e o comeu.

Diónisos amerceou-se do piloto, tomou-o pela mão
5 e o tornou completamente feliz, e lhe disse:

— Não tenhas medo, porque te é grato meu coração. Eu sou o barulhento Diónisos, a quem deu à luz uma cadmeia, chamada Semele, depois de andar de amores com Zeus.

10 Eia, filho de Semele! Na formosura dos olhos, pareces-te com tua mãe! Não posso fazer cantigas de jeito sem me lembrar de ti.

ARES

Robustíssimo Ares, derreador de carros, encasquetado de oiro, de ânimo inquebrantável, abroquelado, subversor de cidades, armado de bronze, de mãos rijas, incansável, forte na lança, paliçada
5 do Olimpo, auxílio da justiça, tirano para inimigos, pai da vitória na batalha bem pelejada, condutor dos mais justos homens, porta-cetro da fortaleza..., volves teu circulo de fogo por entre os astros cursores dos sete caminhos do éter, por onde
10 teus cavalos mui flamantes te levam, sempre sobre o terceiro cerco: ouve, auxiliador dos mortais, dador de audaz juventude e que do alto fazes brilhar a glória de nossa vida, excitando a coragem guerreira: que eu possa afastar de minha fronte a deson-
15 ra, dominar com a razão desordenados impetos de alma e coibir bruscarias de mau génio e que me não deixe envolver na luta horrenda! Tu, ó bem-aventurado, dá-me audácia, a audácia de viver em paz, no respeito das leis, depois de me ter livrado da
20 sanha dos inimigos e das brutalidades da sorte.

A ÁRTEMIS

Dize, ó Musa, que Ártemis é irmã «do que fere de longe», virgem que gosta de brincar com dardos e foi criada com Apolão.

Passa a vida nisto: Leva os cavalos a beber ao
5 Meles; os cavalos ferem-se nos juncais e ela ri. Depois conduz seu carro com grande velocidade, atravessa Esmirna, chega aos vinhedos de Claros, onde se encontra com Apolão. «O do arco de prata», lá há-de estar à espera «da que lança longe o dardo
10 e brinca com as frechas».

Assim, pois, contenta-te com esta cantiga, que assim me despeço de todas as deusas; e eu que por ti começo a cantar, ...agora que já comecei por ti, passo a outro assunto.

HINO A DIÓNISOS (fragmentos)

Dizem uns que Semele foi tua mãe e Zeus, senhor do raio, teu pai e que nasceste em Drácano; outros, que nasceste na ventosa Ícaro; outros dizem, ó Irafiota, divino rebento, que és de Naxos;
5 outros afirmam que foste enjeitado e achado perto do Alfeu, rio muito impetuoso; há quem afirme que és tebano, ó meu soberano. Todos mentem, porquanto eu sei que tu nasceste das mãos de Zeus, pai dos deuses e dos homens, e do seu fuzil de fazer
10 relâmpagos: por sinal que teu pai te teve muito tempo escondido, com medo dos ralhos de Dona Leucólena. Há uma montanha (Nisa) de grande altura, muito arborizada, longe da Fenícia e perto da corrente de Egipto. [Parece que foi ali que te es-
15 condeu teu pai].

....

E lhe levantaram muitas estátuas e templos, — e ....Como o dividiu em três partes, os homens te oferecem, sem falta, de três em três anos, hecatombes perfeitas.
20 ...Disse, e o Cronião baixou as negras sobrancelhas em sinal de assentimento; os divinos cabelos se agitaram na cabeça do soberano imortal; a tal aceno estremeceu o vasto Olimpo.

....

---

4. *Irafiota* ou *Eirafiota*. Palavra de origem e significação desconhecidas. Por este epíteto, uns entendem que o deus tinha qualquer defeito numa coxa, outros traduzem *eirafiota* por «o perna de boi», aqueloutros por «o astuto».

Depois de assim falar, o retificou com a cabeça
o próvido Zeus. ....

....

Sê-nos propício, Irafiota, perdido por mulheres;
os aedos te cantamos ao principiar e ao acabar; não
5 nos é possível dar a mente às Musas e esquecermo-
-nos de ti.
Assim alegra-te, o Diónisos Irafiota, e alegre-se
também Semele, tua mãe, a quem chamam a Tiona!

---

8 «Tiona». Parece ser termo de reverência, derivado da raiz *Thu*, de significação religiosa: sacrificar, incensar, perfumar, etc.. O *passo* não ficaria mal traduzido por: Semele, a quem chamam a «Tia».

HINO A AFRODITE

Como a terrível e bela Afrodite hei-de eu cantar?
Da marítima Chipre domina as fortes cidadelas e se deixa levar do Zéfiro, como espuma por entre
5 espumas do sussurrante mar!
As Horas, de testas leves mas inclinadas com peso de oiro, a receberam com muita alegria; e com lestas mãos a vestiram e enfeitaram, tal como elas se apresentam nos bailes do Olimpo: vestido divino,
10 de alto preço; na testa, coroa de florão de auricalco e rosas de oiro; colar de oiro; espartilho de prata; suspensório mamário, de oiro.
Depois de tamanho dispêndio de oiro e adereços de primor, a levaram à imortalidade..., quero dizer,
15 a apresentaram aos imortais. Fascinados de tanta formosura, todos os deuses queriam casar com ela.
[Como ia fatigada do caminho, não podia com tal ourivesaria na cabeça], tirou a coroa de oiro e pôs uma de violetas.
20 Bem fizeste, ó deusa superciliosa e melada! Concede-me que alcance a vitória neste certame. Lembrar-me-ei de ti em outro cântico.

AFRODITE

Cantarei a Citereia, natural de Chipre, porque dá aos mortais... muitos doces, sempre com um sorriso no rosto e uma flor na mão.
Que tu vivas e reines, ó deusa, em Salamina,
5 cidade bem edificada, (em Chipre) e em toda a ilha de Chipre! Se mo permites, far-te-ei outra loa, mas fica para outra vez.

Atenaia

Começo a cantar a poderosa Palás Atenaia, protectora das cidades e que superintende, com Ares,
10 nas coisas da guerra: gritarias, correrias, façanhas, cidades tomadas. Enquanto ela vai e vem, folga o povo.
Alto lá contigo, deusa! Dá-nos boa sorte e felicidade.

Hera

15 Louvo a crisótrona Hera, filha de Reia, rainha de excelsa beleza, nobilíssima irmã e digníssima esposa de trovejante Zeus, à qual os moradores do vasto Olimpo respeitam tanto como ao Zeus do raio.

A Demeter

Começo a cantar a Deméter, deusa muito vene-
20 rada e celebrada pela formosura de seus cabelos; e não esquecerei sua filha, a belíssima Perseíónea.
Saúdo-te, ó deusa, e te peço que salves esta cidade: daí principiará meu cântico.

À mãe dos deuses

Celebra, melódica Musa, a mãe de todos os deuses e de todos os homens, filha do grande Zeus. Ela toda se compraz no estrépito de crótalos e tímpanos; ouve com delícia os aulidos dos lobos e o rugir de
5 leões ferozes; e se enternece com o sonido tremido de muitas flautas juntas; e se alegra com os écos da montanha; e cisma, escutando o rumorejar das árvores.

Assim, ó deusa, regozija-te em meu canto e con-
10 tigo todas as deusas!

Heraclés, ânimo de leão

Cantarei a Heraclés, filho de Zeus e de Alcmena. Foi o mais valente dos homens. Nasceu em Tebas, cidade ilustre por seus famosos coros. Antes de nascer, vinha Zeus a casa de Alcmena, de noite, en-
15 capotado em negríssima nuvem.

Realizou outrora grandes façanhas e empreendeu muitos trabalhos por ordem e à conta del-rei Euristeu; tem agora no claro Olimpo alegre vivenda, acompanhado de Hebe — para onde ele vai, mexe
20 ela também os formosos tornozelos.

Alegra-te, soberano filho de Zeus; dá-me valor e torna-me feliz!

A Esclepiós

Começo a cantar aquele que nossas enfermidades cura e nos tira as mazelas, Asclepiós, filho de Apo-
25 lão e nascido da divina Coronis, filha del-rei Flegias,

no campo Dotio; gáudio para os homens e apaziguador das funestas vozes.
Eu te pago, meu rei, com este conto; valerá ele uma receita?

Aos Dioscuros

5 Canta, Musa suave, aos Tindáridas Castor e Pólux, gerados por Zeus Olímpico; deu-os à luz a veneranda Leda, entre os cimos do Taigeto, depois de por ali lhe ter arrastado Zeus... não a asa, mas a famigerada «negra nuvem» pendente do ombro.
10 Saúde, Tindáridas, mestres na «arte de cavalgar toda a sela»!

A Hermeias

Para celebrar a Hermeias, enfio estes nobres epítetos: Cilénio, Argeifontes, Rei da Arcádia, senhor de muitos rebanhos, núncio prestantíssimo dos imor-
15 tais; e direi como o deu à luz a veneranda Maia, filha de Atlas, depois de ter ligações com Zeus.
Maia evitava a sociedade dos bem-aventurados deuses e morava numa sombria gruta. Zeus só noite velha podia escapar-se do Olimpo, quando o sono
20 fechava os olhos de Hera; então corria para a gruta da ninfa e lhe dizia que, mesmo de noite e sem luz, suas tranças lhe pareciam mais formosas que os «brancos braços» da esposa.
Assim vieste à luz, ó filho de Zeus e de Maia:
25 que a luz te doire a existência!
Alegra-te, Hermeias, que causas alegria, quando trazes boas notícias ou fazes alguém rico!

A Pã

Fala a Musa do caro filho de Hermeias: com duas córneas gaitas na testa, uma gaita de cana na boca, com as pontas dos dedos chatos a abrir e a fechar os suspiros do pifre, bate Pã seu pé caprum para
5 acertar a música; saem das grutas as ninfas todas, dispõem-se e giram em rápidas coreias, vai-lhes de roda o deus hediondo e risonho, ou salta-lhes para o meio com ares de pândego; espavoridas, fogem as ninfas a rir, e ele as persegue e logo as deixa; salta
10 vales e sobe aos montes e de cima de altos rochedos vigia as ovelhas.

É um deus esquálido que só nutre pêlos e maravilha é que de tão agudo toitiço se alimente tão basta e linda cabeleira. É o deus adorado dos pas-
15 tores, ao qual pertencem os visos das serras nevadas, píncaros, aterros e pedrulhas. Ora mete os focinhos por matorrais e silvedos, logo se alevanta ao mais excelso monte, até esfregar a moleira na mais alta nuvem.

20 À sua penetrante vista não escapa moita donde saia coelho ou lebre nem covil ou fojo em que se alaparde besta grande.

Quando pelo meio da tarde ou fim do dia se ouve mais animada a gaita de Pã, sinal é de que o deus
25 está contente e de que não foi má a caçada; e, se o gorjeio da flauta é suavíssimo, que nem garganta de passarinho à sombra das folhas e rosas de Maio, não há por aqueles sítios pé de ninfa que fique quedo, nem cantadeira que não tire a voz do papo.
30 E então Pã doideja, corre aqui, tomba para acolá, com uma pele de lince mal-atada ao ombro. E o

chão está recamado de açafrão e de jacintos, calcados e recalcados pelos pés dançantes!

E as ninfas festejam os bem-aventurados deuses e o vasto Olimpo, e portanto também a Hermeias,
5 que, dizem, não é menos deus que os outros... Dizem que ele é núncio veloz de todos os deuses, contam como um dia se foi à Arcádia, terra que muitas águas refrescam e é mãe de muitos rebanhos e onde está o sacro bosque de Cilene; ali, com ser
10 deus, teve de guardar ovelhas de lã suja e mal-cheirosa, por conta e em proveito dum racional mortal; a isto se sujeitou, porque já nele ardia o desejo de se unir à ninfa de belas tranças, filha de Dríope, com a qual consumou mais tarde floridas núpcias:
15 depois das núpcias floridas, pariu ela, em seu domicílio, para Hermeias, um filho amado, que se apresentou neste mundo monstruoso à vista, bode nos pés, barbas e cabeça, em duas palavras, medonho e risonho. A parida ninfa, em vez de lhe
20 dar a mama, fugiu, porque tinha medo invencível daquele rosto desagradável e barbudo.

Em consequência, Hermeias tomou o seu menino nos braços, mas com muita ufania e indizível gáudio! Envolveu-o em peles quentes de lebre ou coe-
25 lho bravo e foi com ele para a morada dos imortais, sentou-se junto de Zeus na roda dos deuses e a todos apresentou o filho; todos se alegraram, e mais que todos *Bákheios, Diónysos* ; e, porque a todos *(Pãsin)* pareceu o menino muito engraçado, lhe
30 deram o nome de Pã.

Assim, viva o meu Rei! Para que me seja propício, lhe ofereço este cântico.

Hefaistos

Canta, Musa carinhosa, a Hefaistos, mestre insigne que ensinou com a sábia Atenaia o trabalho aos homens, que antes viviam em cavernas, como bichos. Se vivem agora os humanos em casas lim-
5 pas, tal benefício o devem ao ínclito artífice.

Seja-nos propício Hefaistos e nos dê virtude e felicidade.

Apolão

Quando o cisne, na alta riba do impetuoso Pneiós, mete debaixo da asa o bico, é para dizer para o
10 próprio coração: *«Phoĩbe, Phoĩbe, Phoĩbe»*...

Assim para o doce poeta, que sabe entender-se com a arguta cítara, tu serás sempre sua primeira e última palavra.

Assim, viva o meu Rei, e não se dedigne desta
15 carme!

Poseidaão

Ensaio um carme de louvor a Poseidaão, deus grande, que a terra abala e sacode o mar estéril; deus marinho que domina em Helicão e em Hegas, terra e cidade. Honra duplicada te reconhecem os
20 deuses, ó deus que a terra abalas: amansador de cavalos e salvador de naus.

Honra a Poseidaão, porque cinge a terra e tem o azul do céu pegado ao cabelo e às barbas!

De boa-mente e benigno ânimo, ó bem-aventu-
25 rado, socorre os navegantes!

A Zeus

A Zeus canto e exalto, o melhor e maior dos deuses, previdente, poderoso e perfeito; muitas vezes conversa com Témis, sentada a seu lado e voltada e inclinada para ele.
5 Sê-nos propício, previdente Cronião, gloriosíssimo, máximo!

Hestia

À tua guarda está confiado, ó Hestia, na divina Pilos, o recinto sagrado de Apolão, deus cuja seta voa a toda a parte; de tuas tranças sempre escorre
10 azeite. Visita esta casa com ânimo benigno, em companhia do próvido Zeus, e põe virtude nestes versos.

Musas e Apolão

Começo invocando as Musas, Apolão e Zeus. Porquanto, por obra e graça das Musas e do frecheiro
15 Apolão, existem na terra aedos e citaristas; e de Zeus procedem os reis. Feliz daquele a quem as Musas amam: sua boca sabe proferir boas e doces palavras. Ó filhas de Zeus, eu vos saúdo; honrai meu canto; e eu vos prometo fazer mais versos.

A Diónisos

20 Lá vai uma loa ao buliçoso Diónisos, coroado de hera, preclaro filho de Zeus e da mui louvada Semele.
Desde a nascença o pai o inscreveu na lista dos deuses e o entregou às ninfas que o apaparicaram
25 e criaram numa rescendente gruta dos vales de Nisa.

Criado por deusas e acostumado a mimos e louvaminhas, gosta muito dos hinos que se tecem em seu louvor. Desde os tenros anos se habituou a meter-se pelos bosques dentro, seguido das ninfas. E, quando
5 ele cortava loureiro para a coroa, imenso frémito, talvez do vento, percorria a floresta. Gosta das árvores e possui grandes vinhedos. Pode portanto conceder-nos horas alegres e com muitas, muitas horas alegres, dar-nos muitos anos ditosos.

Ártemis

10 Canto a gloriosa Ártemis, virgem arisca que traz ao ombro arco de oiro, faz guerra ao veado, brinca com as frechas, é irmã de Apolão e lhe não imveja o chanfalho de oiro, porque também de oiro é o seu arco, donde partem dolorosas setas. Gosta
15 muito de andar à caça, por montes e vales, de cabelos ao vento; quando ela por lá anda, estremece a selva com os rugidos das feras, e até os peixes do mar se assustam. Quantas feras e progénies de feras não tem ela exterminado! Tudo cansa, até as
20 pernas de tão monteira caçadora; e então se recolhe a casa do irmão (grande casa que ele possui em Delfos). E, enquanto se demora por casa de Foibos Apolão, reina muita alegria e há grande animação em todo aquele povo, que é rico. Ártemis, pois, pen-
25 durado o arco e guardado o carcás, preside, vestida e enfeitada como rainha da festa, aos formosos coros das Musas e das Graças. E Musas e Graças põem na letra do canto que Letó é senhora de brancos, ágeis, formosos e famosos jarretes e muito
30 a exaltam por haver parido filhos que superam, e

em muito, os outros imortais, tanto pela inteligência como por nobres empreendimentos.

Vivam os filhos de Zeus e de Letó, de Letó, tão celebrada pela formosura de seus cabelos!

5 De todos tornarei a fazer menção em outro cântico.

A Atenaia

Começo a cantar Palás Atenaia, deusa gloriosa; seus olhos são parecidos com os do mocho; é sapientíssima, de ânimo intrépido, virgem muito res-

10 peitada, protectora de cidades; é mui robusta, gosta que lhe chamem Tritogénea; o previdente Zeus em sua augusta cabeça a engendrou sòzinho e de lá como pode a tirou revestida de armas guerreiras, de oiro, fulgentíssimas: todos os deuses que contem-

15 plaram o caso ou por qualquer maneira souberam do que sucedera, ficaram pasmados em grande admiração; quando saltou da cabeça imortal para diante do Zeus da égide e arremessou o vibrante dardo, o chão do vasto Olimpo estremeceu com fragor, e na

20 terra soou e ressoou medonho estampido, o mar rugiu e enrolou as águas avermelhadas, e todos enfiaram de medo como varados dos olhos redondos e coruscantes da nova deusa...

De repente quedou tudo em magna tranquilida-

25 de! O preclaro filho de Hiperião tinha ou retinha os cavalos do dia como pendurados das rédeas, já quase patejando nas ondas, mas não os deixou mergulhar, enquanto a virgem Palás não despiu os ombros imortais das divinas

30 armas. Com isto muito se alegrou o previdente Zeus.

Alegra-te também, ó filha de Zeus da égide! Recordar-me-ei de ti em novo cantar.

Hestia

Tanto nas mansões dos deuses imortais como nos palácios ou choupanas dos homens tens pousada assegurada e certa, antiga honra só a ti devida, ó venerável Hestia. Tens direito a esta bela recom-
5 pensa e distinta honra, visto que sem ti não há banquetes para os mortais; as primeiras e últimas libações são em tua honra. E também tu, Argeifontes, filho de Zeus e de Maia, mensageiro dos bem-aventurados, que tens por insígnia a varinha de
10 oiro e nos dispensas os bens... ambos vós gostais de visitar nossas casas e de morar connosco.........
sê-me propício e socorre-me com a venerável e amada Hestia: ambos conheceis as boas obras que os homens fazem na terra e sois companheiros da in-
15 teligência e da juventude.

Alegra-te, filha de Cronos; exulta, Hermeias, com tua varinha de oiro. Quando puder, voltarei ao assunto.

À Terra Mãe de Todos

Cantarei a Terra, mãe de todas as coisas, estável,
20 antiquíssima, que nutre de si todos os seres. Todos quantos... ou andam, ou voam, ou nadam... se alimentam de tuas riquezas, ó Terra. De ti procedem os homens que têm muitos filhos e abundantes frutos, ó venerável. A ti compete dar e tirar a vida aos
25 homens. Feliz daquele que tu honras e olhas com benevolência e achegas ao coração: nada lhe faltará, muito lhe há-de sobrar. Para homens tais, o terreno se cobre de frutos, nos campos abunda o gado, a casa se enche de bens. Eles reinam nas ci-

dades com leis justas e formosas mulheres lhes governam a casa e grande felicidade e riqueza os acompanham; seus filhos se mostram senhores de si, com entusiasmo e pueril alegria; as donzelas
5 jogam, saltam alegres, correm ou dançam entre as flores do campo. Tais são os que tu honras.

Eu te venero, mãe dos deuses, esposa do estrelado Céu. Dá-me, em troca deste canto, vida que seja a meu gosto, e mais alguma vez lembrar-me-ei de
10 ti, com mais versos.

O Sol

Toma a palavra, Calíope, filha de Zeus, para celebrar de novo o resplandecente Sol, filho de Eurifaessa («de olhos de juvenca») e do filho da Terra e do estrelado Céu. Dito, pois, está que Hiperião
15 casou com a preclara Eurifaessa e esta lhe deu formosos filhos: a Aurora, e esta, quando no seio cruza os braços, são os braços braçado de rosas; a Lua, e esta, quando sobre as orelhas espalha para os ombros as madeixas, se reveste de suavíssimo esplen-
20 dor; e o Sol, oh! e o Sol traz consigo o clarão da imortalidade!

Este, sublimado em seu carro, ostenta um capacete de oiro bastante maior do que a cabeça, de sorte que os olhos terríveis relampejam por trás da
25 viseira; reveste-se de lâminas finíssimas que parecem incendiar-se ao sopro dos ventos; adiante, em plano inferior, os cavalos puxam o carro de oiro através do céu e desde o fim da tarde pelo oceano dentro.

---

15. Eurifaessa, *Euruphdessa*, etimològicamente, significa: «a de amplo fulgor».

Eu te louvo, ó meu soberano, para que me concedas vida alegre; e, começando por ti, hei-de exaltar a linhagem dos homens semi-deuses, cujas obras pelos deuses aos homens foram reveladas.

À Lua

5 Musas, filhas de Zeus Cronião, amáveis jovens de doces falas, que passais a vida a cantar, por favor ensinai-me o que hei-de dizer à Lua.

Primeiro, direi que ela agita as asas invisíveis no éter escuro e leve e o lança para o rosto à maneira 10 de véu e depois descobre a cara e brilha no céu!

De facto, à hora do Quarto-Crescente, ela descobre uma bochecha; depois a outra: e ao mundo se mostra de cara alegre! E a terra, habitação dos homens, parece uma casa caiada de fresco! Até os 15 cães nas clareiras e os lobos no monte parecem vultos de prata-fosca! E os lobos dizem aos cães: «Bem-aventurados os pacíficos!»; e os cães respondem: «Porque eles não apanharão nada».

E mais rezam os autos que a Lua usa coroa de 20 oiro sobre os macios e formosos cabelos, possui carro e cavalos, e, quando está calor, sai de trem e se vai banhar no oceano: e dizem as más línguas que um dia ao voltar para casa, lá encontrou Zeus metido na cama. A cama era da Lua, e em sua cama 25 se deitou a Lua, sem se importar com quem lá estava. Do feito resultou nascer uma nova deusa, Pondia chamada, dama muito bem recebida e festejada no Olimpo.

Compraze-te, soberana deusa, na alvura de teus 30 cotovelos e na opulência de tuas maravilhosas tran-

ças. Por ti comecei; quando tiver vagar e tempo cantarei os homens semi-deuses, cujas façanhas celebram com suas bem-dizentes bocas os aedos, servidores das Musas.

Os dois meninos de Zeus

5 Por vossos olhos negros vos conjuro, ó Musas, que me faleis dos Dioscuros Tindáridas, ilustres filhos de Leda — Castor, domador de cavalos e o mui cordato Polideuces — que foram nados no sopé do grande monte Taigeto. Do alto do Olimpo, Zeus
10 contemplava, havia muito, a formosura de Leda, e lhe reparava demasiado na alvura dos tornozelos; um dia fugiu do Olimpo, correu pelo Taigeto abaixo, como rude cabreiro. Nela gerou os «dois meninos» que predestinou à salvação dos homens na terra e
15 a pronto socorro dos náufragos. Por isso os navegantes, quando as tempestades enfurecem o mar, invocam e dirigem súplicas aos filhos do grande Zeus; por isso também, os nautas em perigo se juntam na parte mais alta da popa, e lhes oferecem
20 brancos cordeiros. E, quando os ventos rijos e os vagalhões do mar começam a submergir o barco, aparecem repentinamente os Dioscuros, voando através do éter com suas asas de oiro e logo param os terríveis ventos e aplana-se o alteroso pélago em
25 brancacento lago: e o formoso lume ou asas de oiro que então se vêem no ar são indício certo de que o perigo passou, e os marinheiros dão por findos seus penosos trabalhos.

Tindáridas, eu vos aplaudo como bons cavaleiros
30 que sois de rápidos corcéis; e louvar-vos-ei ainda em novo cantar.

EPIGRAMAS

I

Aos Neoteiqueus (1)

Compadecei-vos de quem não acha hospitaleiro acolhimento nem tem casa, ó vós que habitais a alta cidade de Hera (ninfa de olhos meigos), situada nos últimos escalões de Saidena, e aí bebeis
5 a excelente água do Hermo, rio cintilante de palhetas de oiro e que promana do imortal Zeus.

II

De volta a Cime

Levai-me depressa, pés meus, à humilde cidade de homens decididos e de inteligência pronta.

III

A Midas

Virgem sou de bronze em guarda ao sepulcro de
10 Midas. Enquanto bater na praia a onda abafada em espumas, correrem por seus leitos os rios, nascer o Sol e brilhar em suas fases a Lua, neste sítio hei-de estar, bradando a quem passa: está aqui Midas sepultado.

---

(1) Neoteikheus, habitantes da ilha de Neon-Teikhos, ou Novo-Muro, na Mísia.

4. Sedaina ou Sedena: Monte da Eólida.

IV

Homero em sua desventura queixa-se dos Cimaios [1]

Que fado não permitiu Zeus se apoderasse de mim, era eu ainda infante no regaço de minha mãe!

Minha Mãe... é Esmirna, cidade da Eólia. Por vontade do Zeus da égide, os povos del-rei Frícon
5 a rodearam outrora de muralhas. Povos do soberano Frícon, cavaleiros indomáveis de velozes corcéis, que se votavam aos trabalhos de Ares com o ardor e ímpeto do fogo! Ah! Esmirna de à beira-mar, açoitada pelas rajadas que sopravam do ponto, e o
10 brando Meles deslizava límpido pelo meio da cidade!

Saindo dali proposeram-me as esclarecidas filhas de Zeus (as Musas) que cantássemos os louvores da terra e da civilização *(pólin andrôn)*. Cidadãos in-
15 sensatos fecharam os ouvidos às vozes divinas. (Mais de um se terá arrependido de haver, para seu opróbrio, urdido a minha desgraça). Resigno-me com a sorte que a divindade me deu, ao nascer. Suportarei com paciência o malogro de minhas as-
20 pirações e inspirações. Sou de ânimo altivo e ao corpo... não lhe apetece andar mais pelas ruas de Cime. Emigro para outro país; estou cansado, é verdade; mas devagar se vai ao longe...

---

(1) Cimaios: habitantes de Cime.

V

Ao Testórida

Muitas coisas há para o homem escuríssimas; mas nada mais difícil, ó Testórida, do que conhecer cada qual o seu próprio pensar.

VI

A Poseidaão

Ouve-me, robustíssimo Poseidaão que a terra
5 fazes tremer e dominas o grande, altíssimo Helicão! Dá favónios ventos de torna-viagem aos pilotos e gageiros desta nau e a mim concede-me por grande favor que, ao chegar ao sopé do escarpado Mimas, encontre homens sérios e justos e me possa vingar
10 de certo sujeito que me mentiu como cesto roto; quis intrujar o próprio Zeus e desonrou a mesa da boa amizade.

VII

À cidade de Eritreia

Boa terra, munífica, dadora de aprazíveis riquezas! Quanto és pródiga com alguns homens tanto
15 és escassa para outros, que detestas e contra os quais te irritas!

---

2. Testórida: descendente de Téstor. Na *Iliada* vem mencionados dois Testóridos (I, 69, XII, 394).
8. Mimas: promontório na costa da Gónia.

VIII

A uns marujos

Nautas traiçoeiros!... Talvez não tanto como para vós o é a onda pérfida.
Em vós não há sombra de respeito por ninguém; mas também, para não morrerdes de lazeira, no
5 mar maninho, só escasso cibo roubais aos mergulhões.
Respeitai a majestade de Zeus que governa nas alturas, porque a vingança de Zeus hospitaleiro é terrível para quem ofende a generosidade.

IX

Aos mesmos

10 Fostes surpreendidos por ventos contrários? Levai-me de graça na vossa barca, e pode ser que se mudem os ventos.

X

A um pinheiro

Na sinuosa cumeada do Ida, crescem, ó pinheiro, árvores que dão melhores frutos que os teus pinhões.
15 Perto de ti, quando chegarem os homens de Cebrém, há-de encontrar-se ferro de Ares.

---

15. Cebrém ou *Kebrén*, nome de uma cidade e de um rio da Eólida.

XI

Ao cabreiro Glauco

Glauco, como guardas rebanhos, quero meter-te
na cabeça um bom e útil pensamento:
Primeiro, dá de comer ao cão que guarda o pá-
tio, porque ele é o primeiro que dá rebate de ho-
5 mem que se aproxima ou de fera que entra na
cerca.

XII

A uma sacerdotisa de Samos

Deus, a cuja guarda estão confiados os jovens,
faze que esta mulher feche a porta aos novos e a
abra aos velhos curvados de cãs; estes farão das
10 tripas coração.

XIII

Palácio da Fratria

Os filhos são a coroa do varão; as torres, o dia-
dema da cidade; os cavalos são a formosura da
planície; os navios animam e decoram a extensão
dos mares; as riquezas aformoseam e aumentam a

---

9. Ao velhote, que esta babuseira escreveu, o escoliasta Faustino Xavier de Novais fez o seguinte remoque:

«Pobre velho, estás perdido,
«Se nesse peito tão duro,
«Pode ainda fazer-te um furo
«Uma seta de Cupido».

casa; os venerandos reis são o ornamento dos cidadãos que neles se revêem e ufanam: para um bom entendimento, porém, mais respeitável e agradável é o lar aceso, quando Zeus nos arremessa a neve
5 sobre os telhados e nos despeja chuva a potes.

XIV

O forno e o vaso de barro

Cantar... cantarei, ó oleiros, mas tendes de me pagar bem. Atenaia, vem cá e benze este forno, para que o barro fique no ponto devido e as vasilhas tomem as cores que lhes condizem, e assim a
10 loiça saia boa, e se venda bem na praça e ruas e os oleiros fiquem contentes e eu tire algum proveito.

Se, porém, vós me sairdes fraudulentos, desavergonhados, eu conjurarei contra o forno os grandes
15 génios da malvadez, piores que peste: virá Síntrips, há-de vir Smáragos, apresentar-se-á Sabactes, não há-de faltar Omódamos, que farão os maiores estragos em vossa indústria. O pórtico há-de cair e a casa voará incendiada! A boca do forno há-de
20 ganir como boca de cão ou soprar e resfolgar e relinchar como boca de cavalo! O bojo do forno tornar-se-á côncavo de um lado, do outro esbarrigado! Da fornada só hão-de sair cacos

---

15. Síntrips=o Atrito.
16. Smáragos=o Estrondo.
16. Sabactes=o Destroço.
17. Omódamos=o Dano.

negros e recozidos como rijões de forja! Vem também, ó filha do Sol, bruxa Circe, farmacêutica conhecedora de muitos venenos, traze as tuas drogas, para darmos cabo destes merca-panelas! Vem,
5 Queirão com os Cetauros, tanto os que escaparam da moca de Heraclés como os que morreram (os defuntos ajudarão a fazer medo a estes trampolineiros)! Se alguém se inclinar sobre o forno a lamuriar, salte-lhe o fogo às barbas, para que aprenda
10 a ser honesto!

XV

Cantar de mendigo

Chegamos a casa de homem mui poderoso que alrota grandeza e grandiosidades; é e sempre foi feliz.

Abri-vos, sem mão, ó portas: a riqueza quer
15 entrar, e com ela a alegria em flor e a santa paz. Apresentem-se quantas vasilhas há, todas hão-de ficar cheias, a tresbordar. A massa do pão inchará tanto que há-de encher a masseira. Venha de lá uma torta de cevada e sésamo que contente os olhos,
20 faça crescer a água na boca e depois regale o paladar! ....

A mulher do teu filho há-de vir de carruagem. Mulos de rijas patas a hão-de trazer a esta casa. E ela tecerá fina teia, sentada em seu mocho de âmbar.
25 Cada ano será certa minha visita como de andorinha que vem ao teu beiral.

Estou à porta... No chão hei-de deixar meus pés descalços bem marcados... Para me despedir, não é preciso que tragas muito... Se me dás, dá; se

não, da mesma sorte me vou embora, que não vim a esta casa para me casar.

XVI

Aos pescadores

Diz Homero: Pescadores da Arcádia, tendes alguma coisa que se coma?

5 Respondem os pescadores: O que apanhámos... deixámos; o que não apanhámos trouxemos.

Homero: Não degenerastes do vosso sangue; vossos pais não eram lavradores abastados nem pastores remediados.

XVII

No sepulcro de Homero

10 Aqui a terra cobre um objecto sagrado: a cabeça do cantor dos Heróis, do divino Homero.

RELÍQUIAS DE ALGUNS POEMAS ATRIBUIDOS A HOMERO

Do poema satírico *Margites.*

1). *Muitas coisas sabia Margites* (personagem tola e infatuada); *mas tudo sabia mal.*

2). *Não o fizeram os deuses cavador nem lavrador, nem capaz de outra coisa qualquer: faltava-lhe engenho e arte.*

3). *Veio a Colofão um ancião, aedo sublime, mente às Musas dada a de Apolão servidor, de Apolão, cuja seta, mesmo de longe, nos pica e morde: sustinham as mãos do ancião a melodiosa lira.* (Contraste de Homero com Margites, a fátua personagem).

4). *Muitas coisas sabe o zorro, mas «quem a sabe toda» é o ouriço-cacheiro.* (Por andar bem armado?).

CIPRÍADA

1). Houve tempo em que as tribus humanas cresceram em excesso: a Terra tinha muito bojo, mas pouca superfície para tanta gente. Zeus, ao notar o facto, teve pena da Terra, que a todos tem de dar de comer e alojamento, e em seu prudente espírito resolveu aliviá-la de tamanho formigueiro, excitando a guerra. Foi assim que os heróis se mataram uns aos outros em Tróia. Cumpriu-se a vontade de Zeus. *(Escólios a Homero).*

2) As Graças e as Horas lhe fizeram e lhe tingiram (a qualquer diva) um vestido em tudo igual ao que trazem as Horas: as mesmas flores primaveris, o mesmo açafrão, o mesmíssimo jacinto, iguais violetas, frescas e perfumadas rosas de cálices lindíssimos e o indispensável narciso orvalhado. Afrodita é freguesa desta loja. (Ateneu, *Banquete dos Sábios*).

3) Afrodita, rindo, e suas donzelas, colheram rosas de esquesita fragrância: puseram grinaldas de flores da terra, em vez de luzentes diademas, nas cabeças das deusas. E Ninfas e Graças e a áurea *Afrodita* cortaram pelo Ida acima, cantando bela e rijamente. Elas cantavam e as fontes do Ida murmuravam. (Ateneu, *B. dos Sábios*).

4) Leda era filha de Némesis .... Némesis foi mãe de Leda, por ter sido obrigada a unir-se amorosamente com Zeus .... Fugiu quanto pôde e por onde pôde, porque tinha medo de Zeus e muita vergonha: meteu-se pelo mar dentro, demudou-se em peixes de várias espécies, tamanhos e feitios; afundou-se no mais escuro do abismo, deslizou sobre as ondas do mar alto, refugiou-se no continente, transformou-se em fera e refilou ao amante perseguidor com todas as carrancas, dentes e dentuças possíveis e imagináveis. (Ateneu, *ibidem*).

5) Os deuses, ó Menelau, inventaram o bom vinho para nele se afogarem as inquietações dos homens. (Ateneu, *ibidem*).

ÍNDICE

CORRECÇÕES

Pág. XIII, l. 2	— leia-se:	*hoje se reflecte*
» XIII, l. 4	— »	*literatura*
» 65, l. 18	— »	*mugiram*
» 103, l. 27	— »	*da afronta*
» 114, l. 11	— »	*deu-lhe uma recompensa*
» 122, l. 32	— »	*taramelar*
» 166, l. 14	— »	*deste*
» 181, l. 5	— »	*Centauros*